

O troar dos canhões MUDA O MAPA DA ÁSIA

Os canhões indianos despedaçaram o mapa da Ásia que conhecemos há vinte anos. Agora, há novas realidades a levar em conta: o Paquistão, reduzido à faixa ocidental, tornar-se-à cada vez mais dependente da China e dos EUA para sobreviver; o Bangla Desh terá de enfrentar a cobiça do seu vizinho indiano; e a Índia fortalece-se na sua política de disputar com Pequim a hegemonia continental. (Pag. 9)



Empolgado pela alegria da vitória, o Bangla Desh terá de pensar já nos milhões de vítimas causados pela guerra de emancipação. Pelas estradas que levam a Dacca, o quadro é arrepiante: multidões famintas reclamam assistência urgente. E, como sempre, as crianças são as vítimas principais. Ao colo das mães (como nesta foto enviada através do satélite pelo repórter Arthur Steel, do «Sun») ou arrastando-se no meio dos cadáveres que juncam as rodovias e as ruas lamacentas das aldeias, elas refletem nos rostos o espanto e o terror, os estigmas da fome e do medo

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

A



VOLTA

A

PICAR



SOLNADO ATACA DE «TARTUFO»

No «Jornal dos Espectáculos», a nova coluna dominical, tudo sobre «Tartufo», agora com Raul Solnado no papel título. No Suplemento Literário, (oito páginas destacáveis), Eduardo Guerra Carneiro dirige uma «Carta-aberta a Romeu Correia». E há também horóscopo, passatempos, a crónica dos sete dias, críticas, etc.

Mitos e adeptos da droga: o falso romantismo arrasa a juventude

A análise sócio-romântica, tipo «mal do século», à maneira de 1830, tende a criar à volta da droga uma aura, um «glamour» de auto-destruição do género «poeta maldito», com nobres ecos contestatários visando a transferir toda a responsabilidade para os males sociais. Evidentemente, o pobre romantismo desta «justificação» só pode favorecer um clima propício à epidemia - é o que afirma o romancista Romain Gary na extraordinária reportagem interpretativa que publicamos hoje, Gary, que em

função das suas actividades de escritor e cineasta mergulhou no mundo dos alucinógenos, durante seu trabalho nos Estados Unidos, observa que, actualmente, basta tomar um pouco de heroína para passar

a ser um «desesperado» interessante. O desespero - diz ele - «compensa» sempre, quando se quer orná-lo com uma tenebrosa beleza. E conta como assistiu aos primeiros passos do LSD na Califórnia.

Agora todos amam Maria Rosa



Ela tem 20 anos, chama-se Maria Rosa e ganhou três mil contos no Totobola. Resultado: agora está a receber de todo o país cartas e telegramas com propostas de casamento. De repente, todos passaram a amar perdidamente esta jovem que ainda brinca com bonecas e que, até há poucos dias atrás, experimentava as agruras de uma vida difícil na grande cidade. Por isso mesmo, ela conhece a vida, não vai em cantigas. Seu noivo, que é alfacinha do Alto do Pina, encarregar-se-à dos investimentos e, entretanto, medita nas propostas, entre elas a de um senhor que se diz «angariador de propriedades, com conhecimentos de engenharia civil e matéria jurídica» e que quer vender um prédio a Maria Rosa. (Reportagem de Augusto Vilela nas páginas centrais desta edição).

A DROGA, os seus adeptos e os seus mitos

O problema da droga acarreta neste momento uma série de ataques de esquerda e de direita não são desprovidos de uma certa inquietação, que tende para uma posição moral inserida no xadrez ideológico.

Ou é a «permissão» que é censurada, apelando-se para maior pressão da autoridade sobre a juventude, ou é a «podre sociedade capitalista», e um convite á reviravolta que recolocará tudo em ordem. «Com-

preensão», «repressão», «disuasão», são as palavras mais utilizadas: muito vento nas velas, o que permite deslizar na superfície, sem os problemas das profundidades perigosas. Abundam as contradições.

A análise socio-romântica tipo «mal do século», á 1830, tende a criar á volta da droga uma aura, um «glamour» de autotestificação, do género «poeta maldito», com nobres ecos de protesto social e que, pesadamente transfere toda a responsabilidade para os ombros da sociedade. O pobre romantismo desta «justificação» não pode senão favorecer um clima propício á epidemia. Bastará tomar um pouco de heroína para passar a ser uma espécie de «desesperado» interessante. Foi já um pouco a operação Drieu La Rochelle em «Feu Follet», e de Ernst von Salomon em «Les Reprouvés», na altura da sua ligação com o nazismo. O desespero compensa sempre, quando se quer orná-lo com uma tenebrosa beleza.

Encontrei, no decurso dos últimos quinze anos, centenas de jovens drogados. Assisti na Califórnia, aos primeiros passos do LSD. Poderei dizer que algumas escolas psiquiátricas têm uma grande responsabilidade na propagação desse veneno? Com efeito eram em grande número os médicos que no ano de 1955, acreditavam na terapêutica pelo LSD: dizia-se que, administrando-o ao paciente, se tornava possível praticar com ele uma psicanálise «assombrosa», conseguindo-se «curas» em poucas semanas. Sabemos hoje as consequências destas ilusões.

Conheci Aldous Huxley no início das suas experiências com os drogados, as quais dizia-se na altura «abriam» mundos novos aos criadores: isto foi, para Aldous Huxley e para tantos outros, o fim de toda a criação. Vi raparigas de dezassete, dezoito anos, exploradas sexualmente depois de uma deliberada iniciação na morfina e na cocaína. Os «gangsters» de Chicago habituavam na heroína as mulheres que, em seguida lançavam na prostituição. Introduzir, num tal contexto uma noção de «revolta social» constitui um desvio do problema da infelicidade de seres humanos para um fim de facilidade ideológica, para não dizer demagógica. Dizer que uma sociedade por tão má que seja atrai as pessoas para a toxicodependência, é esquecer que os jovens nazis, para não falar na juventude esmagada hoje nos

países totalitários, não se entregavam ao uso da droga.

Em cada dez casos que eu segui pessoalmente sete tinham começado por um envenenamento premeditado para um fim de servidão de um ser a outro, num contexto «erótico» homossexual ou heterossexual. A perversidade do iniciador tem aí um papel fundamental. E ele consegue assim, o desvio psíquico do drogado que quer ver á sua volta, por necessidade de se sentir só os «camaradas» reduzidos ao mesmo estado que ele.

o pai ou a mãe. Segui, pessoalmente - tentando, em vão, ajudá-la uma jovem que se destruiu pela prostituição e que se meteu na heroína por ódio ao pai, indiscutível e diagnosticado pelo seu psiquiatra.

O que há, ao contrário de curioso é que alguns condenam a família enquanto «instituição burguesa retrógrada», ao mesmo tempo que explicam o recurso á droga pelo declínio do papel do pai na família. Assim estes psicossociólogos reclamam o fim da autoridade paternal, razão,

Para o «dossier-droga», «Le Monde» divulga o testemunho de Roman Gary, que, pelas suas funções diplomáticas foi cônsul-geral de França em Los Angeles de 1956 a 1960 e, depois, pela sua actividade de escritor e de cineasta, teve que acompanhar, pelos Estados Unidos, vítimas da droga, e reflectiu sobre as causas e as consequências deste flagelo.

Aqui reside uma das razões mais observadas pelo proselitismo neste domínio. Uma perversidade análoga tinha já sido notada pelos historiadores da sifilis, que constatavam muitas vezes em alguns doentes uma vontade deliberada de infectar o maior número possível de parceiros. Logo que um drogado contamina um camarada, iniciando-o no veneno, não é á solidão no seio de uma sociedade de hostil que ele quer escapar, mas á sua própria solidão.

Os factores familiares e sociais agravam a situação. Conheci drogados e prostitutas que se preocupavam em «castigar»

segundo eles, de tantos traumas, e atribuem o recurso á droga ao... declínio dessa mesma autoridade. Todos os meios são bons para anexar os drogados em proveito de uma ideologia de esquerda ou de direita.

A falta de carácter não é uma coisa que possa ser imputada á sociedade. Quanto ao abandono cultural isso é indiscutível, mas durante quanto tempo se continuará a propagar esta inépcia de sentido totalitário e que testemunha claramente uma vitória póstuma do fascismo, segundo a qual é a sociedade que se deve

Continua na página seguinte

compre um bom carro usado

E um bom carro usado pode encontrar na stampor

TRIUMPH

1300 2.5 PI
1300 TC SPITFIRE
2000 GT 6

ACEITAM-SE TROCAS

Stand aberto até às 24 horas
de 15 a 22 de DEZEMBRO; INCLUSIVE

Av. Infante Santo, 15-A - Lisboa

stampor, SARL

Rua Tomaz Anunciação, 11
LISBOA Telef. 66 5145

Facilidades de pagamento

Pretende para o seu Departamento Comercial

EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

Que possuam os seguintes requisitos

- 2.º ciclo liceal (pelo menos uma secção completa sem deficiência) ou equivalente oficial
- Sexo masculino
- Nacionalidade Portuguesa
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Menos de 36 anos de idade

OFERECE

- Vencimento inicial compatível com as condições exigidas e responsabilidades inerentes às funções
- 13.º mês
- Subsídio de férias
- Salários diferidos
- Regalias sociais
- Viagens

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

- Inscrições no Serviço de Administração do Pessoal Edifício 25 - 1.º andar Aeroporto de Lisboa

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

PEUGEOT

MAQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR A LOUÇA*

100% Automáticas Aço inoxidável

* Com capacidade para um serviço completo de 8 pessoas

PEUGEOT
a qualidade que não se discute

SABEL

Rua de D Estefânia, 98/A - LISBOA
Rua de Sta Catarina 1209 - PORTO

O ESPECTACULO DE NATAL POR EXCELENCIA.

A princesa com pele de burro

Van d'Arc

um filme de Jacques Demy

Catherine / Jacques / Jean
Deneuve / Perrin / Marais

Eastmancolor - Grupo B (10 anos) - C.I.C. / SONORO

AMANHÃ ESTREIA

ÁS 21,30 NO TIVOLI

ATILVA

RESTAURANTE DE LUXO

Serviço de Bar
das 15h e 30m às 24h

Rua de S. Julião

PARA VOS SERVIR

incumbir do «dever» de apontar um objectivo para a vida dos indivíduos? Quanto tempo ainda se continuará a reclamar a «liberdade» e se ficará indignado porque a nossa sociedade se recusa a tomar conta da alma da esperança dos sonhos, da felicidade e das escolhas de cada um? E a juventude, que eu saiba nunca se apresentou com um ideal junto aos governantes. Uma sociedade pode reparar os homens para escolher e se escolher, mas cada um de nós é convidado a encontrar-se ou a perder-se pelos seus próprios meios. O recurso à droga está, certamente relacionado com a doença materialista da nossa civilização, mas está, sobretudo, ligado à explosão demográfica.

O número de seres humanos em circulação, a compressão demográfica, são tais que cada adolescente se sente diminuído ao entrar na vida, se sente esmagado, despersonalizado sob o peso do número o que explica o fenómeno do «tribalismo», dos grupos: o indivíduo procura crescer, reforçar-se pela transferência para o «grupo-indivíduo». Com a explosão do número, cada unidade perde o sentido do seu valor, da sua responsabilidade, do seu poder, das suas possibilidades e da sua dignidade: a partir daí, tudo é permitido, tanto a droga como o assassinato. Mas será vão pretender que se trata de um mal inerente a este ou àquele sistema social. Desde a demência da revolução cultural na China vimos na rua as «matilhas assassinas» desses enraivecidos...

No decurso de um debate televisado de que acabo de participar, os senhores Baumel, Boulon e Comiti, membros do

governo, recusaram-se nitidamente a fazer a distinção entre as diversas drogas, no plano das sanções: entre a heroína e a marijuana, por exemplo. Parece-me que a reviravolta que se está a dar na nossa civilização vai levá-los a renunciar a este ponto de vista, mais tarde ou mais cedo, e quanto mais cedo melhor.

Tudo indica, com efeito, que estamos a entrar na idade do «complemento» químico para a existência quer dizer, a droga. Um homem tão lúcido como Arthur Koestler pede à bioquímica para alterar a dicotomia inerente aos nossos «dois cérebros» em conflito permanente. Os neurólogos descobrem - ou redescobrem como no caso do «lithium» - estabilizantes nervosos notavelmente eficazes contra as depressões ciclotímicas. Fala-se já da acção química contra os genes defeituosos. Trata-se de um processo tão irreversível como a tecnologia e talvez do início de uma salutar revolução biológica. Face a esta evidência, meter as drogas «culpáveis» no mesmo saco revela uma recusa quanto a olhar francamente o futuro. As vítimas dos derivados químicos nefastos são as patrulhas perdidas numa exploração cujos resultados podem revelar-se favoráveis à humanidade.

E necessário que se diga também que, contrariamente ao que George Orwell tinha previsto em «1984», nós caminhamos em direcção a uma sociedade cada vez mais dividida nos costumes nos hábitos e no modo de vida. O enfraquecimento do indivíduo terá, cada vez mais como consequência a procura de experiências comuns, e a dro-

ga desempenhará um papel definido nestas «uniões». A civilização evolui em direcção a um micro-sociedade que se formará no interior das superestruturas sociais de produção e de distribuição cada célula, seja, clã «fraternidade», etc., recrutando os seus adeptos segundo as regras de vida, crenças, costumes e gostos específicos e variados. Um milhão e meio de casais (pessoas casadas) aderiu ao «seco em grupo», nos Estados Unidos. As infra-sociedades de homossexuais, de **hippies**, de novos «adeptos de Jesus» e milhares de outras formam «colectivos», tão ocultos quanto organizados. A nostalgia da diferença a necessidade de fugir às normas impostas pelos outros, são perceptíveis em toda a parte.

Estudou-se o papel que a televisão vai desempenhar neste domínio quer em termos de isolamento de retraimento, quer em termos de comunicação no seio de cada «fraternidade», e o papel que lhe cabe no «estabelecimento» e no particularismo destas comunidades «à parte», tal como sucedeu já na América. Entre estas infra-sociedades, marginalmente esperemo-lo quer se queira quer não, haverá comunidades onde tal ou tal droga conhecida ou ainda desconhecida terá o lugar de transcendente pedra filosofal. Mais do que encetar um combate punitivo global, mais do que proclamar a equação droga-heróina-decadência-e-morte, conviria pelo contrário separar estudar e combater, para evitar o pior, a começar pela heroína, as anfetaminas e o LSD, e procurar os meios científicos de denunciar e demonstrar esses perigos.



Romain Gary

Quanto aos traficantes impõe-se o esmagamento impiedoso dessa gentilha mas esse problema ultrapassa o da droga em si mesma.

Duma maneira geral, caminhamos para uma época na qual a vida real cederá lugar, cada vez mais à irre realidade: televisão, divertimento ou cultura, a transferência do interesse para o desconhecido, para o que está para além do real, começa desde agora, a dominar os países de tecnologia avançada. As sociedades de predominância mitológica - o Egipto, os Aztecas ou os povos da era cristã - tinham resolvido esse problema à sua maneira. Para a nossa civilização materialista, sem além, a irre realidade, sob todas as suas formas, invadirá progressivamente tudo o resto, porque se tornará cada vez mais mercenária. Não poderá mais haver uma sociedade completamente materialista, sem que seja, também uma civilização do «esquecido». Que isto se passe nas sociedades pequeno-marxistas ou para-capitalistas, a evasão da dimensão do real é inelutável.

Em vez de se negar esta evidência seria melhor reconhecer francamente que nós entrámos definitivamente na época das alterações químicas do ser, da qual é impossível prever as consequências, mas que é preciso encarar corajosamente, sem hipocrisia, com inquietação, por certo - vamos em direcção ao desconhecido - mas sem medo, pois que o que este futuro nos vai trazer dependerá uma vez mais, do eterno imponderável que nos livrou por vezes de outros apuros: o génio humano.

SE VIAJA...

POR PRAZER...
EM NEGÓCIOS

VIAGENS IT

AVIAO, HOTEIS,
VISITA DE CIDADE

TRANSNAUTICA

AGENCIA DE VIAGENS
E TURISMO

Rua Duque de Palmela, 35
Telefones: 4 26 40 - 4 93 54
LISBOA



**SALÃO DE CHÁ
LUNCHES**

Rua de S. Julião

**PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA**

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

SETE DIAS

A "Cimeira"

A «cimeira» dos Açores constituiu o ponto alto da semana internacional. O comunicado conjunto dos presidentes Nixon e Pompidou ficou a ser o documento que passa à história da conferência e nele há que salientar a concordância dos dois presidentes nas medidas a tomar para pôr fim, rápido quanto possível, à crise monetária internacional. O ponto fundamental do comunicado terá de ir procurar-se ao assentimento do presidente Nixon em desvalorizar o dólar, desvalorização essa que está agora a ser tratada na reunião do «Grupo dos Dez», em Washington. O ambiente de franca cordialidade que reinou entre os dois presidentes, não evitou, porém, as divergências de posição dos Estados Unidos e da França, expressas em Washington pelos ministros Connally e d'Estaing.

2.ª FEIRA

No Conselho de Segurança das Nações Unidas a Índia anunciou estar disposta a aceitar o cessar-fogo, desde que o Paquistão retirasse as suas tropas do Bangla Desh e fosse reconhecido o direito à autonomia do povo bengali. Todavia, os indianos não permitiram que se tentasse qualquer acordo, prosseguindo a sua ofensiva em terras do Paquistão Oriental.

Na revista «Newsweek», Stewart Alsop escreve que os chineses exterminaram a quase totalidade do seu comando militar. A revelação de Alsop vem apenas dar mais força às especulações sobre o destino de Lin Biao, o «ex-futuro» sucessor designado de Mao.

3.ª FEIRA

De novo o Conselho de Segurança da ONU como vedeta. Evidência dispensável. A União Soviética exerceu pela 108.ª vez o seu direito de veto opondo-se a propostas para um cessar-fogo imediato e retirada de tropas no âmbito do conflito indo-paquistão. Mais do que um interesse autêntico e legítimo no conflito em si, sobressai crescente diferendo sino-soviético. Huang Hua aproveitou para reforçar a posição chinesa.

4.ª FEIRA

A 7.ª Esquadra americana encaminhou-se para o estreito de Bengala. Oficialmente, os navios norte-americanos, entre os quais se contava o porta-aviões «Enterprise», tinham como missão evacuar os cidadãos americanos do Paquistão.

Por outro lado, depois de chegar dos Açores, Nixon desmente que tencione cancelar a sua visita à União Soviética. No caso de continuar o encamamento da Índia à acção armada no Paquistão, a visita poderia vir a ser encarada por outro ângulo.

5.ª FEIRA

Dacca caiu em poder das tropas indianas depois de vários dias de luta às portas da cidade. O general Niazi anunciou a rendição das suas forças para evitar o massacre da população civil, dado que os indianos não cessavam os bombardeamentos à capital do Paquistão Oriental.

Entretanto, no Índico, juntam-se aos navios americanos, unidades da esquadra soviética numa atitude de vigia que já vem desde o Mediterrâneo e que encontra agora um bom motivo para se estender ao Índico. Um correspondente americano detectou vozes soviéticas a bordo de navios porta-mísseis da armada indiana.

Chega-se à segunda semana da luta pela presidência da República italiana, sem que nenhum dos candidatos reúna o número de votos suficientes para ser eleito (pelo menos 505). Francesco de Martino continua a aparecer em vantagem, mas só uma solução de compromisso na qual os comunistas terão pa-



Fanfani

6.ª FEIRA

pel importante, deverá poder resolver o problema. Para já, Saragat não tem ainda sucessor.

Em Londres, é alvejado a tiro o embaixador da Jordânia. Depois do atentado no Cairo, de que resultou a morte do primeiro ministro Wasfi Tell, os guerrilheiros árabes parecem dispostos a não dar tréguas às entidades ligadas ao regime do rei Hussein.

O Paquistão aceita o cessar-fogo na frente Ocidental, proposto por Indira Gandhi. O presidente Yahya Khan, num comunicado ao país afirma que a guerra não resolve qualquer problema, salientando a necessidade de diálogo com a Índia. Na véspera, o presidente paquistão pronunciara-se pela continuação da luta.

Em Washington, principiou a reunião do «Grupo dos Dez». Incógnita. As medidas a adoptar são vastas e uma reunião de dois dias não permite longa troca de pontos de vista.

Em Itália, Fanfani não desiste da sua candidatura, o que prejudica a democracia cristã nos arranjos de uma solução para encontrar presidente.

A notícia da doença de Maurice Chevalier enche de tristeza o mundo do espectáculo, e não só. O francês é uma figura que ultrapassou o domínio do music-hall.

SÁBADO

O Bangla Desh fez saber em Washington, que os soldados do Paquistão Ocidental aprisionados no sector Oriental não seriam libertados até que o xequer Mujibur Rahman fosse posto em liberdade. Rahman é o presidente teórico do novo Estado do Bangla Desh, estando detido há muito tempo pelo presidente Yahya Khan.

Em Rawalpindi foi anunciada que Ali Bhutto é o novo primeiro ministro paquistão.

Adriano Cerqueira

LIVROS INFANTIS PARA PRENDAS DE NATAL POSTERS - DISCOTECA

Parceria A.M. Pereira, Lda

LIVREIROS - EDITORES
3. AUGUSTA, 44-54 - TELEF. 36 17 30

LISBOA

PARA FACILIDADE DOS SEUS CLIENTES:
TAMBÉM EM BENFICA

PRAÇA DR. NUNO PINHEIRO TORRES, N.º 2-A

compre na

Carlar
tudo para o seu carro e lar



ELECTRODOMÉSTICOS

LISBOA: sede: Rua Luís de Camões, 5A/B
filiais: Rua de Santa Marta, 33A
SETUBAL: Avenida 5 de Outubro, 182

FACILIDADES ATÉ 24 MESES SEM ENCARGOS

Revolução em ritmo de comédia



Belmondo: um alegre revolucionário

TÍTULO: «Os Noivos da Revolução» (Les Mariés de l'An Deux)

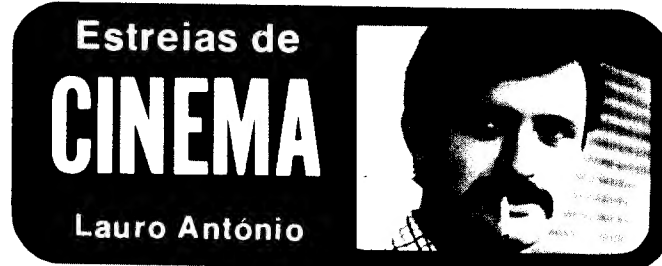
REALIZAÇÃO: Jean-Paul Rappeneau, 1971 (França)

INTÉRPRETES: Jean-Paul Belmondo, Marlène Jobert, Laura Antonelli, Michel Auclair, Sami Frey, Pierre Brasseur, etc.

DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castello Lopes.

ESTREIA: Cinema Império (16/12/1971).

Jean-Paul Rappeneau é decididamente um homem irreverente. Depois de ter tratado em tom de *vaudeville* os tempos da resistência ao ocupante alemão (*Escândalo no Castelo*), volta a sua atenção para os anos da Revolução Francesa e dirige *Os Noivos da Revolução*. Entre a sua primeira película e esta, cinco anos de intervalo. Porquê, quererão alguns saber. Pois os dois primeiros passos os Rappeneau cuidando do argumento e da planificação desta obra com que ele sonhava há muito; os restantes andou de porta em porta mendigando uns cobres largos para um orçamento de superprodução à francesa. No final de



tudo isto conseguiu a «massa» necessária e um elenco poderoso, onde sobressaem duas «cabeças de cartaz»: Jean-Paul Belmondo e Marlène Jobert, que vão aqui muito bem. Mas não só eles, porque neste aspecto *Os Noivos da Revolução* é um regalo para o espectador. Na verdade, todos os intérpretes ditos secundários estão à altura dos pergaminhos que os seus nomes representam, alguns até se excedendo, casos de Sami Frey ou do cabotino Pierre Brasseur.

Mas, regressemos ao princípio. Não ao verbo. Belmondo é Nicolas Philibert, o noivo. Francês, chegou clandestino à América e regressou milionário (ou quase) à sua terra natal. O barco aporta a Nan-

tes, e, com Philibert, vem um carregamento de trigo. Os tempos são os da Revolução. Ano II. Philibert deixou na América uma noiva que espera e vem a França aproveitar uma das primeiras leis decretadas pelos burgueses que ascenderam ao poder: o divórcio. A mulher, Charlotte (Marlène Jobert), partirá para a guerrilha com um marquês. *Les Mariés de l'An Deux* será, portanto, a história da perseguição que Philibert move a Charlotte para conseguir o divórcio. Mas, divorciado, a situação mantém-se... Este o esqueleto, a ossatura sobre que assenta o essencial desta comédia trepidante e louca, que levanta desde logo um problema moral de certa gravidade: será lícito, hoje em

dia, fazer um filme sobre a Revolução Francesa que coloque, lado a lado, realistas e revolucionários, brancos e vermelhos? É evidente que Rappeneau não é tão primário como tudo isto. A sua sátira observa a lei de certas modelações de tom, tendo em vista os dois campos adversários. Mas, mesmo assim, será lícito, moralmente lícito, satirizar uns e outros?

Cremos que longe vão os tempos que não permitiam o humor perante a «gravidade» de certos temas. Até porque, não nos cansamos de ouvir, «o riso é uma arma poderosa». Mas, o exercício desse humor deve ter em conta o objecto sobre que ele se exerce. Ou seja, no caso presente: tanto realistas, como revolucionários verteram o seu sangue durante os anos da Revolução. É certo! As razões que estavam na base das duas atitudes, essas é que eram deametravelmente opostas, ainda que tendessem ao mesmo fim: a conquista do poder. Isto é: enquanto os aristocratas procuravam manter um estado de coisas que favorecia a sua classe, os burgueses, apoiados nas classes populares, procuravam substituir-se à realeza e passar a controlar o poder. Quando Rappeneau arrebanha gregos e troianos num mesmo saco está a ignorar uma premissa que nunca deveria esquecer. Mas, actualizemos um pouco o que efectivamente aconteceu nesses anos. Na época, integrada num contexto preciso, a Revolução Francesa foi uma etapa profundamente progressiva na História da Humanidade. À luz das pretensões modernas, que dizem, contudo, os historiadores políticos? Pois que as classes populares não alcançaram realmente grandes vantagens com a substituição do poder. Até 1789 foram os aristocratas que detiveram a força. Daí em diante, a burguesia ascendeu a um plano de domínio, não só económico, como também político. Tanto o proletariado como o campesinato, porém (e apesar de terem generosamente entrado na luta), não viram a sua condição modificar-se muito. A não ser na denominação do explorador: agora é o burguês que se agarra vigorosamente à máquina do poder, tal como anteriormente o fizera a nobreza. A esta luz já os propósitos de Jean-Paul Rappeneau se nos afiguram bem mais defensáveis num plano moral. Na verdade, ao longo de toda a história, tanto no campo da flor de lys, como do lado dos cidadãos, grupos de desprotegidos permanecem ou observadores desinteressados do espectáculo ou intervenientes que o futuro atraíam. Posta a questão nestes termos, resta ao espectador optar.

Onde, todavia, o filme de Rappeneau nos parece quase modelar é no ritmo de narrativa que consegue manter em grande estilo até ao intervalo, vindo depois a desfalecer um pouco nas sequências finais, onde se prova que os responsáveis não tinham decididamente «pernas para os noventa minutos da contenda corridos a uma velocidade verdadeiramente demoníaca». As situações alternam com uma versatilidade toda feita de inteligência e sensibilidade, merecendo ainda referência especial os diálogos sibilinos de Daniel Boulanger e a fotografia esplendorosa de um mestre que há muito não víamos: Claude Renoir.

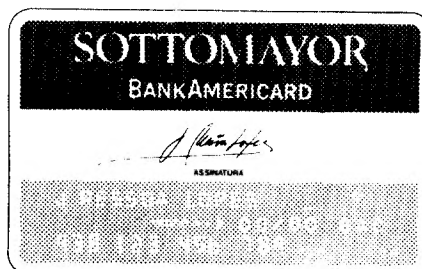
Sem a leveza e a espontaneidade que caracterizavam *Escândalo no Castelo*, *Os Noivos da Revolução* é ainda assim uma comédia a reter, na linha do melhor de Broca ou Deville, aqueles que mais viva mantém a discreta tradição do humor francês.

um Calmo Natal

Se o azevinho tivesse aroma, agora cheirava a azevinho.
O azevinho desta época dos outros em que os outros pensam em si.

E Você vai-se esquecer que as crianças são infernais
(e são, mas dois dias sem elas é o vazio), que o seu marido se esqueceu do dia dos seus anos
(mas arrependeu-se com uma convicção tão desarmante), que a sua amiga Clara é uma chata
(mas atura os seus «não posso mais» e sugere-lhe mil razões para poder).

E para cada um, Você vai percorrer as lojas, metódicamente,
procurando o pequeno qualquer coisa que vai dar prazer. Entusiasticamente.
Mas com bom-senso. E, neste campo, o bom-senso chama-se Cartão Sottomayor.
É o Cartão Sottomayor que reduz os seus pagamentos a um simples gesto, a uma assinatura.
Os trocos são inexistentes. A preocupação de trazer consigo muito dinheiro, evitada.
Você vê com calma, escolhe com calma e paga com calma. Com o Cartão Sottomayor.
Na era de rapidez obrigatória, o Cartão Sottomayor deseja-lhe (e proporciona-lhe)
um calmo Natal.



CARTÃO SOTTOMAYOR

A cantora Marianne no hospital psiquiátrico

Marianne Faithfull atriz e cantora «pop», está sob tratamento psiquiátrico num hospital de Londres. Norman Smith, secretário do Hospital Psiquiátrico de São Bernardo, disse: «Miss Faithfull é uma paciente voluntária, e está sob tratamento há quinze dias».

E acrescentou que Marianne, de 24 anos, se tinha registado no hospital com o nome de Jane Grey.

O São Bernardo é um hospital com mais de dois mil pacientes, voluntários uns, outros obrigados por prescrição médica.

INFELICIDADE

Miss Faithfull ocupa uma enfermaria juntamente com muitos outros doentes e não tem qualquer tratamento privado nem condições especiais. Mas pode receber visitas. Diz Mr. Smith: «Sendo uma paciente voluntária, é livre para sair quando assim o entender. Miss Faithfull não está na secção de drogados do hospital».

Na agência de Marianne, a International Famous Agency, em Mayfair, disse um porta-voz: «Não sabia disso. Não vejo Marianne há um mês, quando me disse que ia para férias».

A mãe de atriz, a australiana Baronesa Erisso, recusou-se a falar sobre o assunto, em sua casa perto de Newbury, Berkshire.

Para Marianne, a rapariga de ar anjélico que se tornou companheira constante do mais controverso personagem do mundo «pop», o «rolling stone» Mick Jagger, este é o último de uma série de acontecimentos infelizes.

ESTRELATO

Ela atingiu o estrelato em 1964, com o êxito do seu disco «As Tears Go By», depois de ter sido descoberta por Jagger. Casou com o estudante de arte da Universidade de Cambridge, John Dunbar, em 1965, e teve um filho desse casamento Nicholas.

Mas existiam lágrimas na vida de Marianne e não deixaram de existir. O seu casamento desfez-se menos de um ano depois do nascimento do filho, e, em breve, ela passava a ser conhecida como «a rapariga de Mick». O novo casal, entusiasmado, anunciou que esperava um filho, mas a má sorte que perseguia Marianne voltou de novo e ela abortou.



Marianne e seu ex-amor, Mike Jaegger

Vencida a sua carreira «pop», Marianne passou a atriz e depressa foi aplaudida pelo seu papel de Ophelia num filme sobre «Hamlet». Mas o seu romance de quatro anos com Jagger acabou e, consequentemente o divórcio de John Dunbar no princípio deste ano, ela começou, de novo, a perseguir o amor.

Pensou que o tinha encontrado com um camarada irlandês, o fumador de cachimbo Lord Rossemore, e os jornalistas da bisbilhotice atarefa-

ram-se a prever a data do casamento. Ambos acabaram com isso.

Três meses depois, Mick Jagger casou com a venezuelana Bianca Rosa Perez Mora, e Marianne foi multada em uma libra, depois de admitir ter sido encontrada embriagada numa rua de Londres.

Quando Jagger filmava «Ned Kelly» na Austrália, Marianne confessou ter tentado matar-se, ingerindo uma dose excessiva de suporíferos. Foi salva «in extremis» pelo tratamen-

to que lhe fizeram num hospital.

E, em Setembro deste ano, a rapariga que tinha uma andorinha tatuada na mão direita porque acreditava que isso ajudaria a sua alma a atingir a felicidade, abandonou a companhia onde trabalhava, numa comédia, em Edimburgo, alegando «um desconforto físico e um sofrimento constantes».

(NEWS OF THE WORLD)

MARIA VITÓRIA

2 SESSÕES AS 20.45 e 23 H.
(GRUPO D 18 ANOS)

Aos domingos: Matinés às 16 horas



IVONE SILVA

A REVISTA POPULAR

«Ó Zé aperta o cinto!»

com SALVADOR, IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, VITOR MENDES, ANGELA RIBEIRO, CARLOS QUEIROS e, ainda, MARIEMÁ e RIBEIRINHO e a atracção nacional ANTONIO MOURAO

As 2.ªs Feiras não há Espectáculos

NOVO CASINO ESTORIL
TELEF. 264521

SALA DE JOGOS todos os dias das 15 às 3 horas

SLOT MACHINES acesso livre maiores 21 anos

Trio LOS ANGELES
conjunto vocal mexicano

MORENO
magia e ilusão

HELENA TAVARES

les ballets de

GEORGES REICH

Jirina's Combo
"Os Beatnick's" Ferrer Trindade e sua Orquestra

CAPRICE LENOIRE SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE, AS 23.30 H.
Grupo C/Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1.ªH. maiores de 21 anos

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

5.º CONCERTO

Ultima Audição
Domingo

19 DEZEMBRO 1971 AS 16 H.
Grupo A — 6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
Dirigida por MANUEL IVO CRUZ
Nella Maissa — Pícano

3.º CONCERTO
BRANDEBURGUÊS

BACH

CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA
(NOVA VERSÃO ORQUESTRAL)

— 1.ª AUDIÇÃO
ARMANDO JOSÉ FERNANDES

7.ª SINFONIA
BEETHOVEN

BILHETES DESDE 12\$50

TEATRO

TODAS AS NOITES
AS 21.30 H.

Grupo D — 18 anos
(Excepto às 5.ªs-Feiras)

A SALVAÇÃO DO MUNDO

TRAGICOMÉDIA EM 3 ACTOS DE

JOSÉ RÉGIO

Encenação de
COSTA FERREIRA

Elenco (por ordem de

JOÃO LOURENÇO
ALVARO BENAMOR
JOAQUIM ROSA
ROLANDO ALVES
HUGO CASAS
EUNICE MUÑOZ
M.ª DE JESUS ARANDA
LUIZ MACHADO
CARLOS CABRAL
BAPTISTA FERNANDES
MARIO SARGEDAS
BRANCO ALVES
VICTOR DE SOUSA

Cenários e Figurinos de
ARTUR CASAS

entrada em cena)

CARLOS SANTOS
FERNANDA FIGUEIREDO
ANDRADE E SILVA
GILBERTO GONÇALVES
COSTA FERREIRA
DARIO DE BARROS
MARIA JOAO GALOPE
JORGE DE SOUSA COSTA

PAULO SARAIVA
CARLOS BARRELA
MANUEL DUARTE MOREIRA
CARLOS ROCHA

BILHETES DESDE 15\$00

ENO

PARA O SEU LAR
O SOL NO INVERNO

IRRADIADORES A GÁS,
CATALÍTICOS
E INFRAVERMELHOS

- sem perigo
- segurança total
- sem cheiro
- económicos
- beleza de linhas
- temperatura regulável
- alto padrão técnico

A VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS representantes exclusivos:

RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa — R. António Enes, 20-1 — Tel. 56 34 16
Porto — Av. Dr. Alfredo de Mendonça, 99 — Tel. 26 902

Curado Ribeiro

«Sou um homem do espectáculo», define-se a si próprio Fernando Curado Ribeiro, um homem distribuído, mas cóns-cio da importância de cada tarefa: o Teatro, o Cinema, a Televisão, a Rádio, o Livro, etc., são o seu quotidiano. O espectáculo, a causa do espectáculo, é o denominador comum. De resto, um homem que sabe o que quer.

Curado Ribeiro ensaia, no Monumental, a peça de Molière «Tartufo», na qual interpreta um dos principais papéis. Foi exactamente por aqui que começámos a nossa conversa.

TEATRO

«Este «Tartufo» parece-me ser uma belíssima adaptação de um clássico. Ninguém se assusta com o epíteto de clássico pois, neste caso, quer dizer actual. O encenador deste espectáculo, o espanhol Adolfo Marsillach, soube ver o que de perene pode existir num clássico. Pegou em Molière e apreendeu os seus valores de sempre e, mais sábia-mente ainda, os seus valores actuais. Não adultera em nada o que Molière criou. Simplesmente, dilata e cria horizontes novos e permanente-mente válidos. Este «Tartufo», portanto, é um espectáculo moderno, mas moderníssimo desabridamente. E aqui está como um clássico, visto por um bom óculo, pode ser de todos os tempos. Sem dúvida, trata-se de uma encenação ousa-da, com adereços simulados. Melhor dizendo, há só um móvel-adereço, como uma na-ve-mãe, que contém todos os

As várias faces do espectáculo



Curado Ribeiro, o velho mendigo de «Deus lhe Pague»

restantes (que é este que está vendo), uma peça barroca e gigantesca, recheada dos mais pequenos utensílios funcionais para o decorrer da acção. É uma autêntica caixa chinesa

que Marsillach concebeu e da qual sai tudo o que é neces-sário. Quanto aos demais en-dereços, tudo é simbolizado, quer dizer, ninguém usa fardas ou vestimentas epocais, ou a

rigor. Ao ditador Orson, que eu interpreto, basta-lhe para assu-mir o poder e marcar a sua posição, enfiar uma cabeleira, tal como Sansão, em que a força é caracterizada pelo ca-belo. Pequenas «nuances» co-mo esta, ao longo da peça, são adoptadas para caracterizar as personagens, sem mais qual-quer ostentação».

E Curado Ribeiro prossegue, falando mais propriamente do conteúdo de «Tartufo» e da ex-perimentação cénica ora leva-da a efeito:

«Tartufo é um homem melíflu, um homem que se apoia em poderes estabeleci-dos para levar por diante a sua vida. É um falso religioso. E se alguma mensagem esta peça tem (como agora se diz), é, realmente, a crítica à falsa religião. É um homem que joga com as coisas que metem me-do para, mostrando-as aos ou-tros, poder subjugá-los. Consi-dero notável o trabalho de Mar-sillach que é, incontestável-mente, um nome grande do Teatro em qualquer parte do Mundo».

Para quando a estreia? — «Pensamos estreiar o es-pectáculo em Janeiro, já que o Adolfo Marsillach só chegou a Lisboa há poucos dias para, pessoalmente, dirigir a peça, e temos trabalhado, até agora, com o seu assistente, sr. Mora, que possui todas as noções da encenação feita em Ma-drid».

Sobre o trabalho efectua-do até agora, diz-nos o actor: — «Quero enaltecer o tra-balho de equipa que fazemos, pois o operário de cena é tão importante como o protagonis-ta. É, verdadeiramente, um espírito colectivo, sem vedetis-mos, o que é necessário fazer neste «Tartufo». Há um apuro profundo e escrupuloso na me-cânica deste espectáculo, em que todos são terrivelmente in-dispensáveis quando em função comum».



Em «Tartufo», Curado Ribeiro é o ditador Orgon

ta. É, verdadeiramente, um espírito colectivo, sem vedetis-mos, o que é necessário fazer neste «Tartufo». Há um apuro profundo e escrupuloso na me-cânica deste espectáculo, em que todos são terrivelmente in-dispensáveis quando em função comum».

RÁDIO, TV

Falemos agora de Cura-do Ribeiro actor de Televisão. Sabemos que você, além do fo-lhetim «Cinco Filhas Para Ca-sar», tem gravado mais peças para o «vídeo».

«Gravei duas peças que ainda não foram apresentadas: «Deus lhe Pague», de Joracy Camargo, que toda a gente já conhece e que foi realizada pelo Ruy Ferrão, e «O Julga-mento de Joana D'Arc», na ver-são de um jovem actor francês, dirigida por Jorge Listopad. Esta última resulta num espec-táculo atirado para a frente, in-temperal, pois há pessoas que têm uma verdade e lutam por ela e, quer se chamem Joana D'Arc ou não, o seu processo é o mesmo. Ambas as peças serão apresentadas em breve».

E quanto à Rádio?

«Continuo ligado ao Rádio Clube Português, embora ultimamente me tivesse manti-do um pouco afastado, por mo-tivos de saúde. De qualquer modo prossigo com o meu pro-grama «Leitura» (ao qual cha-mo o meu programa «amor») e projecto intensificar a minha acção radiofónica, materializ-ando ideias que estou empe-nhado em tornar realidade. Se-ja como for, a Rádio é um dos destinos mais caros da minha vida. No «Leitura» dou vazão ao meu amor pelos livros e fo-

mento nos outros esse mesmo amor. Aliás, criei o «Clube do Livro», que já teve livreria e hoje é uma distribuidora de li-vros para os ouvintes do «Lei-tura» da provincia. Nunca fui um livreiro-negociante. Lido com livros para os facultar a quem os procura e tem dificul-dades para os obter. Abri uma livreria que falhou. Não sabia di-rigi-la. Só sabia criar um ser-viço que acesse aos pedi-dos incessantes que chegavam ao meu programa de Rádio, so-llicitando-me o envio de livros de que ia falando no meu pro-grama. E o «Leitura», que já tem a bonita idade de 15 anos, está com mais força que nunca e tudo farei para que ele não acabe».

CINEMA

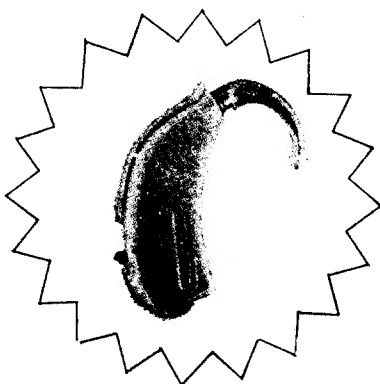
«Quanto ao cinema,além do publicitário, há uns projec-tos bastante adiantados no que diz respeito a curtas-metra-gens que alboro, presentemen-te, com o Manuel Guimarães.

São documentários cul-turais, ainda ligados ao «Lei-tura» e à divulgação do livro. Fiz várias propostas para a realização desses documentá-rios (frepito: filmes de cultura sobre o livro), propostas essas que já foram aceites e para as quais só aguardo a «luz ver-de» para iniciar as filmagens. É um programa vasto, e conto inteiramente com a colabo-ração técnica do Manuel Gui-marães para toda a produção. Também com o Guimarães, fa-rei, talvez, duas grandes metra-gens sobre a cultura em Portu-gal, de um modo geral, mas só oportunamente especifica-rei essa ideia».

CENTRO AUDITIVO

— A Casa mais moderna em Aparelhos Auditivos —
LISBOA — Rua Aquiles Monteverde, 32-1.º • Telef. 5 95 97
(à Estefânia — frente ao Jardim Constantino)

SEMPRE OS ÚLTIMOS MODELOS em aparelhos para correcção da surdez



- ★ Audição frontal, produzindo som natural e nitidez inigualável
- ★ Tamanho discreto — forma anatómica
- ★ Graduação individual para cada caso
- ★ Audição indutiva para telefone e TV
- ★ Custo mínimo de manutenção-pilha carregável

SERVIÇO ESPECIALIZADO onde os clientes encon-tram a melhor boa vontade para serem conscien-ciosamente orientados.

NO SEU PRÓPRIO INTERESSE PREFIRA:
QUALIDADE • TÉCNICA • GARANTIA.

Direcção: Francisco Marcão
(23 anos de especialidade)

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TELEF. 79 01 68

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef. 79 02 11

JANTARES
DANÇANTES
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo

AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR

Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

LUSTRES

de brilho inextinguível, mo-delos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO



CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLINICA —
CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.
Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).

Estalagem «A GRUTA DO RIO»



RIO DE MOURO
Telef. 2960535
(Auto-Estrada para Sintra)

ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU A LAGAREIRA
E
CABRITO NO FORNO
À PADEIRO

LANCHES DE CASAMENTO

Amália: "Reveillon" no Casino



A tradicional festa do «reveillon» no Casino Estoril será este ano, valorizada com a presença de Amália Rodrigues, que cantará logo a seguir à apresentação do excelente «show» internacional que ali se apresenta todas as noites. Amália com os seus guitarristas privativos, actuará no salão restaurante e no «Wonder Bar»

PORÃO DA NAU

Direcção de RUY CASTELAR
aberto todos os dias até às 05.00 horas

**HOJE
DOMINGO**

DAS 17,00 ÀS 20,00 HORAS
MATINÉE PARA A JUVENTUDE
PREÇOS REDUZIDOS
ALTÁ FIDELIDADE «GRUNDIG»
TRAGA O SEU «BORRACHINHO»

com ou sem

**RECLAMOS
LUMINOSOS**

NEON

Plastécnica

LISBOA AV. MARCONI 124-12 D 1.ª P. de Londres 73 02 44 5
PORTO R. VILA MEA 49-51 1.ª P. da Corujeira 5 33 06

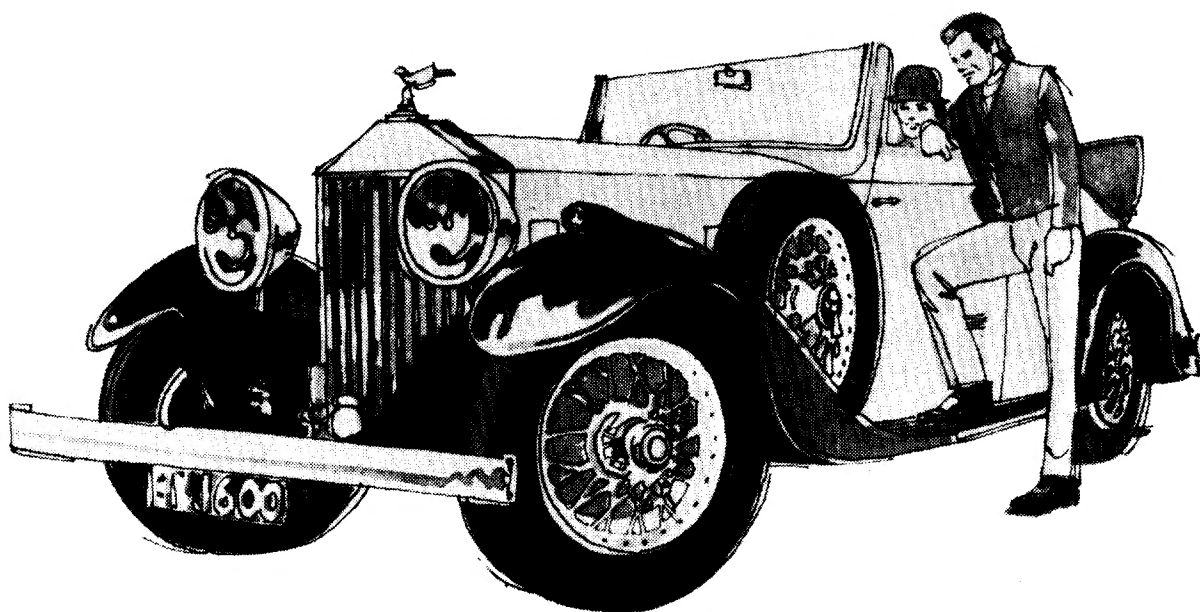
CÁTODOS FRIOS E PLÁSTICOS
PARA ILUMINAÇÃO
DECORAÇÃO E PUBLICIDADE
TOLDOS METÁLICOS

DESEJA-LHE

FESTAS FELIZES

**ENFERMEIROS/AS
E**

AUXILIARES DE ENFERMAGEM
Precisam-se — Hospital Distrital
PORTALEGRE



**Quanto mais conhecer
sobre automóveis clássicos
mais gostará do Rolls Royce 1936**



**Quanto mais conhecer
sobre whiskies escoceses
mais gostará do**

Ballantine

J. A. da Costa Pina, Lda. Lisboa

Costa Pina & Vilaverde, Lda. Porto

ANDAR TIPO — MORADIA AMADORA

Composto de 5 divisões soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, hall, quintal e jardim — PREÇO 420 contos.

MOSTRA E TRATA «A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telef. 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

MORADIA RESTELO

Magnífico local, bonita vista de mar, const. de luxo, composta de 5 quart., 3 c/banho, lavabo, copa, coz., desp., bar, garrafeira, sala de jant., sala estar, grand. terraços, garag. p/2 carros, quintal, jardim c/cerca 1200 m².

MOSTRA E TRATA «A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telef. 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

**Tem 25 contos?
Tem 1.000 contos?
Tem outra quantia?**

ADQUIRA EM COMPROPRI-
DADE OS NOSSOS IMÓVEIS

**COMPRA APARTAMENTOS
EM J. PIMENTA, SARL**

INFORMAÇÕES

LISBOA Pr. Marques de Pombal 15 Telef. 45843-4784.
QUELUZ - Edifício Sede - R. António Enes, 25 - Tel. 952021/2

Locais de construção e venda de propriedades

**CASCAIS • PACO DE ARCOS
REBOLEIRA • LISBOA**



ARMINDO BLANCO

Ao telefone

ARTUR SEMEDO

- Como vai o teu filme «Malteses, Burgueses e às Vezes»?

- Na mesma. Quer dizer: continuo a desenvolver o argumento e a multiplicar os «gags». O Galveia Rodrigues está entusiasmado com o projecto, pensa numa co-produção com a Espanha e o Brasil e num grande nome internacional para a direcção.

E lotação Esgotada?

- Olha, o Mário Braga, adaptador do meu roteiro, e o Manuel Guimarães, que foi o director, enxertaram muita coisa que alterou o espírito original. De qualquer modo, parece-me que o filme ficou engraçado, e que vai fazer sucesso.

- Para quando a estreia?

Tudo indica que será antes do fim do ano.

- Teatro?...

- Depois dos quase três anos com o «Vison Voador», continuo ligado à empresa do Vasco Morgado. E tenho os meus próprios projectos, entre eles a construção de um teatro de bolso no Porto.

CANÇÃO, PRECISA-SE



Maria da Fé, essa beleza que vocês podem admirar na foto, está indicada para representar Portugal no festival «Onda Nova», que em Fevereiro se realiza em Caracas. Até aí, tudo bem. O pior é que Maria da Fé ainda não tem canção. Ela ficaria muito grata se alguém lhe indicasse uma boa pista, com a maior urgência

Falou e disse

FLORBELA QUEIROZ — «Actualmente, os textos do teatro de revista não interessam nada, o que lá se faz nada me diz, as cantigas são do tempo da minha avó. Além disso, os autores trabalham para os amigos e amigas. Não adianta ser-se boa ou má actriz, pois só nos dão os papéis que muito bem entendem»

Jornal dos espectáculos

Hora e vez de Solnado

O folhetim da escolha de um intérprete para «Tartufo» chegou ao fim. Havia vários nomes indicados para substituir José Gamboa, de Artur Semedo a Nicolau Breyner. Mas, de repente, alguém se lembrou de que Raul Solnado estava aí a tratar só do Zip e mortinho para fazer alguma coisa melhor do que o «Vison Voador». Quinta-feira à tarde, Solnado, que pedira 24 horas para reflectir, deu a resposta: sim. E logo no dia seguinte já começava a ensaiar. Mais decisões tomadas: a peça irá para o Teatro Villaret e será estreada a 7 de Janeiro. O encenador Adolfo Marsillac, que entretanto se deslocou a Madrid para tratar de outros assuntos, estará de volta na próxima semana para o galope final. Galope que implica na mobilização integral dos intérpretes, pelo que Mário Pereira terá de abandonar o elenco de «Virginia Woolf». Problemas sobre problemas para Vasco Morgado, num momento em que quase todos os seus teatros estão com peças em fim de carreira, a exigir novos cartazes com a maior urgência.



ENTERREMOS O CHAPÉU

... ao público de Lisboa, que tem ao alcance um espectáculo teatral de nível tão invulgar como «Quem tem medo de Virginia Woolf», com actuações emocionantes de Jacinto Ramos, Glória de Matos, Elisa Lisboa e Mário Pereira, e não está ocorrendo em número suficiente para cobrir as despesas diárias

Drácula vem aí

Esta notícia vem de Madrid e é de meter medo. José Franco, o cineasta espanhol que, para melhor vender o seu peixe, adoptou o pseudónimo de Jess Frank, anunciou ter escolhido Portugal para cenário de um filme intitulado «Drácula Contra Frankenstein», para o que deverá mobilizar vários actores portugueses, além da norte-americana (quem sabe também é espanhola) Mary Francis. Jesus Franco, ou Jess Frank, já falsificou até um filme de «cow-boys». Agora vai partir para o terror: sangue, vampiros, gatos pretos e outras bossas.

Gente

Amália volta à TV alemã em Fevereiro. A propósito de Amália: gostei muito de vê-la na Grande Noite do Fado abandonar a pose de cantadeira/monumento e pedir ao público que a acompanhasse com palmas enquanto cantava «são espanhóis, são espanhóis, são caracóis, são caracóis».

De repente, Florência está mais dinâmica do que «Speedy Gonzalez», o rato atómico dos desenhos animados: em poucos meses gravou um LP de fados, três EPs de fado também, um disco de música dita popular, um single de canções e outro, por fim, que «se assemelha muito a baladas com orquestra», segundo reza um boletim promocional da editora Arnaldo Trindade, que acaba por perguntar: «Aonde vai Florência? Quem souber que responda».

Maria Cabral posa de anti-teatrã: subiu ao palco do Império, na sessão clássica em que foi exibido «O Cêrco», de Cunha Telles, de calça e blusa e as mãos enfiadas nos bolsos, como um fadista da Madragoa. Agora a verdade é a seguinte: vi o filme pela primeira vez e declaro, com assinatura reconhecida em cartório, que nunca houve neste país uma actriz de cinema como Maria Cabral. Eu lhe beijaria as mãos se ela as tirasse dos bolsos.

NOVIDADES EM DISCOS



AMÁLIA

Zé soldado soldadinho
Malhão de Águeda
Naufrágio
Col. 8E01640173

AMÁLIA

ARY DOS SANTOS
NATÁLIA CORREIA

Vim esperar o meu amigo
Vem comigo irmã
Perigosas elas são
Ah quisesse Deus
Senhora que bem pareceis
... E pede-me agora o que não devia

O rapinante
Uma pastora delgada
Lá vão as flores
Nem por Rei ou Infante, eu me trocava
Sejamcs como toda a gente
Ermida de S. Simeão
Ai dona feia foste-vos queixar
Amores eu tenho
Alegre eu ando.
Col. 8E06240161

ANTÓNIO MOURÃO

Linda Rosa
A bela aurora da serra
A espanhola
O Amélia
Decca PEP 1360

AS BARCAS

Condensação da
«TRILOGIA DAS BARCAS»
de Gil Vicente
Decca SLPDP 5002/3

CARLOS PAREDES

Movimento perpétuo
Variações em ré menor
Danças portuguesas n.º 2
Variações em mi menor
Fantasia n.º 2
Valsa
Variações sob uma dança popular
Mudar de vida (tema)
Mudar de vida
(música de fundo)
António marinheiro
(tema da peça)
Canção.
Col. 8E06240150

DAVID MOURÃO-

-FERREIRA
ROSA LOBATO FARIA

Prelúdio de Natal
Natal à beira rio
Voto de Natal
Nada/Natal
Natal-up-to-date
Toada de Natal
Litania para o Natal de 1967
Natal e não Dezembro
Decca PEP 13888

FERNANDO FARINHA

Golegã toureira
Dança da vida
Lisboa de outros tempos
Amor velhinho
Par. 8E01640116

HELENA DE SA E COSTA

Cravo bem temperado
(J. S. Bach)
Prelúdios e fugas
Volume 1
Col. 8E14740154/5

JOSÉ CID

História verdadeira de Natal
Todas las aves do mundo
Ficou para tia
Levaram tudo o que eu tinha
Col. 8E01640162

JOSÉ VIANA

com CARLOS MIGUEL
Frente a frente
VDD 8E01640149

LUCÍLIA DO CARMO

L'cio em teus olhos
Contentamento
Preciso de te ver
Não voltes à minha porta
Antigamente
Anda a saudade bem alta
Pequenas felicidades
Não me conformo
Se amar é pecado
É loucura
Tudo isto é fado
Rapsódia de fados
Decca SLPDP 5004

OURO NEGRO

Romança da Rainha
Singing my song
Estrada da vida
Col. 8E01640149

OURO NEGRO

Hino à paz
Rita flor de canela
Distância
Col. 8E01640137

RAUL SOLNADO

História infantil
O Palhaço verde
Parl. 8E05440086

À venda nos revendedores habituais e em

VALENTIM DE CARVALHO
CI SARL

O troar dos canhões muda o mapa da Ásia

Por
PATRICK KEATLEY
(Exclusivo «The Guardian» «D.L.»)

LONDRES, Dezembro — Os canhões indianos não estão apenas a definir os limites de uma nova nação, o Bangla Desh. Na verdade, eles refazem simultaneamente o mapa diplomático da Ásia a que nos habituámos há 25 anos. Não se trata de um simples ponto de vista resultante dos sangrentos acontecimentos que se verificam há duas semanas, mas sim da opinião de entidades responsáveis cuja missão consiste em traçar a linha política e o pensamento estratégico em Londres e Washington. E muito provável que os seus colegas em Moscovo e Pequim tenham chegado à mesma conclusão.

Aquilo a que estamos a assistir não é pura e simplesmente o fim de um regime e o começo de um outro na Bengala Oriental; é a transformação do equilíbrio das forças na bacia do Oceano Índico. A mudança do estatuto deste território de 75 milhas de habitantes, bem como os ganhos anuais consideráveis em divisas estrangeiras — até agora principal sustentáculo do regime de Yahya Khan — constitui apenas a primeira e mais evidente etapa do processo.

Igualmente importante, em termos da política asiática e do papel das potências atlânticas na guerra fria, é a transformação do Paquistão num pequeno território aproximadamente com o tamanho do Gana ou do Uganda, cujos 50 milhões de habitantes só dispõem de um rendimento per capita igual à vigésima parte do rendimento de qualquer país europeu.

Agora que a campanha militar no delta do Ganges se saldou pela derrocada paquistanesa, o presidente Yahya Khan não poderá consolar-se com a tomada de Jammu ou da Cachemira. Os 80 mil soldados que tinha no leste — na sua maioria rudes combatentes originários do Punjab ou *pathans* de tez escura do Paquistão — estão perdidos, bem como enorme quantidade de material. A menos que este equipamento tenha sido destruído antes da rendição, a Índia poderá utilizar este maná logístico para a sua campanha no norte e no ocidente. Assim, admitindo que a acção de retardação da Índia no sector do Himalaia prossegue, é possível que os generais da sra. Gandhi consigam reconquistar as regiões da Cachemira que foram perdidas pela Índia aquando das anteriores campanhas militares.

Pode muito bem acontecer, como é evidente, que este país, não chegue a apoderar-se destes territórios em consequência de uma acção diplomática por parte da ONU, admitindo que a União Soviética retire o seu veto e permita deste modo que o Secretário Geral lance um apelo unânime para um cessar-fogo. Caso contrário, tudo leva a crer que o exército indiano, estimulado pela sua vitória na Bengala, e beneficiando de linhas de comunicação encurtadas, desencadeie uma ofensiva em direcção à «extremidade superior do mapa».

Basta um rápido exame de geografia da Cachemira para se verificar que semelhante acção isolará o Paquistão da China. É precisamente, esta re-

gião da Cachemira que, até agora, tem proporcionado simultaneamente um corredor terrestre e aéreo para o auxílio proveniente deste último país. Foi só o ano passado que equipas chinesas integradas em grupos de trabalhadores paquistaneses — numa região interdita aos estrangeiros como fiquei a saber à minha custa — terminaram a estrada com quatro faixas de rodagem, a qual acaba de demonstrar a sua utilidade. O espaço aéreo da Cachemira é também vital, na medida em que proporciona ao Paquistão uma ligação directa com a China. Todavia, se esta região de 240 quilómetros, onde predominam os montes e os desfiladeiros, caísse nas mãos dos indianos antes do termo dos actuais combates, a China não teria outra alternativa senão decidir se valeria a pena correr o risco de uma confrontação directa com a Índia a fim de abrir caminho aos seus aviões.

AFRONTA

Trata-se, por conseguinte, de uma razão de peso para que a srs. Gandhi e os seus ministros, para não falar nos militares, tentem reconquistar todo o território da Cachemira perdido em 1947-1948. Ao refazer a carta da Ásia, a Índia alteraria o equilíbrio das forças. Este país não esqueceu a terrível afronta que lhe foi imposta pela China na guerra das fronteiras de 1962. Desde então, equipou 10 novas divisões de montanha, em parte com a ajuda anglo-americana, destinadas especialmente a uma possível crise.

A queda do Paquistão Oriental libertará uma grande quantidade de camiões, artilharia e outro armamento, além de homens, para reforçarem a linha militar em que a China alcançou a sua esmagadora vitória, em 1962. Se a Índia conseguisse, por outro lado, corrigir a linha fronteiriça actual na Cachemira, reduzi-la em 240 quilómetros e cortar a ponte aero-terrestre entre o Paquistão Ocidental e a China, teria praticamente alcançado o objectivo a longo prazo que os estrategas de Nova Deli traçaram. Este objectivo consiste em conseguir o degelo político susceptível de permitir à Índia reduzir de maneira verdadeiramente significativa o seu orçamento militar. Uma redução de 30 por cento, conforme me foi dito quando de uma visita que fiz a Nopa Deli há alguns meses, teria tanta importância para a Índia como todo o afluxo de auxílio estrangeiro que chega através do consórcio de ajuda a este país.

Os Estados Unidos, por iniciativa pessoal do presidente Nixon, cortaram os créditos americanos, os quais, provavelmente, não voltarão a ser concedidos antes do regresso dos democratas ao poder.

GUERRA SANTA

Quanto à China, o seu prestígio nesta região do mundo terá sofrido, a menos que Pequim decida intervir à última hora. Toda a estratégia paquistanesa, desde que Zulfikar Bhutto negociou um acordo com a China na região de Ayub, se baseava na técnica da chantagem militar: a espada voltada para o dorso da Índia através do Himalaia. Mas os chineses são realistas: não quererão, certamente, apoiar o país derrotado na nova Ásia dos anos 70, e têm o seu objectivo paralelo que é o de serem o campeão e o porta-voz do Terceiro Mundo.

A posição da Índia relativamente aos países em vias de desenvolvimento é uma realidade que Pequim poderia decidir-se a reconhecer e a aceitar. A China não deseja tornar-se o campeão de um único segmento, o mundo islâmico.

Por último, temos o papel futuro do próprio Bangla Desh. A liga islâmica estabelecida em Meca, na Arábia Saudita, declarou recentemente que se solidarizava com o presidente Yahya Khan e que era necessário enviar homens e material para uma «guerra santa» contra a Índia. Mas tudo indica que este apelo não será escutado porque, por ironia do destino, os canhões da guerra fazem nascer um novo Estado que, com os seus 75 milhões de habitantes, será o maior país islâmico do mundo.

O MENOR DOS MALES

A sr.^a Gandhi chamou a atenção do presidente Nixon e dos outros estadistas que visitou quando da sua deslocação a Moscovo e a outras capitais para o facto de os encargos impostos à Índia pelos 10 milhões de refugiados da Bengala ascenderem a dois mil milhões de dólares por ano, o que é uma verdade. Era evidente que nenhum governo ia conceder à Índia mais do que uma assistência puramente formal. O país enfrentava não só um pesado défice orçamental, mas igualmente a ameaça de perturbações da ordem em Calcutá e outros centros do lado indiano da fronteira da Bengala, e os únicos vencedores só podiam ser os marxistas, os maoístas ou os naxalistas.



Pelo satélite, o repórter Arthur Steel enviou esta pungente imagem da guerra que assolou Bengala

PABLO NERUDA
20 poemas de amor e uma canção desesperada
nobel 1971
ilustrações de cipriano dourado
preço 60\$00
publicações dom quixote

FABRE LINE

para:

**NEW YORK — ST. JOHN (NB)
MONTREAL E TORONTO**

n/m. «Ede Sottorf» em 23 do corrente

Recepção permanente em contentores

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4
LISBOA 2
TEL. 366056 362266
PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.



**AOS DIAS
10 20 e 30**

DISCOS E NOMES NOVOS

Texto de
**NUNO GOMES
DOS SANTOS**

A época é propícia para o aparecimento de discos. Depois do interregno de Verão, um Verão que normalmente (e não houve excepção desta vez) se prolonga até Outubro, estamos na altura dos lançamentos «em série», aproveitando a «fome» de muita gente que não teve novidades durante alguns meses e aproveitando, também, a época natalícia, muito propícia à compra de discos e de outras coisas de que o Pai Natal, às vezes, não gosta nada, e que teimam em afirmar que é ele que dá. E lá fica abalado o prestígio de São Nicolau, sem necessidade nenhuma!

Mas vamos ao que interessa. Vamos falar de alguns discos novos que a quadra nos traz e que nada têm a ver com... a quadra. Num lançamento «Vogue», surge-nos a voz de Jean-François Michael. Trata-se de um 45 rpm com canções românticas, muito ao estilo «polinareffiano», que agradará, com certeza aos apreciadores do género. Quem é Jean-François Michael?

Pois o Jean-François nasceu em 1946, e duma só vez, vendeu dois milhões de exempla-



Jean-François: dois milhões de discos

res com um disco que dava pelo nome de «Adieu Jolie Candy», o que, de facto, não é proeza fácil (o que não tem nada a ver com o facto de ser ou não proeza do fácil...). Bom: o que é verdade é que ele chegou ao «top one» em dezasseis países. Quem havia de dizer que isto ia acontecer a um «ra-

pazinho» que foi expulso de vários liceus por indisciplina e que tem o diploma de decorador?

Mais coisas? Pois então lá vai: detesta Desporto, adora carros, e tem uma paixão muito grande pela música, o que é compreensível, com os tais dois milhões de discos vendidos. Em 1970 participou em trinta e cinco emissões - trinta e cinco - da televisão italiana e estreou-se este ano no Olympia de Paris.

«Este novíssimo duo conseguiu um som de tal forma sensacional logo no seu primeiro «single» «What You see is What You Get» que foi catapultado para a órbita musical norte-americana de forma a deixar os ouvintes a pedir mais.» Assim reza a promoção de Stoney e Meatloaf cá para o «bairro». Exagero? Decerto, mas um conjunto de vozes muito agradável de ouvir e um som da «jovem América», como dizia Carlos Cruz, de Cruz, perdão!, de truz!

Temos, também, o «Albatroz», que é um animal demasiado agressivo para ter alguma coisa a ver com o novo conjunto «pop» português. Quem são? São, nem mais nem menos, o Jean Sarbib e mais quatro. Isto porque o Jean Sarbib é, de facto, o melhor do grupo, como provou, ainda fresco depois do Festival de Jazz, numa actuação ao vivo com os outros três albatrozes. Ai está o primeiro disco no mercado, para quem entenda inglês ou, se preferirem, para quem não entenda mas... goste muito da música.

E que tal Nini Rosso? Pois Nini Rosso também está cá, bem metido no jogo de lançamentos da quadra. Mas... atenção! Um som daqueles é, mesmo, muito bem consegui-



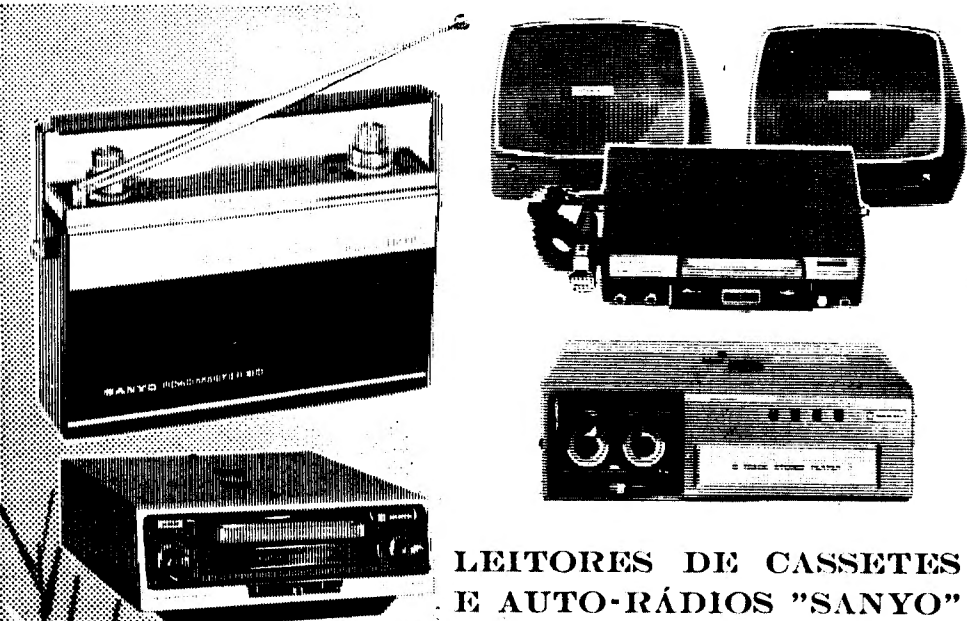
Stoney e Meatloaf: a jovem América



O «Albatroz» vai ao povo

do. E que gravou Nini Rosso? Pois o tema mais que conhecido e explorado chamado «Mammy Blue». Rosso, que possui no seu palmarés o «disco de ouro» da Alemanha, da França, da Austria, Inglaterra,

Japão, Austrália e, como não podia deixar de ser, do seu próprio país, a Itália, dá-nos uma boa interpretação do tema. Os coros acompanham bem o «brilhante» do senhor e dono de «Il Silenzio».



LEITORES DE CASSETES E AUTO-RÁDIOS "SANYO"

EM SUA CASA OU NO SEU CARRO, COM O LEITOR DE CASSETES ESTEREO SANYO OUVIRÁ A MÚSICA, SELECIONADA POR SI, EM CONDIÇÕES IDEIAIS.

À SUA DISPOSIÇÃO AINDA, AUTO-RÁDIOS SIMPLES E COM GRAVADORES DE CASSETES PARA GRAVAR APONTAMENTOS DE OCASIÃO OU RÁDIOS PORTÁTEIS DE PILHAS COM APLICAÇÃO APROPRIADA EM AUTOMÓVEIS.

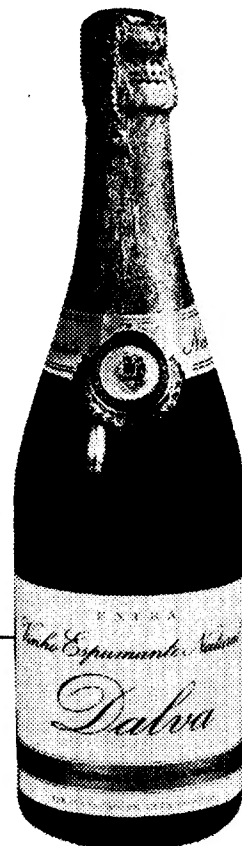
A IRREPREENSÍVEL TÉCNICA ELECTRÓNICA SANYO -



SANYO
O SOM QUE NÃO ESQUECE

DIST. GERAL: J. J. GONÇALVES SUARES, S.A.R.L.
LISBOA - PORTO - AGENTES EM TODO O PAÍS

ESPUMANTE NATURAL DALVA



MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO
INTERNACIONAL DE BRATISLAVA
NA CHECOSLOVÁQUIA EM 1971

O casamento do pequeno grande homem

Dustin Hoffman, o grande actor de «Pequeno Grande Homem», está na Itália a filmar sob a direcção de Pietro Germi. Título do filme: «Até que o divórcio nos separe», uma sátira à nova

lei italiana que autoriza a separação dos conjugues. A parceira de Dustin é a bonita actriz italiana Stefania Sandrelli, que Pietro Germi não dispensa. Na foto, o casamento de Dustin e Stefania, primeiro lance de uma história que vai acabar muito mal



NOVIDADES LITERARIAS

Colecção Autores Portugueses
Fernanda Botelho

LOURENÇO É NOME
DE JOGRAL

Um registo apaixonado da
frescura de sentir e do rigor
de amar.

50\$00

Colecção Documentos
de Todos os Tempos
Max Gallo

A NOITE DOS FACAS LONGAS

Magistral reconstituição histó-
rica e psicológica dos princi-
pais chefes do nazismo.

Volume ilustrado

85\$00

Nova Colecção Ilustrada de
Júlio Verne

KERABAN, O CABEÇUDO

II volume
O REGRESSO

As aventuras de um fascinante
herói que se transforma numa
das mais surpreendentes curio-
sidades do império otomano!
Desenhos da edição original
francesa de L. Benett

25\$00

A ZARAGATA

desenhos de Uderzo
texto de Goscinny

Quando Astérix e os seus
companheiros aparecem em
cena tudo pode acontecer...

55\$00

ASTÉRIX NA HISPANIA

desenhos de Uderzo
texto de Goscinny

Humor leve, subtil e pene-
trante em banda desenhada.

55\$00

**LIVRARIA
BERTRAND**

APARTADO 37 — AMADORA

TELETONES



MELHOR ASSISTÊNCIA
TÉCNICA

-MELHOR PREÇO

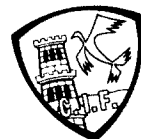
J.F.

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C., Lda

TEL. 654165 * LISBOA



No roteiro do mundo existem lugares-chave que não podem ser esquecidos. No Algarve e em Troia, a TORRALTA está a construir centros de férias, com capacidade para milhares de pessoas, que serão lugares-chave no roteiro de férias e polos de atracção para o turismo internacional. Investir na TORRALTA é investir no futuro.



TORRALTA

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS



O pequeno vizinho foi o primeiro a felicitar Maria Rosa

Agora Maria Rosa paixões em todo o país



Até há bem pouco tempo, para o carteiro encarregado de distribuir o correio na Reboleira, o nome da Maria Rosa da Conceição não tinha qualquer significado especial. Dava-lhe pouco trabalho e quase não justificava um pequeno cartão dizendo que deseja a V. Exa e Exma Família Boas Festas e um Ano Novo muito feliz. Mas de repente o n.º 10 do Largo Eugénio dos Santos começou a fazer pesar exageradamente a sacola do carteiro. A todo o momento a jovem recebe cartas registadas, telegramas ou simples postais de felicitações. Algumas comissões de benemerência também já a descobriram, fazendo-a meditar em como, efectivamente, são bondosas as pessoas umas para as outras.

Receber três mil contos assim sem mais nem menos torna-se num problema muito mais complicado do que parece. As ideias, as sugestões, aparecem de todos os lados, e até os bancos lembram logo a conveniência de depositar. São estes primeiros dias de milionária da Maria Rosa que vamos desvendar para os nossos leitores, para que saibam o que lhes acontecerá se ficarem ricos de um momento para o outro via Totobola, por herança de tia velha falecida na província ou qualquer outro meio que não repugne as boas e convenientes normas da sociedade que, diga-se de passagem, tornam-se tanto mais indulgentes quanto maior for o quantitativo que se recebe.

Toda esta correspondência, todo o interesse que manifestam por ela pessoas totalmente desconhecidas deixam-na perplexa. Na sua simplicidade, ela descobriu um processo de auto-defesa quase eficaz. Rasga tudo mesmo antes de ler. Cartas, postais, telegramas, tudo o que lhe vem á mão, vai direito para o cesto dos papéis. Um autêntico desperdiçar de toneladas de promessas de «felicidade», de «conforto humano», de «amor», de «negócios de grande rendimento» que todos os dias lhe chegam pelo correio.

«Só de uma vez recebi cinco cartas registadas. Nem as leio. Rasgo e deito fora.»

De resto, o noivo da Maria Rosa (conhecem-se há cerca de um ano e meio) está atento ao desenrolar dos acontecimentos. É vendedor de automóveis e experiente nestes aspectos materiais da vida.

«Aparecem-lhe propostas de todos os lados - observa-nos. Mas não aparo golpes... Sou filho de Lisboa... É do Alto de Pina.»

Uma semana na situação de tri-milionária não foi o bastante para alterar muito os hábitos e as atitudes da Maria Rosa perante os factos mais correntes da vida do seu dia-a-dia. Mas no alvoroçado subconsciente da jovem anda já qualquer coisa. «Tenho sobressaltos de noite e sonho que vou ganhar outra vez o Totobola».

Quando uma jovem de 20 anos, lutando sozinho desde os 17 na cidade grande para sobreviver (muitas vezes suportando situações que não desejaria) recebe de repente uma pequena fortuna, pode tornar-se presa fácil. Entre os vários que se «enamoram perdidamente» pela Maria Rosa nos últimos dias, há um de Portalegre (o amor chega longe) que lhe escreveu nestes termos convincentes:

«Maria Rosa. Não penses ser eu um desses caçadores de dotes que por aí andam á procura de um lugar ao sol mas, sinceramente, ao ver a tua foto nas várias posições que apareceram nos jornais, vi em ti algo que jamais tinha encontrado em qualquer outra moça. Por isso não deves ver neste papel uma simples charada, mas sim pensar que realmente, apesar de te saber noiva, e sem querer tirar o desprimor a tal sujeito, deves reflectir um pouco e talvez encontrar em mim tudo o que te falta, amor, felicidade, conforto humano. Ainda não te falei de mim mas em pouco te vou explicar o que sou e quem sou. Fui estudante durante 16 anos. Ainda não tirei o 5.º ano, o que não equivale a dizer que seja burro, mas talvez o nosso primeiro gosto em comum: não gostar de estudar. Vou para a tropa dia 3 de Janeiro e aí mais do que nunca preciso eu também do conforto que qualquer humano precisa e que eu, por ainda não te ter conhecido, ainda não encontro. Sou alto, moreno e muito humano. Espero que a partir deste momento encontre em ti tudo o que me falta.»

Como se vê, um enternecedor caso de amor ao primeiro Totobola. O que vale é que o noivo «não apara golpes».

A única carta que não foi parar ao cesto dos papéis foi a do colega milionário do Totobola, de Elvas, que lhe escreveu «a felicitar e a desejar muita saúde». A camaradagem sempre é uma coisa bonita! Vá lá!

«A minha mãe trabalha no campo e já me escreveu a dizer que está farta de lá estar. Nós fomos a Tomar na terça-feira. É a família que devemos ajudar. Agora aqueles que andam por aí a pedir...»

Aos vinte anos esta jovem tem uma oportunidade para deixar para trás um breve passado de incertezas, de sacrifícios, envolvida numa sociedade muito mais organizada para destruir do que para aju-



Dantes, o cerreio quase nem sabia quem era Maria Rosa. Mas agora as cartas e telegramas são aos montes, propondo negócios, casamento e lembrando o espírito cristão da caridade. Maria Rosa não olha para trás: vai quase tudo para o cesto dos papéis. O noivo, que é do Alto do Pina, já a alertou para os riscos que corre uma milionária...

VISITE - NOS ... há uma surpresa para si !

**BRINDES
NA ÁRVORE
DE NATAL**

Comprando o seu carro até 6 de Janeiro obterá um acessório oferecido pela nossa Árvore de Natal.

J. MENDES COELHO, LDA.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A — TELEF. 53 98 01 - 4 61 24 - 4 61 47

CASA MAX

Electrodomésticos

TUDO PARA VOSSA CASA

APARELHOS PARA SOM, MÚSICA E GRAVAÇÃO NA

CASA MAX

COMPRA MAIS COM MENOS DINHEIRO

MAIOR PRAZO

VISITE OS NOSSOS 4 ESTABELECIMENTOS

2. Av. Praia da Vitória, 2-C

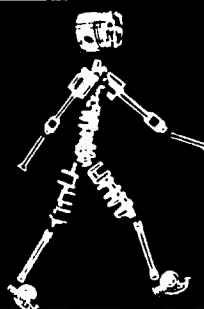
O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

ASSISTÊNCIA OFICIAL

FIAT



Assistência rápida, incluindo as revisões grátis: abrangidas pela garantia

FENIX

R. Palmira, 62-A — Tel. 844169

a desperta



Entrevista
por
AUGUSTO VILELA

dar, embora não seja bem a oportunidade que qualquer rapariga deveria ter ao seu alcance porque só pode surgir a uma em cada milhão.

«Tem-me custado viver até aqui. Tinha ilusões de ter muitas coisas e não tinha dinheiro para as comprar. Agora posso fazê-lo. De momento não tenciono trabalhar mas como gosto muito da profissão de cabeleireira e tenho quem me ensine penso no futuro alugar uma

casa e montar um salão».

Quanto às muitas propostas de outros negócios que lhe surgem não são susceptíveis de a interessar muito.

«O meu noivo como percebe de negócios, não se deixa enganar. Andamos a ver o que vamos fazer ao dinheiro. Certamente irá para o banco render. Mas temos de ver como é.

Os amigos felicitaram-na quando souberam que tinha ganho toda aquela fortuna mas

nenhum se mostrou invejoso.

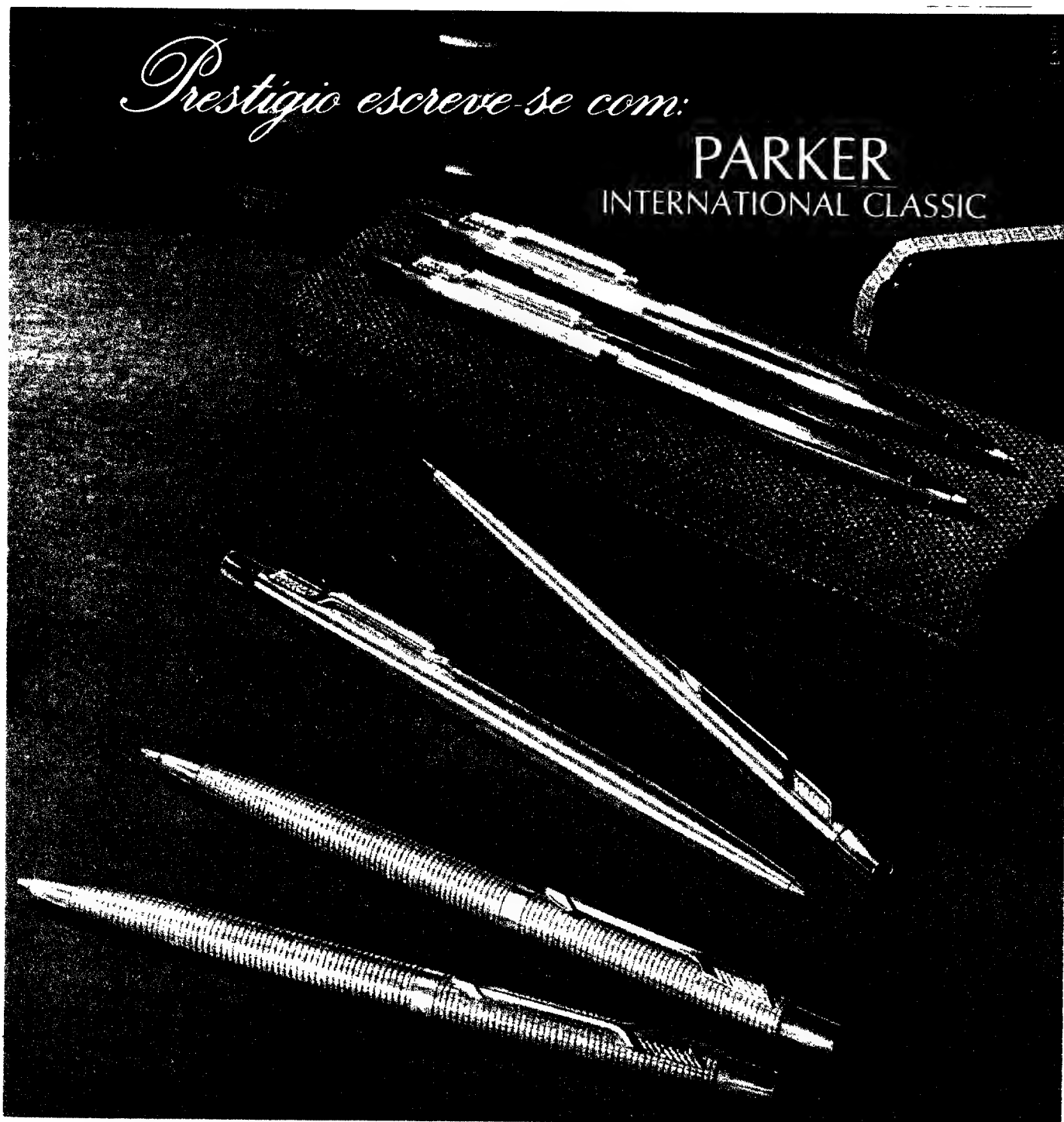
«O Jaimery, o lutador, com quem nós nos damos bem, até me deu um aperto de mão com tanta força que quase me la partindo os ossos.

O que têm feito nestes últimos dias?

Quase não temos parado em casa. Andamos a festejar o acontecimento. Na segunda-feira fomos ao Casino Estoril e temos-nos encontrado com amigos.



Maria Rosa e o noivo: os dois estão alerta contra o cerco



Diz um provérbio chinês que «muitas palhinhas detêm um elefante». Você também sabe que muitos pormenores definem uma personalidade. Cada um dos objectos que o rodeiam e fazem parte da sua vida revelam o requinte do seu gosto.

A nova linha PARKER INTERNATIONAL CLASSIC merece um lugar no seu mundo; qualquer dos seus cinco modelos foi concebido para que você possa escrever com prazer autêntico as palavras mais diferentes, dizendo sempre prestígio.



PARKER

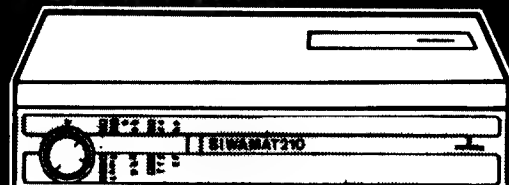
FABRICANTES DAS CANETAS MAIS DESEJADAS DO MUNDO

Vermeil, Insignia, Silver, Imperial e Flighter—nova linha de esferográficas e lapiseiras PARKER INTERNATIONAL CLASSIC

Distribuidores exclusivos para Portugal: VIALGA REPRESENTAÇÕES, S. A. R. L.

NOVA
MÁQUINA DE
LAVAR ROUPA

SIEMENS



Interior totalmente em aço inoxidável.
11 programas automáticos com
hidro-extracção a alta velocidade.
Lavagem em barreira a 95° C.

ANABELA

Adução simultânea do detergente para
pré-lavagem e lavagem principal.
Arrefecimento gradual da água.
Eficácia BIOLÓGICA. Enxaguamentos em
águas correntes. Regulação térmica.
Fecho de segurança. 4 pés ajustáveis.



DETERGENTE QUE RECOMENDAMOS

SIEMENS para lavar...
...e durar toda a vida

PREÇO INDISCUTÍVEL NOS AGENTES OFICIAIS SIEMENS



Mulher

OS SEUS "NAPPERONS"

O QUE HÁ NA COZINHA

Figos com laranja

Ingredientes

250 grs. de figos secos;
1 laranja;
1 chávena de açúcar pilé;
1 chávena de água;
Açúcar pilé para envolver os figos, q. b.

Preparação

Golpeiam-se os figos e mete-se, em cada um, a parte vidrada de uma tira de casca de laranja. Faz-se uma calda com o açúcar e quando estiver em ponto de pérola mergulham-se nela os figos e deixam-se ferver um pouco. Tiram-se da calda, envolvem-se no açúcar pilé e põem-se a secar. Metem-se em forminhas de papel plissado e servem-se.

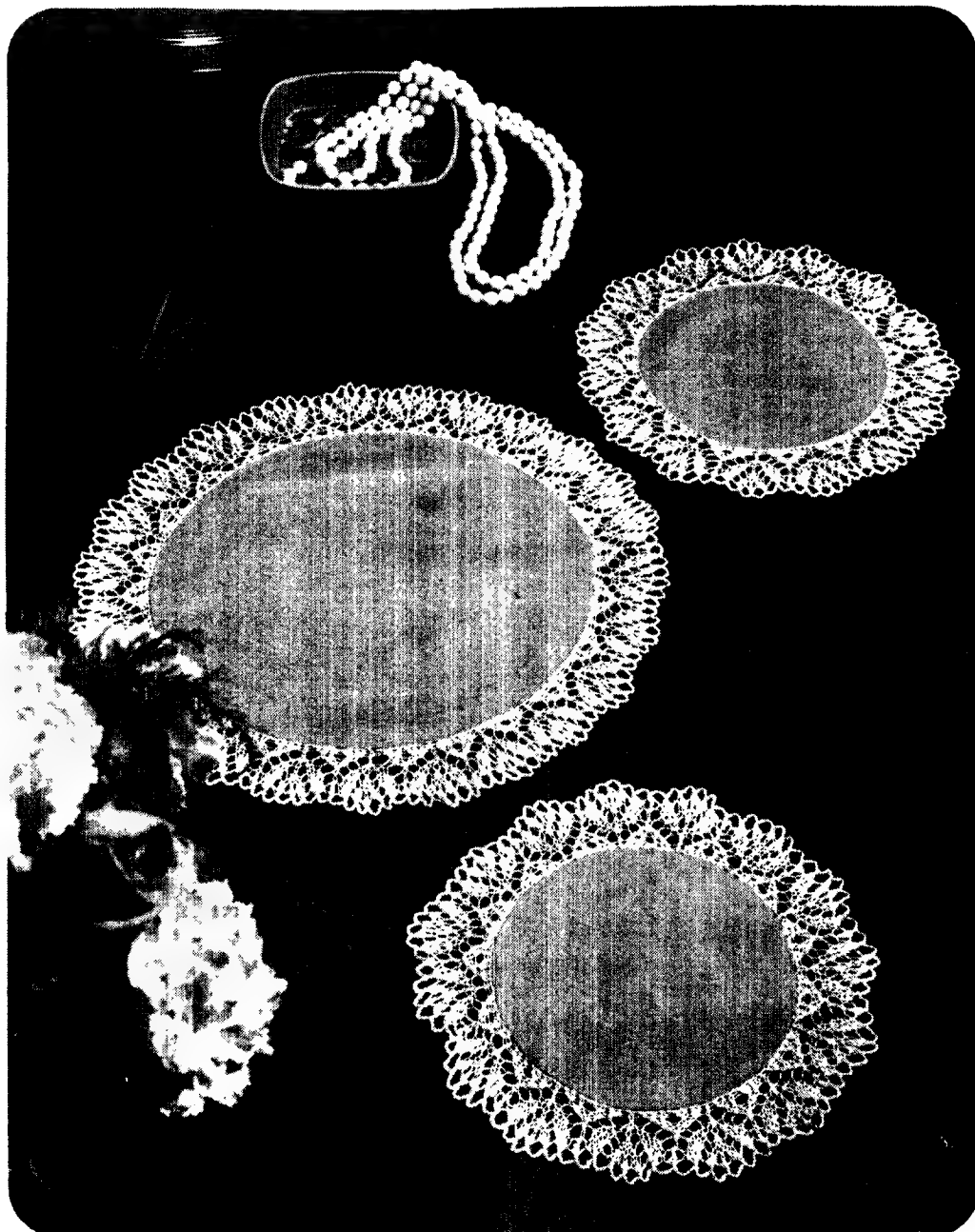
Castanhada

Ingredientes

1kg e 1/2 de castanhas;
800grs. de açúcar pilé;
1 vagem de baunilha.

Preparação

Cozem-se as castanhas sem a casca mas com a pele. Pelam-se depois de cozidas e passam-se pelo «passe-vite». Junta-se ao açúcar uma pequena porção de água e a vagem de baunilha leva-se ao lume até atingir o ponto de pérola. Mistura-se-lhe a massa das castanhas e deixa-se ferver em lume brando mexendo sempre com uma colher de pau até «abrir estrada» no fundo do tacho quando a massa é separada pela colher.



CABELEIREIRO

LIA e MARIA DO CARMO

Desejam BOAS FESTAS e ANO NOVO
Muito Feliz às suas Ex.^{mas} Clientes

Alameda D. Afonso Henriques, 64-r/c., Dt.^o — Tel. 71 36 11 — LISBOA



PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

TV
SALORA

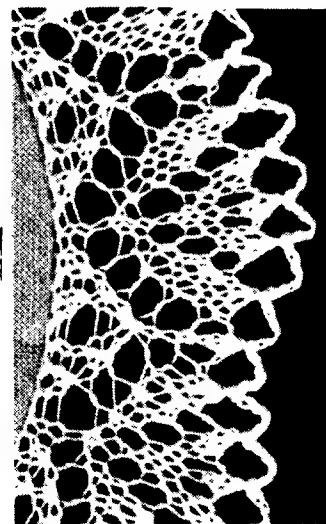
- qualidade excepcional
- imagem e som incomparáveis
- altamente transistorizado
- moderníssima técnica • construção modular

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS • RAFAEL BURGUETE, LDA. • LISBOA — PORTO

A VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS DE ELECTRODOMÉSTICOS

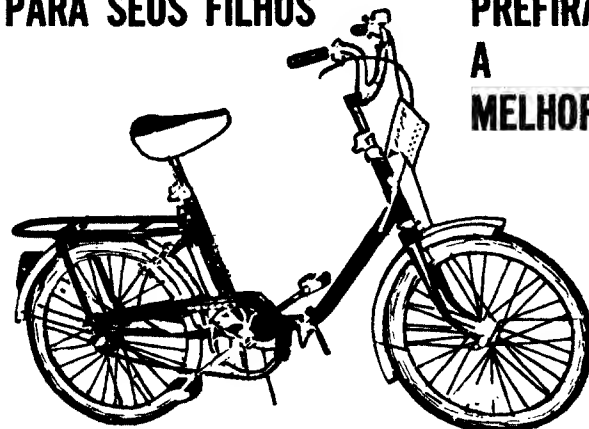
CONJUNTO DE "NAPPERONS"

Com simplicidade conseguem-se efeitos de beleza. Assim o provam estes «napperons» de cambráia cõr de mel guarnecidos por uma renda, estreita que é cozida nas orlas. A renda que pode apreciar-se no pormenor ampliado, foi feita com linha Merecer Corrente e agulhas muito finas de «tricot»



PARA SEUS FILHOS

PREFIRA A MELHOR



PEUGEOT BICICLETAS E MOTORIZADAS

Representante exclusivo:

AUTO STOP

Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 7-D
Telef. 76 73 94

As peles e a "filosofia" de Croft

Maxwell Croft é um dos mais conceituados peileiros londrinos e o autor dos modelos que aqui apresentamos. Como grande criador de moda no ramo, Croft envolve todos os seus lançamentos numa «filosofia» que, além de justificar os seus trabalhos e as suas escolhas, é sempre o melhor argumento de venda junto do público. Assim, desta sua colecção para o Inverno 71-72, diz ele: «O uso das peles este ano terá de fazer-se com **desprendimento**. Assim, quem usa um casaco de pele de coelho ou de vison, não deve mostrar-se mais **importante** do que quando usa um simples impermeável». Nesta ordem de ideias o requinte das suas criações destina-se mais ao prazer pessoal de quem as usa, do que ao exibicionismo que, nisto de peles, é corrente...



massas alimenticias
itali

MASSAS novas!

UM SABOR MODERNO

MASSAS BOAS PARA SI

UM SABOR ITALIANO



GUARDE A SUA BELEZA COMO UMA JÓIA!

PERFUMARIA ESTEFÂNIA

ONDE V. EXA. ENCONTRA PRODUTOS
DE BELEZA E PERFUMES
DAS MAIS FAMOSAS MARCAS.

NOVIDADES • UMA DAS MELHORES COLECÇÕES DE BIJUTARIA
RUA PASCOAL DE MELO, 88 • (à Estefânia) • Tel. 44438 • LISBOA

ORCOSI

MEDIADORA OFICIAL
NA COMPRA, VENDA E HIPOTECAS
DE PROPRIEDADES

Cumprimenta todos os seus estimados Clientes
e Amigos, desejando-lhes NATAL FELIZ e
ANO NOVO PRÓSPERO.

R. 1.º Dezembro, 45-3.º, E. — Lisboa — T. 323172-367444



dispa...
a sua louça!

SUN tira todo o embaciado,
deixa a louça a cintilar!

Super eficiente, Sun remove todo o embaciado das peças de louça, deixando-as brilhantes e limpas.

É o Sun, o primeiro e único produto
SUN Liquid, que tira todo o embaciado
das peças de louça, deixando-as
brilhantes e limpas.

É o Sun, o primeiro e único produto
SUN Liquid, que tira todo o embaciado
das peças de louça, deixando-as
brilhantes e limpas.

Dia após dia, Sun cuida da sua
louça e da sua máquina!



VASCO MORGADO COLABORA CONVOSCO

10% de redução DE PREÇOS SOBRE A TABELA

TEATRO • tel 32 74 93

"LAURA ALVES"

TODAS AS NOITES
2 SESSÕES, 2
AS 20.45 E 23 H

MATINEE - AS 16 H
A NOITE AS 21.45 H

GRUPO D (M/ 18 ANOS)

DERCY GONÇALVES

A "BOMBA"
DO RISO
CARIÓCA
NA COMÉDIA

A DAMA DAS CAMÉLIAS

FERNANDO VILAR, KLEBER MACEDO
LUIZ CARLOS CARLOS aracy es-
TEVES, TAVIRA PORTO, VALERIA
VIDAL, AARÃO MELLO, LAURENIO
FONTES

FABIO SABAC (participação)
especial)

RIBEIRO FORTES (actor convidado)
Encenação de FLÁVIO RANGEL
Cenários de GIANNI RATTO

TEATRO • tel 32 74 93

"CAPITOLIO"

la MAMMA

QUERIDA MAMMA

França comédia de
ANDRÉ ROUSSIN

com
CARLOS DUARTE

ALDA PINTO
ANTONIO MACHADO
LUIZ ALBERTO
ANTONIO RAMA
ANA LE MATTRE
CLAUDIA MARTINS
ROCTAVIO BORGES

Todas as noites, 21.45 h.
Domingos e FERIADOS 16 H.

2.ªs-feiras, descanso da C.ª

11.º MÊS

Maiores de 17 anos

TEATRO • tel 53 85 86

"VILLARET"

O ANIVERSÁRIO DA TARTARUGA

de Carinei e Giovannini

COM
FLORÉLA
QUEIROZ
RUI DE CARVALHO

UM GRANDE BALLET INGLÊS
dirigido por ANTONIO BARDIS

2.ªs Feiras descanso da C.ª

Todas as noites
2-SESSÕES-2
20.45 e 23 h.

Domingos, a tarde, 16 h.

2.ªs-feiras, descanso da C.ª

GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 32 60 37

"VARIEDADES"

HENRIQUE SANTANA
MARIA DULCE

EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO

de Ray Cooney e John Chapman

A COMÉDIA "SUCESSO"
DE GARGALHADA

2.ªs, 3.ªs e 5.ªs, às 21.45 h.

6.ªs-feiras e sábados
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.

Domingos, 16 e 21.45 h.

4.ªs-feiras, descanso da C.ª

16ª SEMANA

TEATRO • tel 55 51 33

"MONUMENTAL"

HOJE ÀS 21.45 H.

5.ª SEMANA

Grupo D (M.) 18 anos

A OBRA-PRIMA DE
EDWARD ALBEE
QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?

DESEMPENHO DE
JACINTO RAMOS
GLÓRIA DE MATTOS
MÁRIO PEREIRA
ELISA LISBOA

ENCENAÇÃO DE
JOÃO VIEIRA

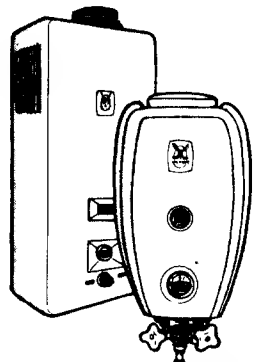
CENÁRIO DE
PAULO GUILHERME

2.ª feira
descanso da C.ª

Espectáculo subsidiado
pelo Fundo de Teatro

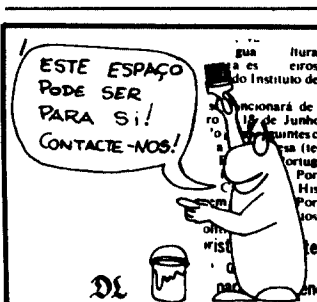
Vaillant

esquentadores a gás



MODERNOS - ATRAENTES
PRÁTICOS E EFICIENTES

inteiramente automáticos
e de segurança total



ESTE ESPAÇO
PODE SER
PARA SI!
CONTACTE-NOS!

ATENÇÃO — ESTA SEMANA O DESCANSO DAS COMPANHIAS VERIFICA-SE NA VÉSPERA DE NATAL

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

Avenida Elias Garcia, n.º 123, 2.º
Telefone 76 50 23/24
LISBOA

CONVOCAÇÃO

Convoco, nos termos do Art.º 41 dos Estatutos, a Assembleia Geral Ordinária, a reunir no dia 28 de Janeiro de 1972, pelas 17 horas, no Centro Cultural do Sindicato - R. da Palma, n.º 278, 2.º, Lisboa -, com a seguinte ordem de trabalhos:

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES

PARA O TRIENIO 1972 A 1974

Não havendo número legal, reunirá a Assembleia uma hora mais tarde, deliberando com qualquer número de sócios. Só podem fazer parte da Assembleia, os sócios que como tal tenham pago as suas quotas durante os doze meses antecedentes.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1971

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, (a) Adelino Conceição Santos

INFORMAÇÃO AOS APRECIADORES DE «MATAÇÕES»

A Casa da Sorte informa que pôs agora à venda uma esplêndida colecção de «matações», para a próxima Lotaria do Natal, constituída por números já famosos em dar prémios grandes. Por isso, há compradores que só querem desses números; mas a verdade é que todos têm a mesma possibilidade de ganhar, neste caso, os 60 milhões do Natal, quer sejam formados por 1, 2, 3, 4 ou 5 algarismos, repetidos ou diferentes, com zeros ou sem zeros.

O que conta é a «sorte», e já se sabe que, na lotaria, só tem sorte quem compra quando tem sorte quem vende.

Entretanto, os apreciadores de «matações» devem habilitar-se quanto antes na Casa da Sorte, pois a dita colecção não tardará a esgotar-se.

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

ABERTURA DO POSTO CLÍNICO
N.º 105 063 (BELAS)

AVISO

A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA, comunica que iniciará o seu funcionamento, no próximo dia 20 de Dezembro, o Posto Clínico n.º 105 063 (Belas) — Situado na Quinta da Espanhola, Lote H e I — Belas, Telef. n.º 96 0631.

A nova unidade Médico-Social dispõe de consultas de Clínica Médica, Ginecologia e Obstetrícia, Pediatria, Estomatologia e Dermatologia, destinando-se a descongestionar o Posto Clínico n.º 105 030 (Queluz) sendo a respectiva área constituída do seguinte modo:

Av. Miguel Bombarda (números ímpares a partir do 197 inclusivé), Vila Andrade e Serração Velha (Quinta das Andorinhas) da freguesia de Queluz, e a freguesia de Belas com excepção dos lugares de Páteo de Carenque, Pedreiras do Pardo Monteiro, Quinta das Baútas (até à calçada da Gargantada) e aglomerado de barracas junto da Estrada Militar até ao Aqueduto das Águas Livres, ficando Carenque em regime de opção por este Posto ou pelo de Queluz.

A DIRECÇÃO

CASA FERNANDES

Rua dos Fanqueiros, 312-1.º

PRONTO A VESTIR PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

GERÊNCIA DE: JOSÉ MANUEL DIAS

CUMPRIMENTA OS AMIGOS, CLIENTES E FORNECEDORES DESEJANDO-LHES FESTAS FELIZES

ANDARES

Vendem-se em prédio novo para rendimento, com 3 casas assoalh., hall, coz., desp.ª e casa de banho. Preços 250 000\$000 prontos a fazer escritura. Mostra a porteira no local. Rua Eng.º Quartim Graça, n.º 49, ao Lumiar. Trata: F. Fernandes & Costa, Ld.ª — Av. Almirante Reis, 104-2.º — Telefones 82 32 31/2/3 — LISBOA.

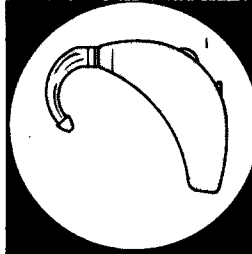
IDALINA FERREIRA AFONSO

AGRADECIMENTO

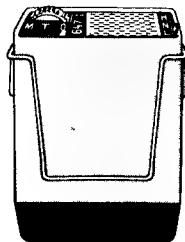
Manuel Lourenço Ferreira, Alberto Lourenço Ferreira Afonso, Maria Amélia Ferreira Afonso de Maia Mamede, Gabriel Dante Maia Mamede e demais família, vêm, publicamente testemunhar o seu mais profundo reconhecimento a todas as pessoas que lhes deram o conforto da sua companhia amiga em tão dolorosos momentos e que acompanharam o funeral, até Mortágua, de sua saudosa esposa, mãe, sogra e familiar.

Recordemos também, sensibilizadamente, o sacrifício de muitos Amigos que, esquecendo os compromissos de sua própria vida, nos deram o calor da sua solidariedade durante duas noites e dois dias seguidos.

Mortágua, 12 de Dezembro de 1971



Auricular para a surdez nervosa e perceptiva



SURDOS

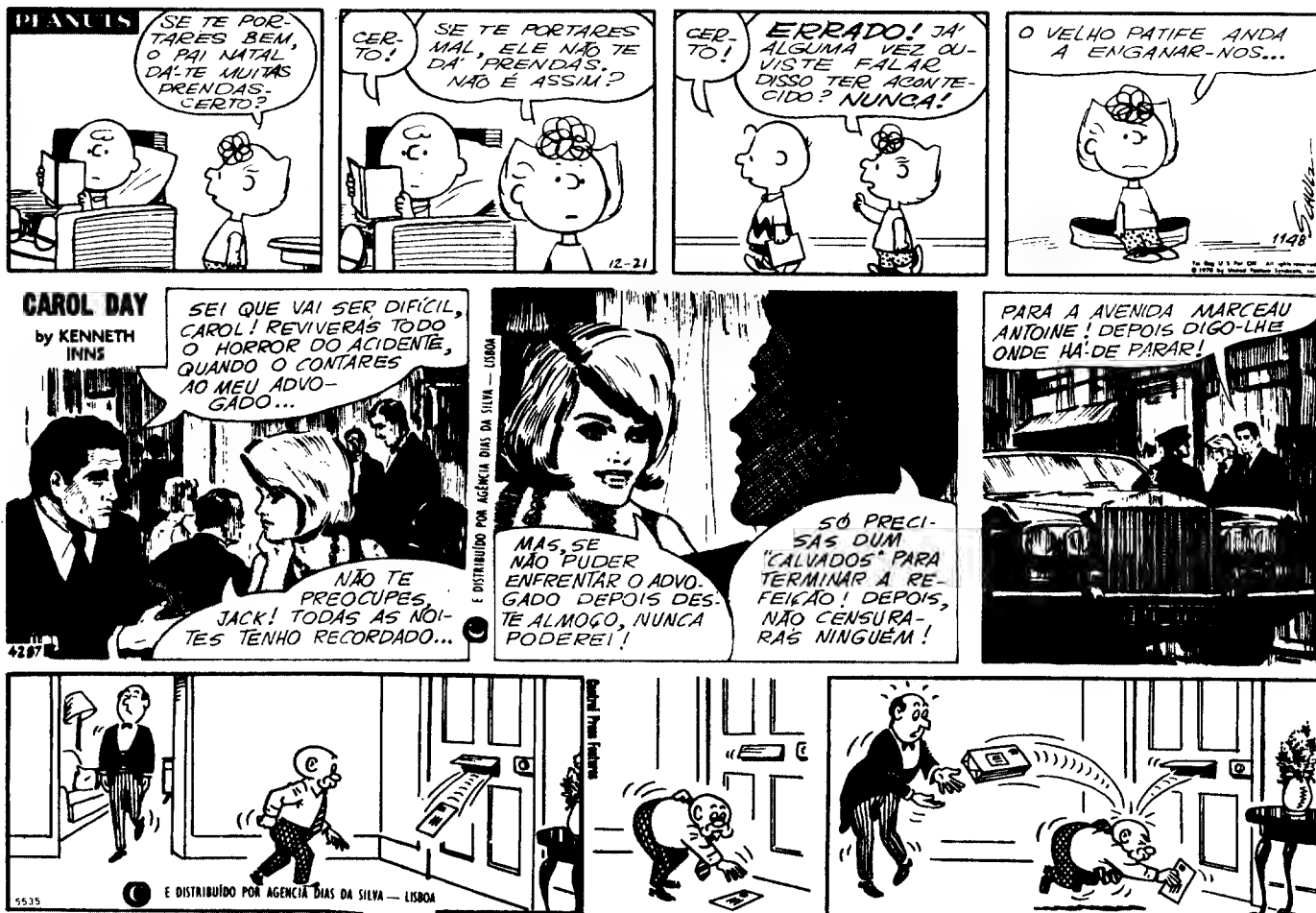
SONOTONE é o melhor aparelho para ouvir bem, adquiram-no antes do NATAL, porque é a melhor prenda que podeis possuir nesta quadra FESTIVA, se não puderem adquirir um novo, troquem-no por um do último modelo. As experiências são grátis, as facilidades que lhes concedemos são boas, os nossos preços são os melhores da concorrência. Acreditam-nos para vosso bem. Assistência técnica garantida. Pilhas de todas as voltagens, mercúrio e carvão. Conclusão: sendo nosso cliente estão garantidos. A CASA SONOTONE espera-vos em:

LISBOA nao Poço do Borratem, 33 - s/1 - Telef. 668352
PORTO na Praça da Batalha, 92 - 1.º - Telef. 35602
LUANDA - Angola - Rua António Enes, 42 - 2.º



Isto é uma pilha atômica!

Com efeito, o pequeno aparelho que se vê na imagem, é uma pilha nuclear (com as dimensões de 5 por 1,9 cm) que será utilizada como regulador do ritmo cardíaco em melindrosas intervenções cirúrgicas. A sua construção fica a dever-se à firma britânica Mining and Chemical Products Ltd. de Alperton (Middlesex)

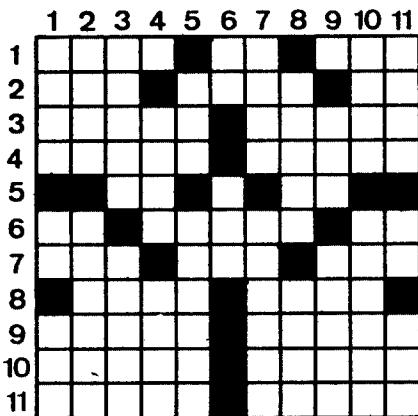


palavras cruzadas

COM PROVÉRPIO PROBLEMA N.º 9951

HORIZONTAIS

- 1 Freguesia do concelho e distrito de Leiria. Cassiopeio (s. q.). Preposição.
- 2 Plavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Dás mios. Estrépio de desmoronamento.
- 3 Tragédia de Shakespeare. Não ir à escola (Prov. trans).
- 4 Escória (Prov.). O mesmo que arpeou.
- 5 Sufixo que designa estado. Ouro (s. q.).
- 6 Senhor. Recuar. Cério (s. q.).
- 7 Aqui está. Suspiros. Tempo do verbo ir.
- 8 Camareiras. Prender com eles.
- 9 Género de fetos alárquicos. O mesmo que aárás (Prov. trasm.).
- 10 Está certo de. Falecimento de pessoa.
- 11 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Tempo do verbo ser.



VERTICAIS

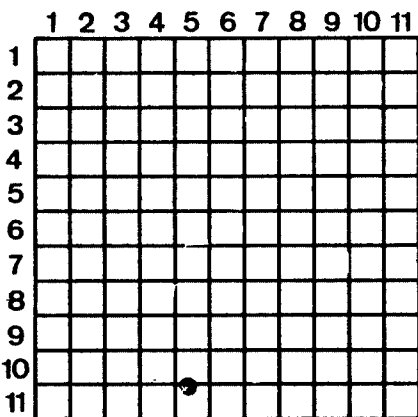
- 1 Grande afeição. Pronome reflexo. Pega.
- 2 Charneca. Cidade da Rússia nas margens do Oca.
- 3 Olhinho. Nome de um peixe do Brasil.
- 4 Freguesia do concelho de Monção. Levante.
- 5 Trituro. Freguesia do concelho de Tomar (Santarém).
- 6 Cento e um em romano. Desgasta por fricção.
- 7 Salário. Nome de duas estrelas do signo de Câncer.
- 8 Curar. Ave palmípede.
- 9 Cidade do estado do Ceará (Bras). Cir. da província ultramarina da Guiné.
- 10 Cidade da Argélia. Espécie de cor, construído ao ar livre, para concertos musicais.
- 11 Planta da família das canaceas de propriedades medicinais. Erbio (s. q.). Solitários.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRPIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6109

HORIZONTAIS

- 1 Pequeno porto da Pérsia. Na Índia, negociante de cereais.
- 2 Pequeno barco de recreio. Grupo de três.
- 3 Letra grega. Filtra. Época.
- 4 Excrecência carnosa (Med.).
- 5 Suspiros. Ice.
- 6 Pertences. Prendera. Amónio (s. q.).
- 7 Ruído. Ergue.
- 8 Batei as asas. Assistir.
- 9 Mil eoitocentos em romano. A dignidade pontifícia.
- 10 O sono das crianças. Palmeiras da Amazônia. Pronome pessoal.
- 11 Da Rússia. Aves semelhantes às pombas.



VERTICAIS

- 1 Festa do Ano Novo ou «festa de todos» para a qual os Negros se cotizam. Indiferença.
- 2 Arroz em casca (ant). Colou com solda.
- 3 O mesmo que atacante. Mecânica (abrv.).
- 4 Preposição. Fecha as asas para descer mais depressa. Pastor siciliano, que foi amado por Galateia.
- 5 Freguesia do concelho de Meda (Guarda).
- 6 Maior.
- 7 Amontoar.
- 8 Atomo (abrv.). Ole. Tino.
- 9 Nata. Sufixo que designa pequenez.
- 10 Encoleriza. O mesmo que acarreta (pop.).
- 11 Poissas no mar (o avião).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9950

HORIZONTAIS:

- 1 ANTES. MORTE.
- 2 Carregariam.
- 3 Oia. Açó.
- 4 Omítra.
- 5 As. Aam. To.
- 6 Penar. Picar.
- 7 Ar. Aba. Ut.
- 8 Gasamos.
- 9 QUE. Cem.
- 10 Murro. Pimas.
- 11 Meios. Loisa.

VERTICAIS:

- 1 AC. Tapar. MM.
- 2 Não. Ser. Quê.
- 3 Trio. Curi.
- 4 Eram. Aero.
- 5 Se. Iaras. Os.
- 6 Gota. Bau.
- 7 MA. Impam. Pi.
- 8 Orar. Ocio.
- 9 Rica. Semi.
- 10 Tão. Tau. Mas.
- 11 Em. SORTE. Sá.

PROVÉRPIO: Antes morte que má sorte.

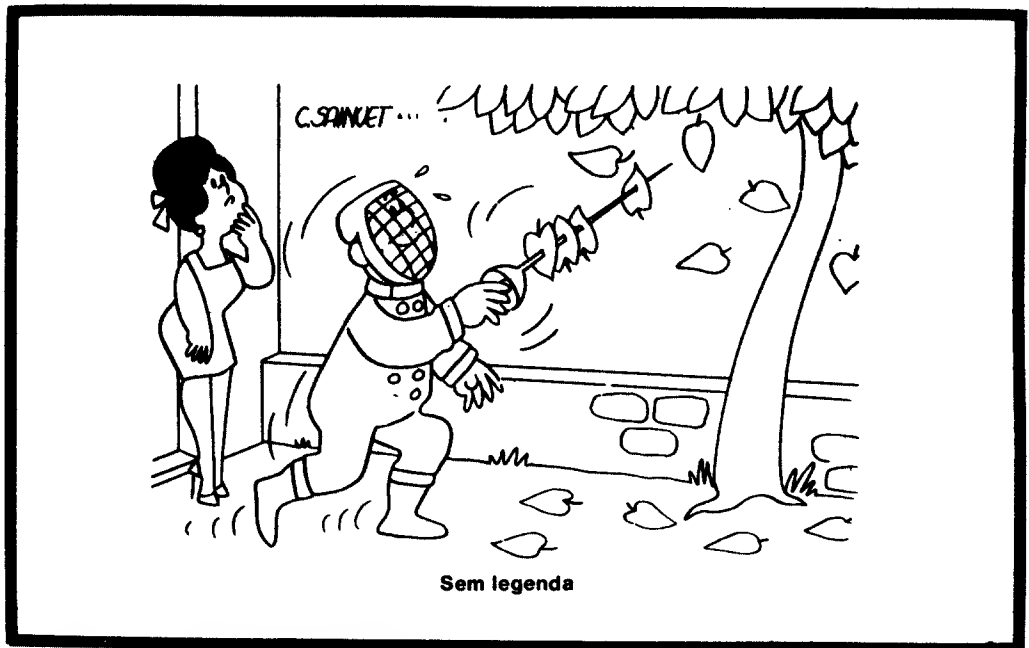
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6108

HORIZONTAIS:

- 1 ECULA. Carta.
- 2 Sara. Bari.
- 3 Tur. Cia. Mar.
- 4 Adama. Troia.
- 5 Saías. Russo.
- 6 Sic. Ama.
- 7 Ir. Co. Já.
- 8 AUC. Tua. Sam.
- 9 Marca. Roupa.
- 10 Biar. Paul.
- 11 Ossos. Casei.

VERTICAIS:

- 1 Estas. Iambo.
- 2 Cauda. Ruais.
- 3 Urrais. Crás.
- 4 Lá. Mais. Cró.
- 5 Cascata.
- 6 Mi.
- 7 Atracar.
- 8 Ab. Rumo. Opa.
- 9 Ramosa. Suas.
- 10 Trais. Japué.
- 11 Airão. Amali.



Contra o Porto nasceu um novo "astro"

Ernesto, o tanque de Belém

Agora vou começar a tornar lembrado o nome de Ernesto. No primeiro ano que vim para o Belenenses, fiz logo uma época boa. Foi a melhor que eu fiz no futebol. Depois houve as conversações com o Benfica e talvez isso me tivesse abalado um bocado. Pouco faltou para haver transferência, e isso sempre me criou responsabilidades; e como o meu lugar era de marcar golos e eu não os ia marcando, veio a desmoralização. Mas esta época já fiz um jogo razoável contra o Farense e no domingo que passou acho que joguei mais ou

clube da 3ª divisão distrital, passou três anos na 2ª do Nacional e chegou ao Belenenses e à 1ª divisão.

O MECÂNICO

Como a esmagadora maioria dos futebolistas portugueses, Ernesto começou a praticar a modalidade, a sério, apenas aos 18 anos. Até aí, o recreio da escola (se o havia) ou a rua, eram os locais da brincadeira, com a bola de trapos.

Comecei a jogar na escola do Clube Futebol de Valadares. Depois fiz três épocas nos ju-

Texto de EUGÉNIO ALVES

menos. E, agora, espero que isto vá correndo cada vez melhor. O nome de Ernesto vai começar a ser falado cada vez mais. Sinto-me bem fisicamente. E tecnicamente, já evolui um bocadinho. O Belenenses vai, com certeza, contar comigo, para uma recuperação sensacional.

Ernesto Valdemar Tavares de Almeida, 27 anos, solteiro, nascido em Valadares, Gaia, distrito do Porto. Um nortenho ambicioso, que começou num

niores, subi aos seniores e, na época seguinte, ingressei no Salgueiros, onde estive durante três anos, até que vim para o Belenenses, onde faço a minha quarta época. Até ir p'ra tropa, trabalhei como mecânico de motores «diesel». O futebol não dava p'ra viver. Lá no Salgueiros fui, ainda, amador. Então resolvi só, optar pelo profissionalismo, depois de acabada a «guerra». E foi quando vim para o Belenenses. O futebol interessa-me desde miúdo.

O meu pai também tinha jogado à bola, no tempo dele, e eu acabei por cair no mesmo. Fui andando, andando, até chegar a profissional. E hoje cá estou, satisfeito. As condições em que estou são boas. Fui eu que as propus. Foram aceites, de maneira que não tenho

nada que estar contrariado, porque fui eu que as fiz, não é? E gosto de estar no Belenenses, e gosto de jogar no Belenenses.

Mas se surgirem propostas mais vantajosas?

Quer dizer, nós os profissionais temos sempre a ideia de

evoluir, de subir cada vez mais, não é? mas se não puder ser...eu dou-me bem aqui no Belenenses, e cá continuarei.

SOLTEIRO

Ernesto tem 27 anos. É raro o futebolista que com esta idade não seja casado. Ele foge à regra. Por quê?

Para já, enquanto jogar futebol, não penso em casar. Porque me dou bem com esta vida de solteiro. E acho que se fosse casar-me, iria transtornar um bocado a minha profissão. Seriam preocupações, e mais preocupações, e depois no campo a coisa ainda começava a correr mal...Será quando acabar com o futebol, e quando jogar só de brincadeira. Aí então pensarei na família. Ainda por cima, não sei o que irei fazer, depois do futebol. Mecânico, não. É que já estarei desactualizado, se pensar nisso. É uma profissão que está sempre a evoluir; há cada vez mais carros novos e motores novos e eu já não teria paciência para andar de novo, a aprender. Daqui a uns dois anos começarei a ver o que é que hei-de fazer. No futebol não continuarei, não. Nem como treinador ou coisa que valha. Só a brincar.

Quando actuava no Valadares e no Salgueiros, Ernesto era bem menos pesado. Ou menos gordo, dirão alguns. Vi-o jogar nessa altura e recordo que isso lhe facilitava a mobilidade e até lances de bom recorte técnico. Porquê esse aumento de peso?

Não, não foi por comer mais, ou de mais. É que nesse tempo eu nem fazia ginástica, nem tinha grande preparação física. Quase só fazia os jogos. Foi quando vim p'ró Belenenses que comecei, a treinar a sério, diariamente e o que se passou foi que comecei a alargar a alargar e então o meu pe-

so aumentou. Acabei de desenvolver o corpo. Foi isso e mais nada.

PROIBIÇÕES

Ernesto tem a sua opinião acerca da pobreza do futebol português.

O nosso futebol não está organizado, como em muitos países. Porque aqui a juventude não tem instalações para praticá-lo, nem para praticar qualquer outro desporto, como deve ser. Porque cá (e isto eu vejo por mim, pois comecei a jogar bola aos 18 anos) só há proibições. Eu jogava a bola nas ruas e nos campos e naquela altura podia-se jogar naqueles campos da província. Porque está a ver, se vier algum miúdo jogar aqui ao Restelo (e quem diz ao Restelo diz outros estádios) é posto na rua, com certeza. Os miúdos não podem andar lá, a entreter-se. E, inclusivé, se algum garoto for apanhado a jogar a bola num jardim, vai preso ou paga multa. Assim a juventude só pratica o desporto que a deixarem. No Brasil, por exemplo (eu nunca lá fui, mas falo por ouvir os meus colegas) em cada dez metros há sítio para os miúdos poderem jogar à bola. Aqui até na praia é proibido. E ainda por cima é na praia que a malta gosta de jogar. Assim, acho que se deixassem os miúdos jogar a bola à vontade e brincar, haveria melhores jogadores e o futebol evoluiria mais. É que, praticamente, os jogadores que aqui se criam são os que já nascem com um bocado de habilidade para o futebol.

Assim falou Ernesto. Homem do chute na bola, que quer ser recordado, falado. Que tem um corpo grande e generoso para a profissão dura que escolheu. Que tem palavras simples para as coisas ou situações simples. É do Norte e está tudo dito. Viva o Ernesto.



Ernesto, o homem que vai «a todas», quer fazer ressurgir o prestígio do avançado-centro tipo tanque

Jethro Tull

Jethro Tull é um dos mais representativos agrupamentos vocais ingleses. O seu líder, Ian Anderson (em cima à esquerda, na foto), é flautista e vocalista e assina ainda quase todos os temas do grupo. Depois de um prolongado silêncio (cerca de onze meses) a música do Jethro Tull reaparece, vigorosa e bem construída, num disco em que todo o «engenho» de Ian Anderson vem à superfície.



Os Jethro Tull, tendo Londres como cenário

Estudantes de Coimbra gravam cânticos de Natal

Foi lançado no mercado um dos dois discos de 45 r.p.m. gravados no final do ano lectivo passado pelo Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra para uma casa editora do Porto.

Do disco fazem parte quatro das mais conhecidas composições do Natal português: «Natal Minhoto», de Manuel Faria; «Os pastores em Belém», de Lopes Graça; «Natal de Évora» e o mais vulgarizado dos cânticos natalícios portugueses, «Na-

tal de Elvas», ambos harmonizados por Sampaio Ribeiro. Consta ainda do mesmo disco a obra «Stille Nacht, heilige Nacht», de Franz Xaver Gruber, numa harmonização moderna feita por J. Goiburn e M. Reis.

Para a gravação deste disco foram utilizados três números anteriores gravados sob a direcção do dr. Francisco Faria

e duas outras obras em que o CELUC já foi regido pelo seu actual director artístico, dr. Manuel Reis.

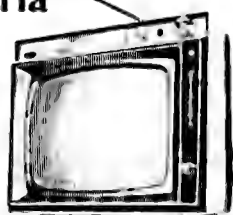
Este organismo autónomo da Academia coimbrã espera lançar brevemente no mercado a segunda edição do seu último I.P. bem com um disco de 45 r.p.m. com diversas composições de polifonia clássica.

SHARP

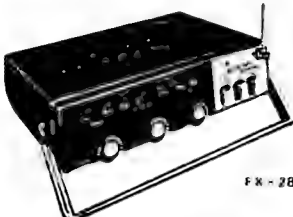
está onde está a alegria



RD-709



SU-66G



FX-28



RD-514D



ATR-937



RD-416



RD-408

A MARAVILHOSA LINHA JAPONESA

- GRAVADORES • RÁDIOS
- ELECTROFONES
- ALTA FIDELIDADE
- EMISSORES RECEPTORES
- TELEVISÃO
- FORNOS ELECTRÓNICOS
- ELECTRODOMÉSTICOS

à venda nos agentes oficiais

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS • RAFAEL BURGUETE, LDA • LISBOA • PORTO

SHARP * SIMBOLO MUNDIAL DE QUALIDADE



costa pina & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO

j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA



AUSTIN Maxi

ele é
diferente
dos outros

Só poderá descobrir as suas qualidades se o experimentar. Ele tem um novo motor de 1750 c. c. construído para durar. Tem um comportamento de estrada invulgar e a 5.^a velocidade aumenta a economia em percursos longos.

Possui um painel de instrumentos revestido de madeira de nogueira, um volante de segurança almofadado e tem sobretudo grande versatilidade com todos os bancos ajustáveis e reclináveis permitindo rápida transformação em "station-wagon" ou em carro cama.

AO VOLANTE DO CONFORTÁVEL AUSTIN MAXI OS DIAS ALEGRES SÃO MAIS BELOS E OS DIAS MENOS AGRADÁVEIS SÃO MAIS SEGUROS. "CHARME": É ISSO MESMO QUE O AUSTIN MAXI TEM.

DIST. GERAIS **J.J.GONÇALVES SUCRS.C.I.S.A.R.L.** LISBOA • PORTO
ÉVORA • BRAGA • SANTARÉM • MATOSINHOS • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

CHUVEIRO ELÉCTRICO



capacidade: 15 litros
aquecimento rápido
ótimo rendimento

ÚTIL - PRÁTICO - ECONÓMICO

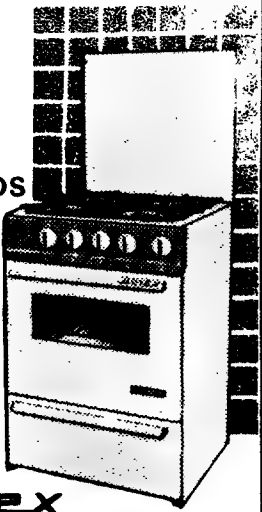
representantes

Manuel J. Monteiro & C. Lda
r. dos correios, 140 - Lisboa, 2 tel. 36061/4 - 324254/6

Junex

A MAIOR GAMA
EM FOGÕES E FOGAREIROS
A GÁS

em cada casa
uma cozinha,
em cada cozinha
um...



Junex

29 MODELOS DIFERENTES
IGUAIS EM QUALIDADE E BELEZA

HORUS

RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...
Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA



VIDROS
MÉNAGE
FAIANÇAS
PORCELANAS
UTILIDADES

PR. DA FIGUEIRA, 11 - LISBOA

listas de casamento

NO NATAL OFEREÇA
BRINDES

JAO

Para o período
de 19 a 26 de
Dezembro

horóscopo

pelo
astrologo
HORUS



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR — A sua vida sentimental não se apresenta desfavorável embora possa ter de enfrentar algumas preocupações, pois nem tudo correrá à medida dos seus desejos. No ambiente familiar, terá de usar de certo cuidado, para que se mantenha a harmonia.

DINHEIRO — Período promissor, com boas possibilidades de elevação e lucros interessantes. Se se dedica ao comércio, registrará um bom volume de vendas. Evite no entanto a hesitação que lhe faria perder boas oportunidades.

PROFISSÃO — Avance com coragem pois obterá assim um melhor rendimento e progresso nas suas actividades. Período propício para o desenvolvimento das suas iniciativas pessoais. Poderá receber convites para participar em novos empreendimentos.

SAÚDE — Período favorável para a saúde. Contudo, evite exaltar-se, e procure dormir o suficiente e fazer exercícios de preferência ao ar livre.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR — Período favorável para a boa harmonia familiar. Poderá resolver nesta altura os problemas que existem nesse sector. Momento favorável para casamentos. As amizades proporcionar-lhe-ão muitas alegrias e um certo apoio. Tudo contribuirá para aumentar a sua popularidade e o seu prestígio.

DINHEIRO — Os seus esforços serão bem sucedidos, no plano financeiro. As suas influências para este período tornam a sua mente mais activa e penetrante, inspirando-lhe ideias criadoras e proveitosas.

PROFISSÃO — Período excelente para aplicar os conhecimentos que tem vindo a adquirir. Não hesite, e proceda de maneira a que as suas qualidades profissionais não deixem lugar a dúvidas. Durante esta semana registrará um sensível aumento do seu prestígio e cotação junto dos seus chefes ou superiores.

SAÚDE — A semana apresenta-se bastante auspiciosa no que se refere à saúde. Se tem estado mais ou menos doente, o período é verdadeiramente favorável para o restabelecimento completo ou convalescença.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR — Terá tendência a descurar um pouco a sua vida sentimental e familiar, por causa de problemas e assuntos de ordem material. As suas preocupações, durante a semana em curso, terão um carácter predominantemente materialista. Esta disposição, no entanto, não afectará a boa harmonia, tanto no lar como nas suas relações sociais.

DINHEIRO — Trate de agir, realize os seus projectos e concretize as suas ideias, pois o período é favorável de modo que obterá bons resultados financeiros se souber agir de maneira adequada.

PROFISSÃO — Aproveite este momento para se dedicar insistentemente à sua actividade profissional. A sorte estará do seu lado, de maneira que as iniciativas que vier a tomar neste campo serão certamente muito bem sucedidas.

SAÚDE — É provável que venha a sentir uma perturbação ou que fará com que o seu espírito seja dominado por uma certa inconsciência.



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR — Observam-se algumas divergências no sector sentimental, divergências que podem no entanto ser resolvidas satisfatoriamente se souber agir com diplomacia. Procure controlar cuidadosamente as suas atitudes, pois só assim poderá evitar contratempos na sua vida amorosa ou conjugal.

DINHEIRO — O período será trabalhoso para si, pois terá de consumir muitas energias para conseguir qualquer resultado, por pequeno que seja. Poderá ter lucros em negócios de ocasião, desde que use de bastante prudência.

PROFISSÃO — É de aconselhar que use de muita calma e espírito de crítico nas suas actividades profissionais, durante este período. O seu sucesso depende essencialmente da orientação que der à sua actividade, de modo que terá de usar de toda a ponderação neste sector, se quer obter resultados apreciáveis.

SAÚDE — Acautele-se com a saúde, pois notam-se alguns indícios de mau funcionamento de alguns órgãos. Consulte o médico ao menor sintoma de doença.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR — Os seus assuntos de natureza amorosa serão bastante favorecidos no decorrer deste período. Aproveite o momento para manifestar os seus sentimentos para fazer declarações ou tomar iniciativas, que certamente serão coroadas de excelente êxito, de acordo com os seus desejos.

DINHEIRO — A sua vida financeira será favorecida durante este período, por excelentes influências planetárias. Gozará de protecções que o ajudarão a resolver os problemas que tenha de enfrentar. O momento é muito propício para a estabilização da sua situação económica.

PROFISSÃO — Serão bastante favorecidos os negócios que fizer. Poderá melhorar sensivelmente a sua situação profissional. Se participa numa sociedade comercial, obterá bons resultados por esse intermédio. Se se dedica às artes ou à literatura, verá os seus trabalhos e produções serem recebidos com muito agrado e aplausos, por parte do público.

SAÚDE — A sua disposição será excelente. O momento é favorável para uma cura termal, para purificar o organismo.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR — Os seus assuntos amorosos poderão registar algumas perturbações durante esta semana. A volubidade será prejudicial à boa harmonia familiar. Uma palavra impensada, escrita num momento de excitação poderá ter efeitos desastrosos, prejudicando os seus interesses sentimentais.

DINHEIRO — Notam-se em si tendências um pouco fantasistas, durante este período. Imaginará grandes projectos, aventuras financeiras, etc., mas na realidade o período será verdadeiramente normal, vulgar. Não assumam responsabilidades demasiado pesadas, pois teria de arrepender-se disso, mais tarde.

PROFISSÃO — Preocupe-se exclusivamente com a sua actividade habitual, na ocupação profissional que tem presentemente. Esforce-se por dar bom rendimento, cumprindo rigorosamente os seus deveres, e evite as ilusões que neste momento só poderiam proporcionar-lhe aborrecimentos.

SAÚDE — Os nervos serão a causa das suas perturbações de saúde durante esta semana. Procure distrair-se mas sem agitação em sossego.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR — Sob o ponto de vista amoroso o período apresenta-se propício favorável para os seus interesses. As suas amizades poderão ser-lhe muito úteis. É provável que através delas consiga atingir alguns objectivos que se tinha fixado e aos quais atribui grande importância.

DINHEIRO — O momento é bastante favorável para aumentar sensivelmente as suas receitas, visto que as influências astrológicas secundarão os seus esforços no plano financeiro. Os seus empreendimentos e iniciativas neste campo serão coroados de sucesso.

PROFISSÃO — Os assuntos entregues à sua responsabilidade, no plano profissional, atingirão um bom nível de desenvolvimento. Toda a sua actividade profissional em geral, será bastante favorecida, decorrendo em condições bastante satisfatórias para o seu amor próprio e para as suas ambições.

SAÚDE — Procure não sobrecarregar o seu organismo, pois isso daria origem a perturbações de saúde.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR — Durante esta semana os seus assuntos de ordem amorosa estarão em plano de evidência, e virão mesmo a exercer uma certa influência sobre a sua vida social e doméstica. Aumentará a sua popularidade, despertará maior simpatia à sua volta, de modo que terá oportunidades excelentes para estabelecer novas e interessantes relações.

DINHEIRO — Boas influências no plano material; terá auxílios e protecções se tiver necessidade deles. Os esforços que vier a desenvolver no plano financeiro serão portanto coroados de excelente êxito.

PROFISSÃO — Os projectos que estavam à espera duma oportunidade favorável, podem agora ser postos em prática, pois as suas influências astrológicas para este período protegerão as suas iniciativas, sobretudo as que o ponham em contacto com o público. Se trabalha em actividades agrícolas ou relacionadas com a construção registará um grau de progresso na sua situação profissional.

SAÚDE — As suas condições de saúde, serão boas, ou pelo menos satisfatórias, mas ainda assim será aconselhável que procure controlar o uso das suas energias evitando os esforços exagerados.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR — Durante esta semana salientam-se as suas qualidades de simpatia e de atracção. O sexo oposto desempenhará um papel importante na intensificação das suas actividades sociais. Uma das condições indispensáveis para o êxito é a persistência seja qual for o objectivo que se pretende atingir.

DINHEIRO — Obterá excelentes êxitos financeiros, lucros materiais muito interessantes. Realize os projectos que tinha em mente e verá satisfeitas as suas esperanças. Gozará de apoios e protecções.

PROFISSÃO — As suas actividades profissionais desenrolar-se-ão em condições bastante satisfatórias e mesmo agradáveis durante esta semana. Serão estimulados o seu talento e a sua simpatia pessoal, o que tornará o ambiente mais agradável, à sua volta. Verá os seus esforços bem recompensados, e poderá ser convidado a assumir novas responsabilidades, o que marcará um passo em frente na sua carreira.

SAÚDE — A sua boa disposição actual, ajudará a revigorar o seu organismo. No entanto procure evitar os excessos, seja de que natureza for.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR — Evite a impaciência e a teimosia nos assuntos que tiver de tratar em relações à família, às amizades, e ao amor. É provável que não consiga durante este período manter o necessário equilíbrio entre os seus sentimentos.

DINHEIRO — Durante esta semana as suas possibilidades financeiras apresentam-se bastante fracas. São mesmo de esperar alguns contratempos, que o obrigarão a certas restrições e limitações nos gastos. Não é aconselhável a colocação de capitais importantes.

PROFISSÃO — As suas actividades profissionais não lhe proporcionarão os resultados que esperava, durante esta semana. Será aconselhável que se arme de paciência e que aguarde melhor oportunidade, que não deixará de surgir mais tarde.

SAÚDE — A cabeça e o rosto são os pontos que deve vigiar com mais cuidado durante este período.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR — Observa-se, durante a semana em curso, uma certa melhoria nos seus assuntos sentimentais e nas relações familiares. A vida social proporcionará-lhe igualmente algumas satisfações. Não insista demasiado perante qualquer incompreensão do ser amado. Dê-lhe tempo para reflectir e tudo se arranjará.

DINHEIRO — Não alimente grandes esperanças, para evitar desilusões. Limite as suas compras e gastos ao estritamente necessário, evitando as ostentações sempre desagradáveis e que trazem consequências.

PROFISSÃO — Dedique maior atenção e entusiasmo ao seu emprego. A inconstância e desinteresse podem trazer-lhe prejuízos importantes. Não tome iniciativas importantes mas abstenha-se de possíveis competições.

SAÚDE — Durante esta semana a sua saúde será mais ou menos normal, sem nada de especial a assinalar.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR — Este período verdadeiramente propício no que se refere aos seus assuntos de ordem amorosa. Terá possibilidades de resolver satisfatoriamente todos os problemas que enfrenta neste sector, e ainda no que diz respeito às suas actividades e relações sociais.

DINHEIRO — Se souber agir, tendo em vista a melhoria da sua situação financeira, encontrará certo número de facilidades e oportunidades de sucesso. A realização dos seus desejos será facilitada graças à colaboração de uma pessoa amiga.

PROFISSÃO — Entregue-se de alma e coração aos seus afazeres e ocupações profissionais, pondo os seus projectos em prática desenvolvendo e intensificando a sua actividade. Durante esta semana os Astros favorecerão grandemente as suas ocupações habituais, rotineiras, pelo que são de esperar excelentes resultados no exercício dessas actividades. Serão facilitadas os acordos ou contratos que tenha de efectuar.

SAÚDE — A saúde será igualmente muito satisfatória não havendo nada de mau de a assinalar neste sector. Trata-se duma semana muito propícia para si.



Uma prenda

de Natal que espera por si

ATRIUM
PARA VÓS SERVIR
SELF SERVICE
SNACK BAR
Rua de S. Julião



Já repararam, amigos leitores, no valor do primeiro prémio da nossa iniciativa Conta-Corrente? Pois façam contas e vejam o que podem ganhar como prenda de Natal. Isto sem terem muito com que se preocupar pois terão muito simplesmente que adquirir os produtos por nós anunciados e somar os pontos que forem obtendo.

Uma magnífica vivenda erguida pela conceituada firma Baraona e Baraona na zona de Cascais; uma moderna mobília idealizada por Móveis Baía e, ainda um seguro no ramo de acidentes pessoais no valor de 500 contos, são prémios que, pelo valor, jamais foram oferecidos em iniciativas deste género.

No ano do seu 50.º aniversário, o «Diário de Lisboa»

quis contemplar de maneira significativa os leitores, seus companheiros de todos os dias, oferecendo-lhes no sapatinho prendas de real valor.

Até 31 de Dezembro continuam a concorrer. Bem poderá ser desta que você verá realizados os seus sonhos de há muitos anos.

Concorrer é muito fácil e independente dos caprichos da sorte, que muitas vezes deitam tudo a perder. Não se exige muito, apenas se estimula as pessoas a terem espírito comercial. A maior compra poderá não ser a melhor pois a quantidade sobreleva a qualidade. Entre muitos outros prémios você terá hipóteses de conquistar o magnífico automóvel que a gravura documenta e que seria um excelente prémio à sua perseverança.

NA MINHA QUALIDADE DE DIRECTOR, CRÍTICO, ADMINISTRADOR, SOCIO, FUNDADOR, LITERATO, TOUREIRO, VOGAL, ATLETA, CAPITALISTA, HOMEM DO POVO, DIRIGENTE E TAMBÉM SEU SUPERIOR... PROÍBO-O, SENHOR PEREIRA - OUVIR BEM? PROÍBO-O DE LER ESSE LIVRO P...
COMO É QUE VOCÊ DISSSE QUE SE CHAMAVA S...
os filhos de VIRIATO SAM dom quixote 50\$00

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em 18 de Dezembro de 1971

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Triumph	2			
Equipage	3			
Torraltá	5			
Datsun-Entrepôsto	7			
FORD	9			
Canon F-1	10			
Dalva-Espumante Natural	10			
Austin - J.J. Gonçalves	11			
LOGAN	12			
IBA	12			
Porto Cálem	13			
ZENITH	13			
Centro do Livro Brasileiro	16			
INDESIT	17			
NIKON	17			
OMEGA	18			
DIMPLEX	19			
CASTOR	19			
J. Pimenta	20			
TIMEX	22			
Caves Aliança	25			
Empresa Insulana de Navegação	26			
EFACEC	DOIS			
PIAGET	TRÊS			
Buta-Thermix	CINCO			
TAP	CINCO			
Morris-A.M.Almeida	SEIS			
JUNKERS	SETE			
SINGER	NOVE			
VULCAIN	DEZ			
MAZDA	ONZE			
CANDY	ONZE			
GRUNDIG	DOZE			
CYCLONE	TREZE			
OLIVA	CATORZE			
Hagen-Baterias	DEZASSEIS			
Volkswagen - Guérin	DEZASSEIS			

A BEM CONHECIDA CALCULADORA IMPRESSORA RÁPIDA
Precisa MODELO 164
EFFECTUA A MULTIPLICAÇÃO COMPLETAMENTE AUTOMÁTICA abreviada: INSCREVEM-SE OS DOIS FACTORES... E É TUDO! ADICIONA, SUBTRAI, selo negativo directo ACUMULA memória. IMPRIME DADOS E RESULTADOS. TRANSPORTE AUTOMÁTICO DE RESULTADOS MULTIPLICAÇÃO NEGATIVA.
Precisa 164
CONSTRUÍDA NA SUÍÇA COM ALTA PRECISÃO E VENDIDA EM PORTUGAL COM A GARANTIA DE
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A. R. L.
48, RUA DA PRATA, TEL. 36 15 45 LISBOA
208, R. S.º ANTONÍO, TEL. 255 82 PORTO

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS Telefone 280919
A companhia do
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
apresenta
HOJE E TODAS AS NOITES às 22 horas
SINFONIETA de Tardieu
SINFONIA DOS SALMOS de Stravinsky
ACTO SEM PALAVRAS de Beckett
Encenação de Agueda Sena e Vitorino de Almeida
Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios do Fundo de Teatro e Fundação Gulbenkian
adultos
COMO PRESENTE DE NATAL OFEREÇA COLARES DE PERLAS
MAJORICA
FAMOSAS EM TODO O MUNDO
A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

Mobylette
mod. 40 T
PREÇOS DESDE
5 290\$00
EM LISBOA:
ARMANDO CRESPO & C.ª LDA.
R. do Crucifixo, 120
Tel. 327027
NO PORTO:
CRESPO & BORGES, LDA.
R. Cândido dos Reis, 58
Tel. 23259
AGENTES EM TODO O PAÍS

LIVRARIA ANGLO-AMERICANA
— UM NOME ANTIGO = UMA NOVA LIVRARIA —
LIVROS INGLESES ★ NACIONAIS ★ INFANTIS
JOGOS ★ REVISTAS
...E, SEMPRE, O OUTRO LIVRO QUE VOCÊ PROCURA...
LIVRARIA ANGLO-AMERICANA
Rua Bernardino Costa, 32 (ao Cais do Sobré)
LISBOA — Tel. 32 77 03

ESTE ESPAÇO PODE SER PARA SI!
CONTACTE-NOS!
O estrangeiro funcionará de 10 de Junho a 10 de Setembro. Po. Hi. Po. to.

porque não?

PORQUE NÃO
ARTIGOS NÁUTICOS
PARA OS SEUS
PRESENTES DE

NATAL?



Porque não, se quiser presentear
alguém que de algum modo esteja
ligado a actividades náuticas?

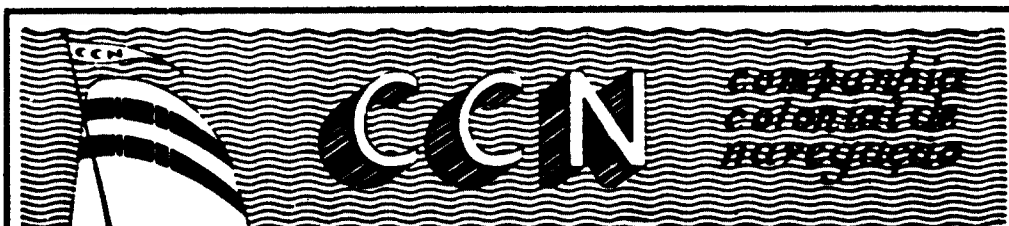
Nós ao sugerir-lhe para os seus
presentes de natal **ARTIGOS**
NÁUTICOS, pomos ao seu dispor
uma vasta gama de artigos e
acessórios capazes de satisfazer,
tanto o simples entusiasta como
o mais exigente desportista.

Visite os nossos Stands

NÁUTICA, BELLO & FILHO, S.A.R.L.

Escritórios: Av. Fontes Pereira de Melo, 14 - Telf. 59 17 1/6 - Lisboa 1

Stand: Av. da Liberdade, 68-68 - Telf. 32 69 31 - Lisboa 2 Trav. da Praça, 4 - Belém - Telfs. 63 61 54 - 63 79 70 - Lisboa 3



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 7 de Janeiro
às 18 horas

Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA
GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado
sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

DELEGADO DE VENDAS (CICLOMOTORES)

Admite-se, devidamente credenciado e especializado no sector de
ciclomotores.

Guarda-se sigilo estando empregado.

CARTA COM CONDIÇÕES A:

S. I. S. — VEÍCULOS MOTORIZADOS, LDA.

APARTADO 6 — ANADIA

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)

Série de aventuras

«Os Persuasores»

Episódio filmado com interpretação dos
artistas Tony Curtis e Roger Moore.

2.º Programa (22.00)

Série do Oeste

«O Maioral»

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e Missa de Domingo.

13.10 Dia do Senhor.

13.35 Nos Bastidores da aventura.

13.45 Telejornal 1.ª edição

14.00 Série Juvenil «Robin dos Bos-
ques».

14.30 Hoje pode ver.

14.40 TV Educativa.

15.05 Tarde de cinema «Um verdadei-
ro diabrete».

16.30 Disneylandia

17.20 Expedição.

17.45 Domingo Desportivo 1.ª edição.

18.00 Vamos aprender Judo.

18.30 TV Rural

19.00 Série comédia «Olho vivo»

19.30 Telejornal 2.ª edição

19.45 Pop 25

20.35 TV 7

21.30 Telejornal 3.ª edição

22.05 Série de aventuras «Os Persua-
sores».

23.05 Fados por Beatriz da Conceição.

23.20 Domingo Desportivo 2.ª edição.

23.40 Marcha do Mundo

23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Do La Si

21.00 Série filmada «Amor e mau
gênio».

21.30 Telejornal 3.ª edição.

22.00 Série do Oeste «O Maioral».

23.20 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados

13.00 Feminino singular

13.15 Filme de série «Arnie»

13.45 Telejornal 1.ª edição

14.00 Um dia com...

14.15 Logo a noite

14.20 Fecho

2.º Período

19.00 Abertura e TV educativa

19.25 Filme infantil «Os Poucetotes»

19.30 Telejornal 2.ª edição

19.45 Cariz TV

20.00 Arte Portuguesa Arte Univer-
sal

20.30 Ao Serviço da Nação

21.00 Série de aventuras «Nanou»

21.30 Telejornal 3.ª edição

22.05 Canal 13

23.30 Marcha do Mundo

23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com...

21.00 Filme de série «Arnie»

21.30 Telejornal 3.ª edição

22.00 50 anos de história

23.30 Fecho

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continen-
tal o céu estava geral-
mente muito nublado e
o vento era fraco mo-
derado predominante do
Sul.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	14.º
P. DOUR.	3.º
COIMBRA	12.º
PORTALEGRE	9.º
LISBOA	10.º
FARO	11.º
FUNCHAL	17.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL

Máxima: 18,5.º

PENHAS DA SAUDE

Mínima: 1.º

Temperaturas no Estoril

Agua do Mar: 13,2.º
Atmosfera: 13.

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.10 3,9 m	10.31 1,0 m
17.30 3,6 m	22.40 1,1 m

Dia 20

5.44 3,9 m	11.14 1,0 m
18.12 3,6 m	23.25 1,1 m

Dia 21

6.25 3,9 m	11.58 1,0 m
18.55 3,6 m	

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nuba-
do; vento fraco e moderado do
Sul; possibilidade de aguacei-
ros ou chuva fraca em espe-
cial a norte do sistema mon-
tanhoso, Montejunto-Estrela;
nevoeiro matinal nos vales e ter-
ras baixas.

AMANHÃ

Nascer às 8.50
Ocaso às 18.17

Dia 25	Dia 31	Dia 8	Dia 16

EMISSION 1.º Programa

14.30 TARDE DESPORTIVA - Rádio
Desporto - Futebol: Relato, in-
formações e Comentários dos
Jogos da 12ª Jornada do Cam-
peonato Nacional da 1ª Divi-
são

17.45 Actualidade Desportiva

18.05 Girandola

19.10 Musica da Europa

20.00 Diário Sonoro - Desdobramen-
to

20.20 Éxitos em Parada

21.00 Rádio Desporto

21.30 Variedades no Estúdio

22.00 Teatro das Comédias. «A Len-
da de Santa Anastácia», origi-
nal de Alice Ogando

22.35 Musica Portuguesa

23.05 Sol e Torios

23.30 Rhythms em Contraste

24.00 Fecho

2.º Programa

14.30 Onda Musical

17.00 Perspectivas da Obra de Ri-
chard Strauss (Musica Sinfóni-
ca)

18.00 Intercâmbio Musical - Concer-
to de Domingo (1ª Parte) Festi-
val de Viena de 1971 (Gra-
vações cedidas pela Radiodifus-
são Austríaca)

18.52 Intervalo: «Ariettes Oubliées»
(Debussy) Flore Wen (sopra-
no) e Noël Lee (piano)

19.07 Intercâmbio Musical (cont.)
Concerto de Domingo (2ª Par-
te) Festival de Viena de 1971
(Gravações cedidas pela Ra-
diodifusão Austríaca)

19.50 Concerto para 2 Trompetes,
Cordas, Cravo e Órgão (Fran-
cesco Manfredini)

20.00 Diário Sonoro

20.20 A Orquestra «i Musica»

20.30 As Grandes Figuras do Mundo
Português, p/ dr. Caldeira Pais

21.00 Recital de Canto e Piano

21.18 Musica de Câmara

21.30 Que Quer Ouvir? - Programa
elaborado p/ Margarida Bran-
dão

23.00 A Voz do Ocidente

01.15 Fecho

EMISSION EM MF2

14.30 Musica Sinfónica

15.00 A Opera em Três Actos «Prin-
cesa Ida» (Sullivan)

16.30 Musica de Piano

17.00 Fecho

Programa estereofónico MF 2

21.00 Musica Ligeira Variada

22.00 Musica Coral Sinfónica - «A
Canção da Terra» (Mahler)

23.08 O Pianista Jorg Demus - Estu-
dios - Livro I (Debussy)

23.30 Musica de Câmara

00.00 Canções de Schubert, pelo ba-
rritono Dietrich Fischer-Dies-
kau

00.30 Sonata n.º 2, em Fa Maior,
Op. 99 (Brahms)

01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

14.55 Tarde Desportiva

17.00 Chave do Totobola

17.03 Projectão

17.33 Meia Hora Depois

18.00 Musica Pelo Caminho

18.45 Rhythms em Desele

19.02 Formula 1

19.30 Rádio Jornal

20.07 A Orquestra de Domingo

20.15 Comentário Desportivo

20.30 Semana 7

20.45 A Estrela da Noite

21.32 Impacto

22.30 Quando o Telefone Toca

23.05 Mensagens Bíblicas

23.19 Grande Roda

00.02 P.B.X.

02.00 A Noite e Nossa

06.00 Diário Rural

07.00 Talismã

Emissor de Miramar

14.55 Tarde Desportiva

17.02 Auto-Rádio

17.45 Orquestras e Canções

18.01 Musica e Desporto

18.30 Som-Actualidade

19.03 Conjunto

19.15 Campeão Português

19.30 Boletim Desportivo

20.10 Norte Dia a Dia

21.04 Viagens na Nossa Terra

21.30 A Voz da Esperança

22.03 Selecção de Rhythms

22.15 A Hora do Templo

22.30 Variedades

23.04 Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Onda Desportiva

17.00 Musica ao Volante

17.45 Automobilismo

18.05 Boa Viagem

18.30 Terço e Missa Vespertina da

Basílica dos Mártires

20.00 Zona Verde: espaço ocupado

pela Família

20.58 Meditando

21.00 Suplemento Especial

22.00 Quando o Telefone Toca

22.30 Destile de sucessos musicais.

23.00 A 23ª Hora

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Moura, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944).

ALCANTARA:
Bairro, R. Prior do Crato, 25 (Tel. 661321); Biotifar, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824).

ALVALADE:
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Tel. 711780); S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (Tel. 725140); Roma, Avenida de Roma, 85-B (Tel. 772466).

ANJOS:
Confiança, Avenida Almirante Reis, 46-A (Tel. 42453).

AREIRO:
Garantia, Rua Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Tel. 727300); Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860).

AVENIDA DA LIBERDADE:
Fernandes, Rua de S. José, 187 (tel. 326476).

AVENIDAS NOVAS:
Alcantara, Avenida da República, 74-A (tel. 771379); Vale, Avenida Marquês de Tomar, 47 (tel. 773043); Dava, Avenida Duque de Avila, 125 (tel. 45225).

BAIRRO DA ENCARNACÃO:
Ascenso, P. do Norte, 11 (Tel. 311216).

BAIRRO DA LIBERDADE:
Salutar, R. B. 75-A (Tel. 683694).

BAIXA:
Azevedo, Rossio, 31 (Tel. 327478).

BENFICA:
Lavinha, R. Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. da Rua da Casquilha), 28-A (Tel. 708242); União, Estrada de Benfca, 592 (tel. 700092); Alegria, Estrada de Benfca, 180-A (Tel. 780511).

CAMINHOS DE FERRO:
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel. 847019).

CAMPOLIDE:
Pinto, R. de Campolide, 11 (Tel. 682610).

CAMPO DE OURIQUE:
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Tel. 688807); União, Rua Saravia de Carvalho, 119 (Tel. 663643).

CASTELO:
Ziler, Rua S. Tomé, 54 (Tel. 862835).

CHELAS:
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel. 382241).

ENTRECAMPOS:
Alcantara, Av. da República, 74-A (Tel. 771379).

ESTEFÂNIA:
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (Tel. 45578).

ESTRELA:
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (Tel. 666971).

LAPA:
César, Rua das Trinas, 102 (Tel. 662631).

LUMIAR:
Central, R. do Lumiar, 75 (Tel. 790480); Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131).

OLIVAIS:
Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237).

PENHA DE FRANÇA:
Central da Penha, Rua da Penha de França, 58 (Tel. 849245); Vitális, Rua Morais Soares, 66-A (Tel. 848011).

PICHELEIRA:
Lumar, R. João Nascimen- to Costa, 16-A (Tels. 728395-720703).

POÇO DO BISPO:
Freitas, Rua Zóimo Pedro- so, 11-13 (Tel. 381136).

REGO:
Baptista, Rua Francisco To- maz da Costa, 3-C (Tel. 771873).

SANTO AMARO:
Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (Tel. 638625).

S. BENTO:
Moz. Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Tel. 679961).

S. MAMEDE:
Albano, Rua da Escola Poli- técnica, 59 (Tel. 326750).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Tel. 48642); Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (Tel. 553468).

XABREGAS:
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel. 382241).

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS
Químia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456).

SINTRA
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Al- meida, 2 (Tel. 98039).

COLARES
Colares, Abreja (Tel. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Cos- ta, 10 (Tel. 234.37).

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Te- lef. 224250).

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224.4).

BARREIRO
Santa Maria, R. do Lavradio, 77-A (Tel. 227214).

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182).

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Te- lef. 229028).

SETÚBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (Tel. 22484).

Nova, R. General Gomes Freire (Te- lef. 22052).

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho (Te- lef. 2218560).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. Comb. G. Guer- ra, 64 (Tel. 2.2070).

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034).

OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).

PARADE
Aisir, B.º das Caixas de Previ- dência Bloco A (Tel. 2472948).

ESTORIL
S. João, S. João do Estoril (Tel. 260.6).

MONTIJO
Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A. 15 (Tel. 260.16).

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa, R. Frei- tas Reis, 24-C (Tel. 280214).

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 97046).

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Te- lef. 930019).

Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485).

Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pe- reira, 15-A (Tel. 938.49).

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 5 (Tel. 950043).

Queluz, Av. Miguel Bombarda, 151 (Tel. 951841).

PORTO

Ameal, Rua do Ameal, 1227; Birra, Praça da Liberdade, 125; Costa Lima, Av. da Boa- vista, 855; Falcão, Rua de Santo Ildefonso, 61; Invicta, Rua do Bonfim, 330; Lapa, Rua Antero de Quental, 211; Martino Sucr., Praça Marq. de Pombal, 122; Ordem da Trindade, R. H. e Mart. de Ang., s/n.º; Ramos, Pr. Exército Libert., 91; Santa Te- resa, P. G. Gomes Fernan- des, 100; Terreiro, Rua da Reboleira, 21; Vaz Teixeira, Sucr., Rua do Heroísmo, 56; Vilarinha, Rua da Vilarinha, 161; Nacional R. Senhora da Luz, 156-Foz.

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106-108 (tel. 23738); Rodrigues da Sil- va, R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); S. José, Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697).

cinemas

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D. M. 18 anos)
4.ª Semana triunfal TEMPO DE VIVER c/Fanye Dunaway. O diário íntimo da vi- da de uma mulher.

ROYAL (Tel. 865037)
às 21.45
(Grupo D. - 18 anos)
RAPHAEL e UM ANJO DOS DIABOS

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D. 18 anos)
3.ª semana QUANDO NOS AMAMOS com Enrico Maria Sa- lerno

MONUMENTAL (Tel. 555131)
As 15.15 e 21.30 h.
Grupo D - (M. 18 anos)
A PAREDE DO ESCÂNDALO c/ Jack Mac Growran, Jane Bir- kin e Irene Handi

CONDES (Tel. 322523)
As 14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo B) DICK SMART 2 007 c/ Richard Willer e Margaree Lee (M. 10 anos).

ODEON (Tel. 326283)
(Grupo D - M. 18 anos)
15.15 - 18.15 (P. rel.) 21.30
5.ª Semana triunfal c/ Sara Montiel, no filme que apaixo- nou as mulheres A AMANTE Canções maravilhosas. East- color.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
CHARLIE E SNOOPY (bes. An- Col) (Grupo B. - 10 anos)
Pais, sabemos que gostam imenso de nós mas... tra- gam também os vossos filhos

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo B - M. 10 anos)
O filme divertimento das fes- tas Jean Paul Belmondo e Marlene Jozet OS NOIVOS DA REVOLUÇÃO (Les Maries de L'an II

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30
(M. 6 anos)
«Os aristogatos. O maior di- vertimento da época» Versão portuguesa

SÃO JORGE (Tel. 54153)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D. - 18 anos)
Éxito em 3.ª Semana «A 7.ª MULHER DE HENRIQUE VIII. Uma real paródia!

RESTELO (Tel. 6.0375)
Grupo D-M. 18 anos em technicolor «O despertar duma adolescente» c/ Jenny Agutter

APOLO 70 (Tel. 763319)
As 15.00 - 18.15 e 21.30 h.
Um filme genial de Sergei Eisenstein
IVAN O TEMÍVEL em 11.ª Semana Devido a grande metragem o filme começa à hora do es- pectáculo

TIVOLI (Tel. 50595)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo B. 10 anos) 3.ª semana Grande êxito do último filme de Jacques Tati «Sim sr. Hulot» («Trafic»)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
O último e mais especta- cular filme de desenhos ani- mados de Walter Disney OS ARISTOGATOS.

BERNA (Tel. 776098)
18.30 e 21.45 (M. 14 anos).
2.ª Semana de êxito. Bekim Felmli, John Huston e Chuck Connors numa das mais su- gestivas e empolgantes his- tórias do ano! O CAMINHO DA AVENTURA. Panavision- Technicolor.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
Uma história de mulher de luxo! A MULHER E O DESEJO c/ Marina Vlady e Renaud Verley. Eastmacolor
Reveillon - Bilhetes à venda Programa em distribuição nas bilheteiras

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45 h.
(Grupo C. M. 14 anos)
2.ª semana E HA-DE CHEGAR O DIA DA VINGANÇA. Com Antó- nio Sabato e Florinda Bolkan Eastmacolor.

CASINO ESTORIL (Tel. 264621)
17.00 - 21.00 (M. 17 anos)
ACONTECEU... NO OESTE, c/ Henry Fonda, Claudia Car- dinalle

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - M. 18 anos)
VALDEZ e A MAGIA DA MULHER.

AVIZ (Tel. 47143)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B. M. 10 anos)
Uma história que diverte pe- quenos e grandes
«O rapaz da voz de ouro c/ Heinz Reinche-Ralf Wocter Eastmacolor

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
O prato forte de todo o público o inimitável Cantinflas O CATEDRÁTICO c/ Maria Lopez

LYZ (Tel. 48560)
às 15.00 e 21.00
(Grupo D - M. 10 anos)
ADEUS MISTER CHIPS e COMPLEMENTOS ESCOLHI- DOS.

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D. 18 anos)
14.ª Semana LOVE STORY. C/ Ali Mac Graw e James Ol- sen

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.30
O último e mais especta- cular filme de desenhos ani- mados de Walter Disney Technicolor. OS ARISTOGA- TOS

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Quem tem medo de Virgi- nia Woolf»

VILLARET
20.45 - 23.00
«O aniversário da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«O Ze aperta o cinto»

A.B.C.
20.45-23.00
(18 anos)
«Sai das casca»

VARIADAES
20.45 - 23.00
(18 anos)
«Empresta-me o teu apar- tamento»

CAPITÓLIO
21.45
(18 anos)
«A Querida Mamã»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00
(18 anos)
«A Dama das Camélias»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Tango»

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIS
21.30 (18 anos)
«A salvação do mundo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
Companhia Internacional de circo

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (14 anos)
«Um caso de amor»

OLÍMPIA
18.00 (14 anos)
«Borsalino»

CINEARTE
22.00 (18 anos)
«Convite ao pecado»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Vê se te avias»

ROYAL
21.30 (10 anos)
«Um anjo dos diabos»

ARCO IRIS
21.30 (10 anos)
«A montanha da luz»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«O Preço do amor»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (14 anos)
«O Terrível juramento»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (18 anos)
«Coisas da vida»

PARADE
Royal Cine
21.15 (14 anos)
«O Passageiro da chuva»

ESTORIL

Casino
18.30 e 21.30 (17 anos)
«Aconteceu no Oeste»

Palácio
21.30 (10 anos)
«A incrível aventura»

CASCAIS

S. José
21.30 (18 anos)
«Ontem, hoje e amanhã»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«Poucos dólares por Django»
«Conflitos de Alma»

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«Patton»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Os Caprichos de Maria»

QUELUZ
Queluz-Cinema
21.15 (10 anos)
«A viúva solteira» e «O Filho de Django»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Agência de vigarices»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«O Comissário Pepe»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Jane Eyre»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (18 anos)
«Certo, certíssimo ou talvez não»

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (18 anos)
«Tentação»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Strogoff»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00 (10 anos)
«O Sargento Riker»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (10 anos)
«Os Fidalgos da Casa Mouris- ca»

CIRCO
21.30 (6 anos)
«Circo Mariano»
Av. Fernão de Magalhães

PORTO/Cinemas

AGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Os Assassinos também cho- ram»

RIVOLI
21.45 (10 anos)
«O Arqueiro de Fogo»

BATALHA
21.45 (10 anos)
«Cantiflas o Catedrático»

OLÍMPIA
21.30 (6 anos)
«O Meu Cão e os Ladrões»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Ontem, hoje e amanhã»

JULIO DINIS
21.30 (18 anos) «A Doce Vi- da de Casta Susana»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Morte em Veneza»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Uma certa forma de amar»

TRINDADE
21.30 (10 anos)
«Muito obrigado Sr. Seroge»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Ingenuamente escandalosa»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Gringo não perdoa»

NUNO ALVARES
21.30 (17 anos)
«Um dólar furado»

PASSOS MANUEL
21.30 (10 anos) «Corrida con- tra o destino»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O doce corpo do delito»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«O Pirata negro»

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«O Arqueiro de fogo»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Ódio por ódio»

BARS BOITES

TIMPANAS Cantam Trio Odemira, João Fernando, Emilio Reis, Luis Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo 6150 (taxas incl.) Rua Gilberto Rolz, 24 Telef. 676655 e 672431.

«A SERENATA» Cantam: Cidália Mo- reira, António Rocha e Amélia Proença. Grupo Folclórico Cantares de Portugal Rua Diário de Notícias, 122, Telef. 32359 e 324381.

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas. Música constante Calçada Marquês de Abrantes 64-66 Tel. 667264.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBALIXADOR) (Conjunto Oliver. Av. Duque de Loulé, 73 Tel. 530171).

ARREDA Fado amador, oia e cante o fado no Arreda: Elenco José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.ªs fei- ras: Consumo mínimo 62500. (Taxa incl.) Rua Alexandre Herculano, 3 - Cascais. Tel. 283864.

RESTAURANTES

D. QUIXOTE BAR NOITE com Carlos Villaret e Tony Vieira. Aberto, até às 5 da madrugada. Encerra aos domín- gos Rua da Trindade, 9 Tel. 327109.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais Telef. 26451-26452-26456-264621-264946.

BATACLAM Bar. Discoteca, Bar aberto das 19.00 às 03.30. Disc. Aberto das 22.00 às 03.30. Noites de Paris em Lisboa. Encerrado ao domingo Rua Ramalho Ortigão, 39-A Tel. 560430.

TAMILA Marão e s/ conjunto. Matí- neas todos os dias. Encerrado aos domingos Avenida Duque de Loulé, 69 Tel. 534117.

HIPOPOTAMO Conj. Helder Reis. En- cerra aos domingos Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.

VIELA Cantam: Sérgio, Berta Cardo- so, Beatriz Ferreira, Tucha Mascare- nhas e Elisete Cascais. Tocam: An- tónio Bessa e Fernando Reis. Con- sumo mínimo 60500 Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almooças e Jantares e serviço de bar permanente Rua S. Tomé, 86 ABC: Alfama. Lisboa. Telef. 861633.

DANCINGS

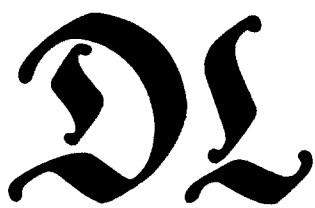
TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa, Beatriz da Con- ceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré. Colaboração de João Braga. Tocam Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos Consumo mínimo 90500. Beco dos Curruques, 10. Telef. 860816.

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pes- soa, Esmeralda Amodeo, Tina Ferrei- ra, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arau- los. Tocam Libertino Conde e Américo Silva. Fandango pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira. Encerra às se- gundas-feiras. Consumo mínimo 70500 Rua do Norte, 91 Telef. 30095 e 28713.

ADEGA MESQUITA Cantam: Fernan- do Pinto, Francisco Martins e Alcín- do Carvalho. Tocam Jaime Santos e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo míni- mo 60500. Encerra ao domingo Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307.

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa. Música constante. Encerra às 03.30 horas. Av. Marechal Carmona, Telef. 790177.

CASEBRE ?

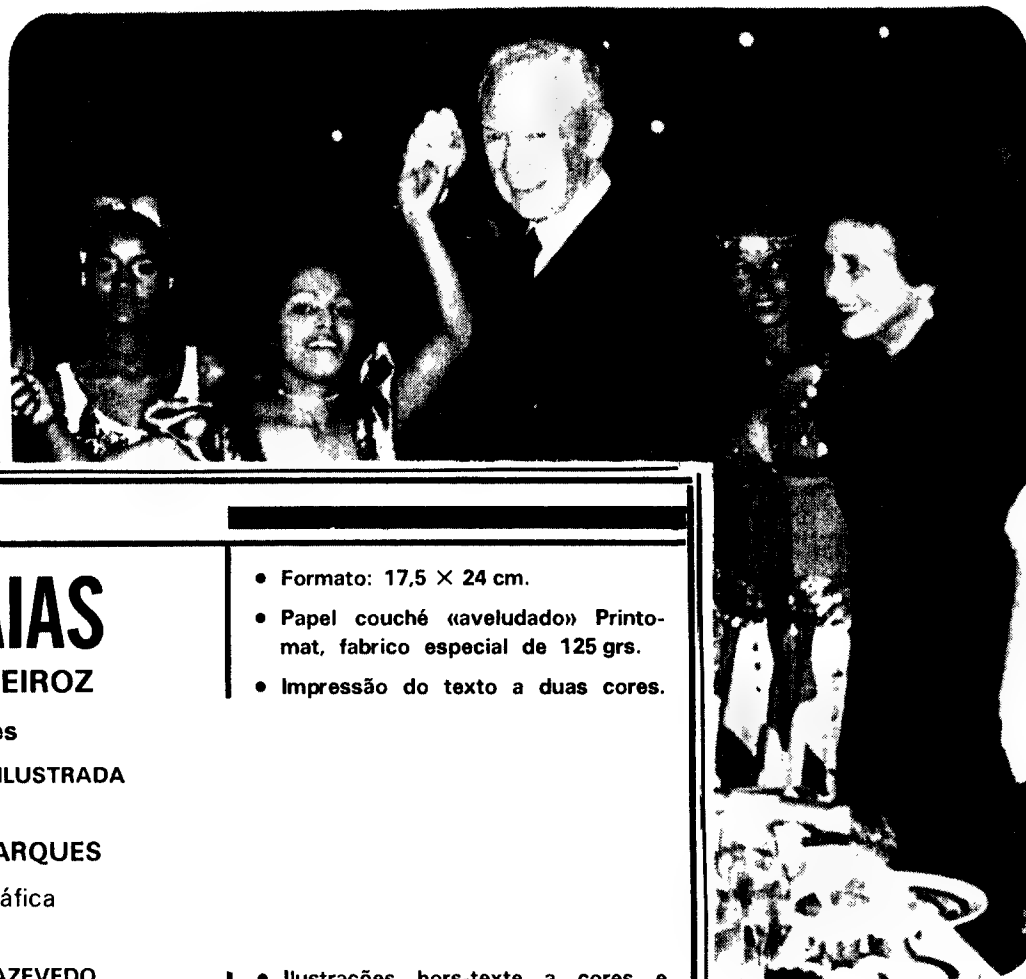


RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

PARANÁ VÊ GIL VICENTE

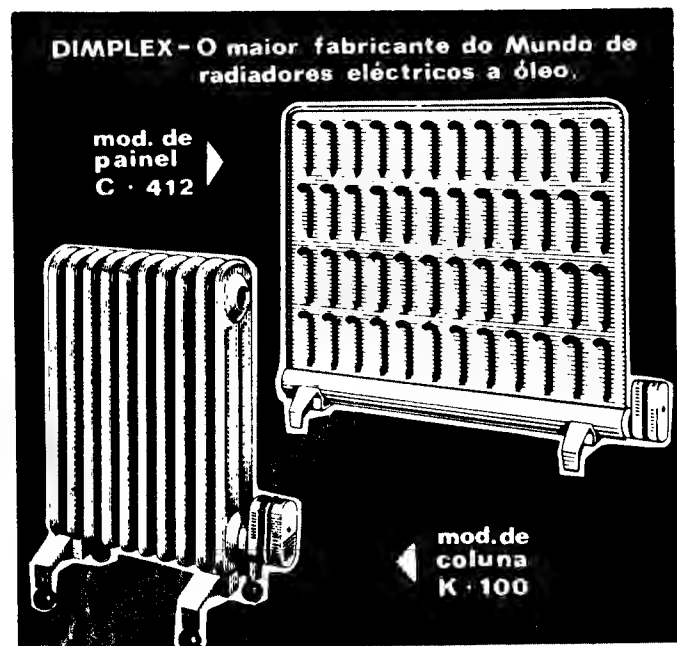
No auditório da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, foram levados à cena, pelo Grupo Gil Vicente, duas peças daquele autor, o «Auto da Índia» e «O Velho

da Horta». O Grupo Gil Vicente foi fundado em 1970 pelo Centro de Estudos Portugueses daquela Universidade, com o objectivo de «tornar conhecidos, hoje, o teatro medieval e a genialidade do criador teatral português». Ao mesmo tempo, no Rio de Janeiro, o grupo teatral «Os Casulos» está a ensaiar uma peça de Bernardo Santareno, «O Crime da Aldeia Velha», que apresentará em espectáculos consecutivos nas salas das diversas associações portuguesas da Guanabara, levando assim, ao conhecimento dos emigrantes, um dos nossos mais significativos dramaturgos modernos.



Alegria do Brasil em Paris

Uma das mais famosas escolas de samba do Rio de Janeiro, a Império Serrano, exibiu-se ontem em Paris no Palácio da Defesa, em um espectáculo que entusiasmou a assistência. Até o antigo Primeiro-Ministro Maurice Couve de Murville não resistiu e também «caiu no samba» com as «cariocas» cariocas. A Império Serrano já venceu o Carnaval várias vezes, no grande desfile da Avenida Presidente Vargas.



Dimplex

O MELHOR AQUECIMENTO DO MUNDO

DIMPLEX-radiadores eléctricos a óleo. Com controle da temperatura ambiente, por termóstato. O calor DIMPLEX não altera não suja nem seca o ar.

CALOR SAUDÁVEL, SUAVE E CONSTANTE

A VENDA NAS BOAS CASAS DE ELECTRODOMÉSTICOS
peça catálogo grátis

Representantes Exclusivos:

RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA - R. ANTÓNIO ENES, 20-1º - TEL. 56 34 16
PORTO - R. DR. ALFREDO DE MAGALHÃES, 99

Agradeço o envio GRÁTIS, pelo correio, de um catálogo ilustrado DIMPLEX
Nome _____
Morada _____

THE KING OF WHISKIES



PRODUCED AND BOTTLED
IN SCOTLAND

OS MAIAS EÇA DE QUEIROZ

2 volumes

EDIÇÃO ESPECIAL ILUSTRADA

Por

BERNARDO MARQUES

Direcção Gráfica

de

FERNANDO DE AZEVEDO

um lançamento verdadeiramente extraordinário,
neste NATAL de 1971!

mais uma grande iniciativa editorial
de

LIVROS DO BRASIL

Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa

- Formato: 17,5 X 24 cm.
- Papel couché «aveludado» Printomat, fabrico especial de 125 grs.
- Impressão do texto a duas cores.

- Ilustrações hors-texte a cores e preto e branco, por heliocromia e rotogravura.
- Apresentação num atraente estojo revestido de SKIVERTEX com gravações a ouro fino.

2 vols. — 600\$

PEDIDOS CONTRA-REEMBOLSO
PARA NATAL

UM LIVRO PARA SI!

ROSINHA, MINHA CANOA

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

UM AUTOR BEST SELLER
JÁ CONSAGRADO EM
PORTUGAL

60\$00

UM LANÇAMENTO DO



CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO

LISBOA • PORTO

JESUS CRISTO SUPERSTAR

EDIÇÃO BILINGUE
DA LETRA DO GRANDE
EXITO DO MOMENTO
NA BROADWAY
E NO DISCO

JESUS CRISTO SUPERSTAR

A LETRA
DA «ÓPERA-ROCK»
DE TIM RICE
E ANDREW LLOYD WEBBER

JESUS CRISTO SUPERSTAR

MORÆS
EDITORES

A MOSCA... ...PICA



A GATA BORRALHEIRA

**NUMA NOVA VERSÃO DEVIDAMENTE PATENTEADA,
ACTUALIZADA E APROPRIADA ÀS CRIANCINHAS DE HOJE**

Era uma vez uma dactilógrafa chamada Cinderela, que tinha duas irmãs bonitas - ela não era o que se chama uma beleza e por mais que minisasse a saia e que pintasse os olhos, não conseguia alterar a sua natural deselegância. Vivia esta Cinderela num quarto andar, à Estefânia, com o seu pai que era sargento, a sua mãe que era mulher a dias e as tais duas irmãs bonitas que eram hospedeiras em bares sofisticados da capital e que, por isso mesmo, tinham amigos que as traziam a casa de Mini Morris e que as presenteavam com recordações dos momentos agradáveis que passavam.

Como é evidente, os amigos de Cinderela não tinham Mini Morris nem a presenteavam com recordações - até porque as não tinham - de forma que a jovem transitava de eléctrico e aproveitava as viagens para ler pequenos volumes de divulgação cultural (à semana) e fotonovelas (ao domingo). Em casa, as irmãs de Cinderela recusavam-se a lavar a loiça e a despejar os pacotes das sopinhas sintéticas na água quente para não sujarem as mãos, de forma que Cinderela estava incumbida dos trabalhos domésticos e passava longas horas junto ao fogão a gás Cidla conversando com o gato da

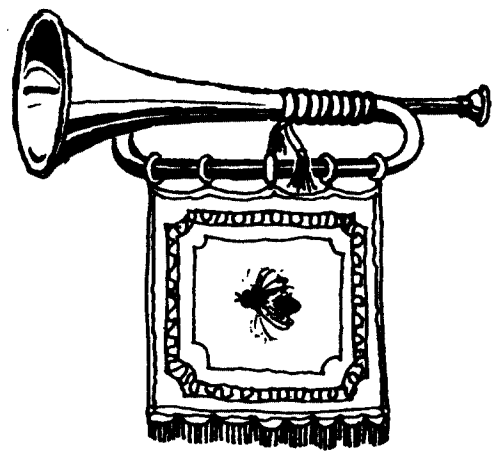
família, que se chamava Tareco, enquanto a catinha ganhava o apetitoso gosto da margarina

Planta e as batatinhas secavam até ficarem sem gosto algum. Talvez por isto as manas bonitas chamavam-lhe «Gata Borralheira» sem que ela se ofendesse, porque no fundo, lá muito no fundo, Cinderela tinha a certeza de que mais tarde ou mais cedo iria ter uma compensação pelo tempo que dedicara à leitura de livrinhos de divulgação cultural. O que Cinderela queria, por outras palavras, era casar com um doutor, com um

alferes ou com qualquer indivíduo com direito a reforma porque estava certa de que as irmãs, até para não perderem as vantagens da sua profissão, acabariam por casar com caixeiros viajantes.

Ora como é sabido «quem espera sempre alcança» e nesta vida «a virtude é sempre premiada» - quem não acreditar nisto que leia o Reader's Digest ou qualquer outra

Continua na página seguinte



NOTA DE ABERTURA

Começou uma nova semana, como acontece todas as semanas.

Como é do conhecimento geral, pouco ou nada houve de novo a assinalar na frente Lisboa. Fez bom e mau tempo, como sempre. Os teatros estiveram a meia casa, como sempre. Houve sangue na estrada, como sempre. Sairam livros, como sempre e — talvez para alterar esta normalidade que temos vindo a assinalar — um editor tomou banho publicamente para demonstrar ao país que pelo menos certos editores precisam de tomar banho. Assinalamos este banho com prazer embora com receio de que, terminado o mesmo, o editor em questão, devidamente lavado, escanhoado e desodorizado, abandone a profissão. O grande acontecimento da semana não nos disse respeito — felizmente. Referimo-nos evidentemente à guerra entre a Índia e o Paquistão que veio desfazer as esperanças de quantos pensavam que o mundo tinha, finalmente, atingido um estágio de civilização suficientemente adiantado para que a guerra fosse abandonada como processo de resolver questões. Por mais que se diga, por mais que se fale e por mais que se queira entender o que está a acontecer na Índia, saber que em 1972 ainda há «conquistas» não é das coisas que mais contribui para o sono tranquilo que os médicos recomendam a quem trabalha.

«A MOSCA» de hoje é dedicada a um tema muito especial que já tem sido tratado nas suas colunas mas nunca nos termos em que o é neste número.

A emancipação da mulher e a sua progressiva conquista do lugar que o homem ocupava, ainda há bem poucos anos na sociedade, obriga-nos a rever não só o conceito que dela tínhamos como o reflexo que esse mesmo conceito deixou na literatura e, muito especialmente, na literatura infantil. Como é que podemos exigir às crianças que cresçam impregnadas de respeito pela mulher e que se habituem a tratá-la de igual para igual se lhes ensinamos histórias em que a mulher ocupa um lugar francamente secundário?

Impõe-se, por outras palavras, a revisão das histórias que tradicionalmente contamos às crianças e se é certo que essa tarefa deve competir a técnicos especializados em literatura e não a suplementos mais ou menos humorísticos, é igualmente certo que os nossos pedagogos têm abandonado o assunto revelando, dessa forma, uma lamentável falta de interesse não só pela mulher como pelo futuro da criança.

Sempre pronta a meter o bedelho na seara alheia e a pelejar por toda a causa justa, A MOSCA publica neste número as primeiras histórias tradicionais revistas para o nosso tempo na certeza de assim contribuir para que os filhos dos seus leitores passem um Natal mais feliz ou, pelo menos, mais adequado a este século XX que talvez não seja o século das luzes que os nossos avós tanto apreciaram mas que é, incontestavelmente, o do néon.

A GATA BORRALHEIRA

Continuação da página anterior

publicação optimista - e a prova é que certo dia Cinderela tomou conhecimento de que um conhecido industrial (com casa posta e vivenda de verão no Algarve) convidara as irmãs bonitas para um «party» a realizar numa «boite» de Lisboa e resolveu logo que iria a esse «party» acontecesse o que acontecesse porque - haverá quem o não saiba? - mais vale um industrial na mão do que três doutores a voarem.

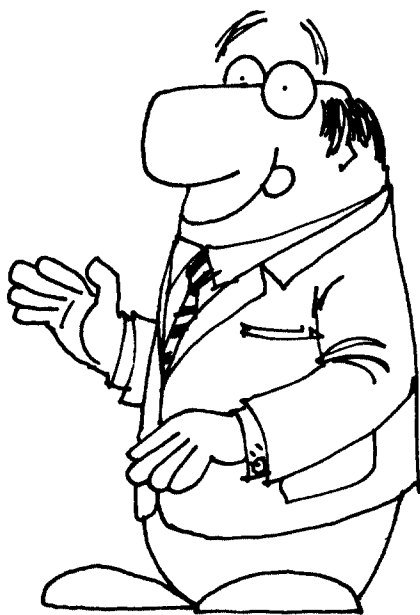
Sem que as irmãs o soubessem, foi ao mealhinho onde todos os meses metia 50\$00 para comprar certificados de Aforro, tirou tudo o que lá tinha, passou um mês a desfazer as sopinhas Knorr da família em litro e meio e meio de água em lugar de as desfazer no litro da praxe e, com o dinheiro poupado, marchou para a Baixa em busca duns «hot pants» que lhe permitissem hospantisar esse ou qualquer outro industrial que fosse ao «party». Procurou, procurou, e acabou por encontrar na Loja das Meias uns hotpante-

sinhos muito inhos, muito inhos, que lhe pareciam adequados ao fim que tinha em vista. Para a parte superior do corpo adquiriu nos Porfírios uma blusinha de nylon muito - mas mesmo muito - moderna. Depois, com a perseverança adquirida no decorrer de uma vida trabalhosa, fabricou uns cartões com dísticos progressivos que copiou de umas revistas inglesas de há oito anos que tinha no escritório - Cinderela trabalhava numa agência de publicidade, como toda a gente que se preza - e pregou-os à blusinha de nylon dos Porfírios para ficar «à la page».

Vestida, penteada (em despenteado, está de ver...), desodorizada e amachucada para que se não pensasse que tinha passado duas horas a preparar-se para a festa (passara três...) Cinderela foi ao «party» do industrial. Deve dizer-se que Cinderela nunca tinha ido a um «party» mas que isso pouca importância tinha porque lera descrições de «parties» no Século Ilustrado e noutras revistas con-

géneres. O que Cinderela não sabia era que o Gin Tonic e o whiskey são bebidas alcoólicas, de forma que meia hora depois de ter chegado ao «party», estava, como é costume dizer nos «parties», «com os copos». Que os leitores desta história não se preocupem - o facto de estar com os copos não só não lhe fez mal nenhum como até contribuiu para lhe desenferrojar os complexos e para «descontrair», como se diz nesses mesmos «par-

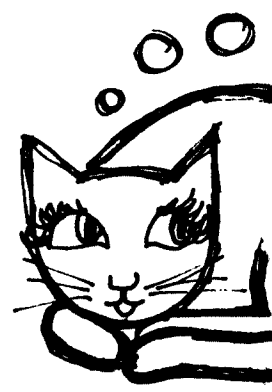
ties». Muito descontrai-da, a nossa amiga Cinderela dançou, dançou, dançou, foi apertada e - que me não critiquem por dizer o que, na realidade, se passou - foi tão apalpadinha que a blusinha de nylon se lhe colou à pele. Aquilo, por outras palavras, foi um bom «party» e melhor teria sido se o pianista se não tivesse metido debaixo do piano a discutir arte nova com um amigo, mas isso é outra história. O que podemos afirmar é que foi tudo muito mo-



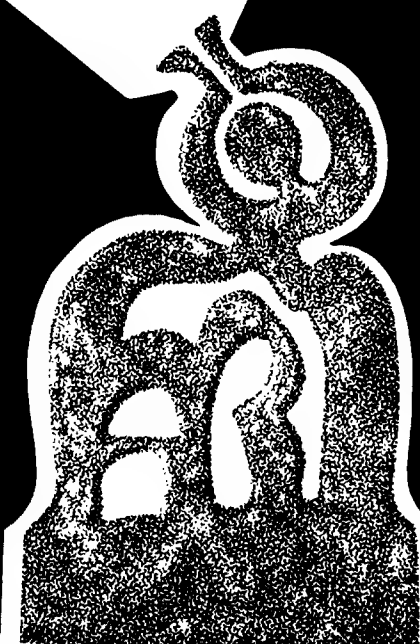
derno, muito progressivo, muito descontrai-do. A Gata Borralheira, sempre atilada e de olho vivo, conseguiu captar as atenções do industrial que lhe fez várias propostas curiosas e interessantes que ela não aceitou. Lidinha em coisinhas úteis e práticas e, sobretudo, tendo lido muitos artiguinhos de divulgação das opiniões do amigo Freud, foi-se escapulindo às propostas do industrial alegando não ter feito a digestão, não estar psicologicamente preparada, não estar suficientemente descontrai-da e outras coisas extraídas do seu relatório de frases úteis para parties e outras reuniões progressivas. O que é certo, porém, é que o industrial tinha tido por Mãe uma simpática senhora que tinha um grande sinal negro no seio esquerdo e que a Gata Borralheira tinha um exactamente igual também no seio esquerdo, facto de que o industrial se apercebeu ao dançar com ela por ter - ou não fosse ele um industrial ainda não falido - o olho vivo e bem orientado para as infra-estruturas. Cinderela ao ouvir a história do sinal do seio da Mãe do

industrial percebeu imediatamente que tinha uma arma secreta e poderosa sobre o mesmo porque - repetimo-lo - lera o seu Freudzinho devidamente condensado e simplificado em versões destinadas a armar dactilógrafas para a vida do nosso tempo. Munida desta arma e exibindo o sinal tanto quanto possível para não satisfazer inteiramente a curiosidade do industrial, provocou-lhe uma tal saudade da Mãe que talvez se não exagere ao afirmar que ele andou taradinho de todo até que, de madrugada, a Gata Borralheira resolveu regressar a casa segura de ter filado o peixe.

Ora talvez os leitores não saibam - se não sabem, ficam sabendo - que é da praxe depois

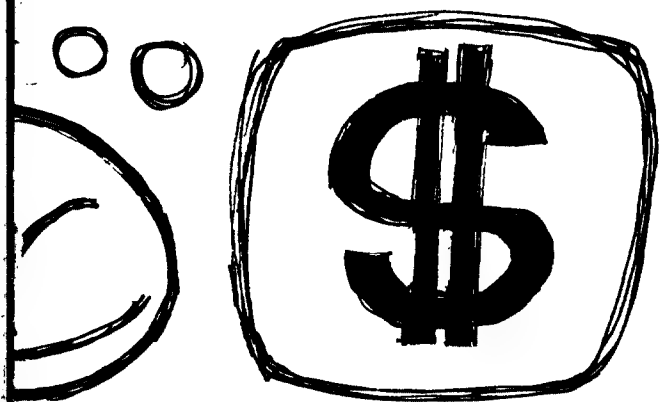


4.1



TEMPO · TÉCNICA
PROCESSOS SIMPLES
RAPIDEZ DE DECISÃO
UM CONCEITO NOVO
NO
ESPAÇO ECONÓMICO

AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS



dos bons «parties» as meninas andarem descalças na rua. Trata-se de uma atitude muito descontraída, muito moderna, muito progressiva e muito Sandie Shaw, que dá a todos uma inefável sensação de terem estado num «party» muito moderno, muito progressivo e muito descontraído. A Gata Borralheira, que vira as manas bonitas chegar várias vezes a casa em pose de descontração, compreendeu que tinha necessidade de deixar qualquer coisa ao industrial que mantivesse viva, onde quere que ele vivesse, a chama da mancha negra do seio de sua Mãe - eu não lhes disse que ela era versada em coisinhas Freudianas? - e teve a luminosa ideia de aliar o útil ao descontraído e progressivo, saindo descalça da boíte, mas deixando atrás de si um sapatinho mimoso adquirido na Mariasinha.

O industrial viu-a sair mas, tanto por também estar interessado numa outra presente que apesar de não ter uma mancha no seio já tinha feito a digestão como por pensar que no dia seguinte avançaria armado do sapato e obteria certamente por isso melhor percentagem de lucro deixou-a ir.

As cinco em ponto da tarde do dia seguinte de sapato na mão e Mercedes à porta José Antunes industrial ainda não falido desta nossa praça de Lisboa bateu à porta da casa de Cinderela e foi recebido pelo pai dela que

ao ver à sua porta um senhor engarbadinado fugiu para a sala convicto de que não podia deixar de ser o homem das prestações da televisão. Levou algum tempo até que o pai de Cinderela se convencesse de que a sua suspeita não tinha fundamento e de que o visitante era um industrial ilustre, proprietário de uma «casa posta» de uma vivenda no Algarve e de 3/4 de um Mercedes 220. Ao percebê-lo, porém, avançou apresentou-se e ofereceu ao ilustre industrial um cálice de Porto oferta que deixou o visitante deslumbrado e certo de que entrara numa casa séria onde ainda se vivia de acordo com as boas tradições provincianas das famílias com que ninguém brinca.

Fingindo-se desinteressado - não lera Freud, mas era frequentador de boites e bares - explicou ao dono da casa que uma das suas filhas deixara um sapato numa festa e que ele o vinha trazer sem saber ao certo de quem era o sapato, mas ansioso por que o não julgassem capaz de reter um pedaço de propriedade alheia. O dono da casa foi lá dentro chamar as filhas que acorram imediatamente ansiosas por enfiarem o pé no sapatinho, na casa posta do industrial e, sobretudo, na sua conta bancária. Só a Gata Borralheira, que vira chegar o carro da janela da sala, é que ficou lá dentro a vestir umas calças floridas que adquirira para

a ocasião e uma blusa muito decotada que, não por mero acaso, deixava adivinhar a sua já referida mancha do seio esquerdo.

Cinderela, de ouvido colado à porta, esperou pela última tentativa, vã, das suas irmãs bonitas e abrindo a porta de repente, exclamou assustadíssima, ao deparar com o industrial: «Ai!». É claro que tudo correu pelo melhor: o sapato era mesmo o dela, o industrial propôs-lhe imediatamente casamento e as irmãs foram para a casa de banho roer-se de inveja.

Para que se compreenda, porém, como a mulher moderna é diferente da antiga há vantagem em reproduzir o diálogo que se travou entre Cinderela e o seu futuro esposo nesta ocasião tão importante para o futuro dos dois.

O industrial, voltan-

do-se para Cinderela, perguntou-lhe:

- Quer dar-me a honra de casar comigo, de ser a companheira da minha vida e de me ajudar a administrar os meus bens?

quem eu tanto desejo, porque tens no peito uma mancha igual à que tinha a minha Mãe.

- E quero tudo em meu nome, ouviste, pá? Se julgas que estou para passar a minha viuvez

dor para rearranjar a nossa casa porque não acredito senão em casas como as que vêm no «House beautiful», ouviste, pá.

- Tudo o que tu quiseses, mamã.



Cinderela respondeu:

- Os teus bens? Estás a brincar comigo, ou quê? Os bens ou são nossos ou nada feito...

O industrial sorriu - não era mau tipo - e aceitou.

- Tudo o que tu quiseses, minha querida a

em bichas à espera de pensões, estás muito enganado...

- Tudo o que tu quiseses, minha querida que tanto me fazes pensar na minha mamã que me dava palmatoadas quando eu ia à marmelada.

- E quero um decora-

Para rematar, apenas acrescentamos que casaram, que são muito felizes e que vivem num andar do J. Pimenta.

Para a semana: «A Menina do Capuchinho Vermelho».

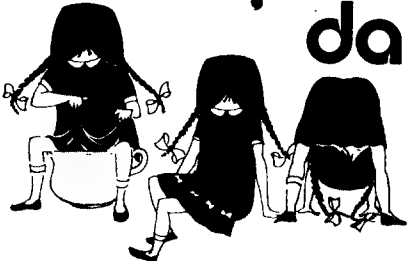
Porque não lhe oferece uma ilha neste Natal?

Há coisas que valem um milhão mas custam pouco. Escolha uma colina verdejante no Inverno, uma ilha deserta na Primavera, ou um inesquecível Verão americano. Escolha aquilo de que Ela gosta. E ofereça-lhe neste Natal. O agente da Pan Am entrega-lhe o bilhete num envelope de oferta, ou completa-o numa ida-e-volta em alguns minutos. Para qualquer parte do Mundo: é só pedir. Para Nova York, Los Angeles, S. Francisco, Sidney, San Juan, Barbados ou para onde quiser. De facto, até pode escolher uma viagem à volta do Mundo. Bem sabemos que esta não é uma oferta vulgar. Mas então? A mulher com quem casou também não o é! Pan Am torna a sua viagem maravilhosa



A melhor oferta do mundo para o seu Natal.

redacções da



A CONDIÇÃO HUMANA
VISTA ATRAVÉS
DO INCISIVO HUMOR
DUMA PEQUENA
PERSONAGEM
ENCANTADORAMENTE
MALICIOSA
E IRREVERENTE,
QUE OBSERVA,
COMENTA,
VIBRA - E FAZ VIBRAR
QUANTOS
A CONHECEM

GUIBÍNHA

ILUSTRADAS POR LUÍS OSÓRIO

EDIÇÕES ÁTICA

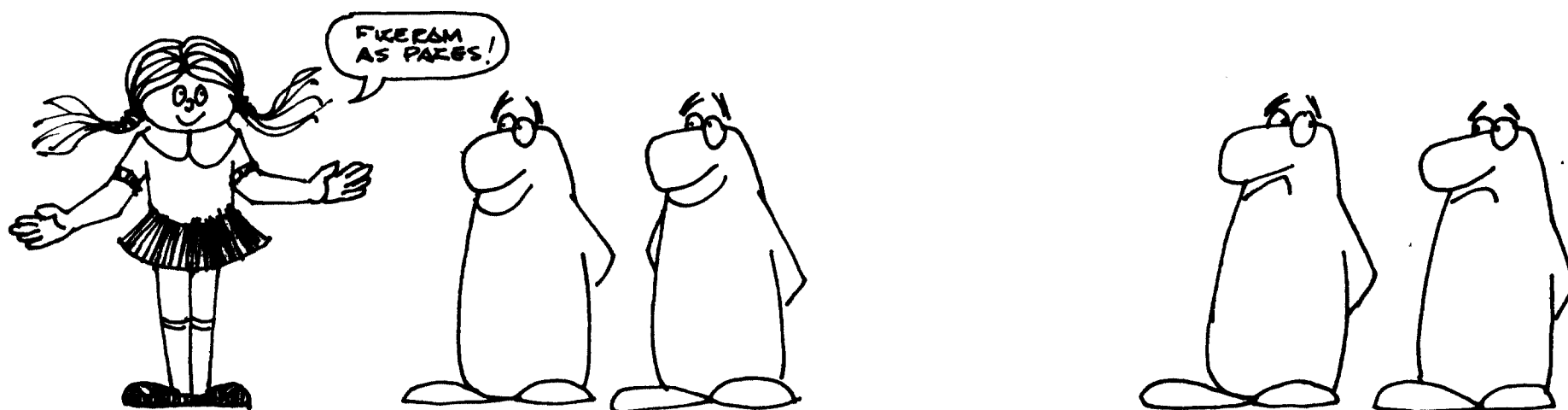
DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA DA
LIVRARIA BERTRAND

APARTADO 37 AMADORA

60\$00

Adapt. Lúcia





O MEU PRIMO XICO E O MEU PRIMO MANEL

Para começar nem tenho voz depois do que me aconteceu sim porque se tivesse acontecido a toda a gente o que me aconteceu a mim haviam de ver como era e como estavam mas o melhor é eu começar pelo princípio e o princípio é uns problemas que há entre o meu primo Manel que é um que tinha um Opel e que agora tem um Mercedes porque anda a construir uns prédios em Sesimbra e o meu primo Xico que não tem Opel nem Mercedes nem prédios mas que resolveu meter-se num negóciosito de chouriços por causa do meu primo Manel sim porque quem teve a culpa foi o meu primo Manel esse é que começou a mandar fazer chouriços lá na terra e a vendê-los em Lisboa e vai começou a dizer ao meu primo para também se meter no negócio porque dava uns pilins e porque não era justo que nos passeios que eles dão tivesse de ser ele sempre a pagar e porque se ele se metesse no negócio dos chouriços sempre ganhava uns pilins para pagar a sua parte da gasolina nos passeios e mais isto e mais aquilo e vai o meu primo disse-lhe que não tinha dinheiro para se meter no negócio e que se o tivesse era até capaz de entrar eteceterita e o meu primo Manel disse-lhe que lhe emprestava o dinheiro para começar e vai emprestou-lhe um conto de réis e ele teve tanta sorte que arranhou lá na terra um chouriceiro bestial mandou fazer uma data de chouriços vendeu-os num talhito ganhou uns pilinzitos pagou o conto de réis ao meu primo Manel e mandou fazer mais chouriços ora aí é que começou o negócio a dar raia porque a verdade é que o meu primo Manel quando descobriu que o meu primo Xico andava a vender chouriços nas lojas onde ele os vendia ficou bera como a ferrugem tão bera que até deu saltos e disse logo ao meu primo Xico que a partir desse dia se ele quisesse andar no Mercedes tinha de pagar a gasolina

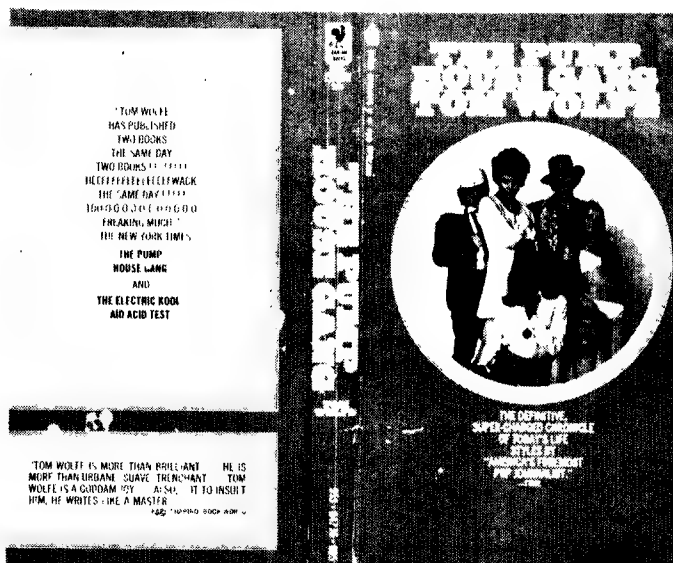
a 10\$00 o litro o que é demais sim porque uma coisa é roubar um bocadinho e outra é roubar um bocadão e vai o meu primo Xico continuou a vender chouriços mas teve de lhes aumentar o preço senão o lucro não dava para a gasolina dos passeios e por causa disto pegaram-se que foi uma coisa doida sim porque eles enquanto o negócio do meu primo Xico vivia do conto de réis do meu primo Manel nunca se pegaram mas assim que o meu primo Xico começou a pagar o conto e a fazer-lhe concorrência aos chouriços aqui d'el rei que era um infame um bandido um mal agradecido e mais isto e mais aquilo as coisas ficaram tão graves tão graves que a minha mãe deixou de falar à mulher do meu primo Manel e eu fui proibida de falar com a minha prima Manela que é aquela ranhosa que eles tratam por Nené e que é filha deles e é bem feito as coisas estavam tão graves que os homens das lojas já nem sabiam a quem haviam de comprar chouriços com medo de que aquele a quem não comprassem arreasse no outro enfim a vida é o que é e o resto é uma grandecíssima fita mas o melhor é eu continuar a certa altura já não me lembro de quando é que foi resolveram que o melhor era o meu primo Manel encontrar-se com o meu primo Xico para chegarem a um entendimento sim porque o que estava a passar-se era uma vergonha para a família e vai começaram a pensar onde é que eles haviam de encontrar-se e resolveram que era em casa do meu primo Manel mas o meu primo Xico disse que não entrava lá porque as pessoas podiam pensar que ele tinha lá ido pedir batatinhas e vai pediram ao meu primo Manel para ir a casa do meu primo Xico mas ele disse que não punha lá os butes porque se lá fosse as pessoas podiam começar a pensar que ele tinha lá ido pedir batatinhas e como as discussões nunca mais acabavam o meu pai

ofereceu a casa dele e convidou-os para irem lá passar a tarde que ele oferecia um jantar à família para toda a gente os ver fazer as pazes e eles aceitaram sim porque nestas coisas de aceitar festas e jantares só os casmurros é que não aceitam o difícil é oferecer e vai começamos logo de manhã a preparar a festa vieram as minhas primas todas a minha prima Amélia veio fazer o arroz doce que nisso ninguém a bate a minha prima Maria veio temperar a massa dos pastéis de bacalhau a minha prima Henriqueta veio fazer o leite creme um pagode um autêntico pagode mas a verdade é que não nos fez assim grande diferença porque no meio daquelas questões todas o meu pai tinha conseguido que o meu primo Manel lhe emprestasse uns pilins de maneira que a festa também servia de agradecimento enfim uma data de festas numa só e uma confusão danada mas o melhor é eu contar o que aconteceu no dia da festa para começar estava um dia de fazer gazeta à escola com o sol lá no alto e o céu bestialmente azul e passarinhos e tudo o que manda a lei para não apetecer trabalhar enfim à hora combinada chegou o meu primo Manel no Mercedes só para chatear o meu primo Xico que veio de eléctrico e juntaram-se lá na sala com a minha família toda a passear de um lado para o outro no corredor e a jogar às cartas na patamar da escada a fanar pastéis de bacalhau na cozinha de cada vez que a minha mãe voltava as costas e vai um deles já não me lembro de qual disse-me para eu escrever uma carta lá para a terra a dizer aos da família que lá estão que o que é que o meu primo Xico e o meu primo Manel tinham decidido e eu rapei da esférográfica que por acaso nem é minha não senhor encontrei-a dentro de um sofá aquilo foi alguém que a deixou cair do bolso das calças ando cá a pensar que foi meu primo Pepe

mas faço-me lucas e comecei a escrever Nossos queridos lá da terra: os nossos primos estão na sala a beber café e a chegar a um entendimento por causa dos chouriços eu cá digo que o meu primo Manel vai dizer que o meu primo Xico a final não tem de pagar a gasolina a 10\$00 e que em troca o meu primo Xico vai dizer-lhe que não lhe faz concorrência aos chouriços mas a verdade é que não sei se eles se entenderão assim que eles saírem da sala eu escrevo o que aconteceu e bumba ainda eu estava a guardar a tal esférográfica bestial que encontrei no sofá e quem é que sai da sala senão o meu primo Manel e o meu primo Xico a dizerem à gente que estava tudo bestial e que mais dia menos dia tinham outra reunião e resolviam o problema dos chouriços? eu é claro que rapei outra vez da esférográfica e escrevi na carta afinal não aconteceu nada eles dizem que sim senhor que vão entender-se mas que fica para a outra vez o que houve foi uma festa bestial com pastéis de bacalhau e arroz-doce e puz a carta em cima da mesa porque se a tivesse ido meter no correio quando chegasse outra vez a casa eles tinham mamado tudo pois o meu azar foi esse porque o meu pai pegou na carta leu-a e quando eu cheguei a casa rasgou-a que foi uma limpeza lá porque ainda estou para saber só se foi por a festa ter sido cá em casa sim porque se calhar quando a gente dá uma festa os outros têm mesmo de entender-se o que vale é que eu não me ralo nada porque quem a escreveu fui eu e quem a rasgou foi ele de maneira que quem ficou a ganhar fui eu.

Guidinha

SUPLEMENTO LITERÁRIO



Os livros dos outros



Por JOSÉ VAZ PEREIRA

TUBARÃO NA PISCINA



Tom Wolfe prova aquilo que muitos enfatuados negam. Que um grande jornalista pode ser um grande escritor. Rectifico: que um grande jornalista é sempre um grande escritor. Sobre tudo se entendermos a reportagem, a crónica, o inquérito não como um registo ensonado duma realidade baça — «só estou aqui com um café no bucho, depois na redacção vê-se o que isto dá» — mas como uma força criativa, um poder inesgotável de interpretação, de polémica e até de humor. Lendo os escritos de Tom Wolfe reunidos em «The Pump House Gang» (que traduziríamos livremente por «A Malta do Surf») que abarcam imensa coisa e imensa gente pode-se concluir, sem esforço, que ele preenche essas qualidades.

Jornalismo criativo, pois, mas não só. Um tremendo poder de análise, uma capacidade de criar, de recriar (de desfazer) personagens dignas dum Honoré de Balzac, um domínio do inglês (americano) moderno que se bate com Norman Mailer; uma criação para a síntese reveladora que evoca Hemingway; uma maneira de descrever a paisagem comercial, estado-unidense duma ironia comparável à de Nabokov. Mas não nos iludamos com tanto parentesco ilustre. Wolfe e o seu virulento cronicar é ele antes de mais nada. Um homem que escreve com o raro dom de pôr a assinatura em todas as linhas.

«The Pump House Gang» é uma ida aos infernos. Um inferno de néon, de revolução nos costumes e na moral, das personalidades carismáticas, da comunidade do homem atlântico, de Marshall McLuhan e das comunicações de massa, dos valores da juventude da Califórnia e de Londres, do climax de angústia dum Hotel automatizado, das «go go girls» que tomam injeções de silicone para aumentarem onde interessa, do sucesso social que é a arte pop.

As cores deste inferno não são, regra geral, muito carregadas. Como nota Wolfe mesmo quando as pessoas não têm dinheiro — «há muito dinheiro a flutuar». Fala da América, claro. Mas mesmo quando a visão deixa de ser amarga não é, acto contínuo, aberta a porta à amenidade. Wolfe vergasta sempre e a sua benevolência, a sua indulgência perante os absurdos e os ridículos assume uma tintagem irónica, um sarcasmo que se, uma extrema elegância e uma maneira tensa e elíptica de intensificar a vida impedem de surgir.

Um jornalista tem de ser rápido e directo. A pequena antologia de Wolfe nada tem de retórico, e de considerações graves sobre a origem e o destino duma sociedade que impôs como divisa: «No LUCRO acreditamos». Não lhe interessa saber para onde a América vai, o que aconteceu a Londres. Basta-lhe dizer como América está e o que acontece em Londres. O suficiente, no entanto, para as crónicas de Wolfe terem um tom de correspondente de guerra, de homem que regressa, mais ou menos incólume, do inferno contem-

Continua na página seguinte

TOM WOLFE: uma capacidade de criar, de recriar. (de desfazer) personagens dignas de um Honoré de Balzac (desenho do autor incluído no livro)

sobre «The Pump House Gang» de Tom Wolfe, publicado por Bantam Books Inc. - 6.ª edição, 1968



Por FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

2 OS ALPINISTAS

Há outro saber: da solidão. A face norte é a mais bela, no monte Cervin, entre a aresta do Hornli e a aresta do Zmutt. O gelo, vítreo. Daí deduziu a solidão: a beleza em uma face cardinal, o vítreo como atributo, num real que se desprendera do sujeito. As avalanches para o alpinista, ou um só alpinista, da ascensão dos Drus, são o outro ser: aqui, consubstanciam a ameaça. Aniquilar o ego, ergo sum, ó neve nebulosa do tempo em que a montanha se fizera para demónios e deuses. Uma dádiva e um dos seus possíveis contrários, supressão. Bonatti exaltadamente teme que a Natureza o supere, dom do sol, de um glaciar visto ou repensado que, de si próprios esplenderiam: que tudo demais cintile — a arquitectura, arestas —, seja o enigma e, afinal, o seu dogma. Suspenso sobre o abismo, na parede lisa, entre pirâmides dividiu-se pelo imaginário e pela crença. Ambas, então, substituem a pedra; a que vira, espaço e tempo, é a que já não vê. Ao sexto dia litúrgico, aceita o terror e o limbo, desconhece. Erguido, na hora do magnificat — em que acordada, aliás, na mera base de xisto também se inicia, no outro sítio e ser — este separa-se então do seu corpo, como ente saído da matéria, enquanto o sentimento luta, não na primitiva luta contra a Natureza, a do conhecimento, mas na do dualismo. Daí a Valongo tudo, necessariamente, se ignora, isto é, se nega; mas a corda — presa ao xisto, não estando nem no Cervin, nem nos Drus, nem na ascensão, no entanto sendo ainda idêntico, é para os alpinistas o alpinismo, a superação. Definindo o xisto: lâminas e fricção, atritos, anfractuosidades. De quinze a quinze metros, a corda ligará alpinistas, ó solidários, como a de um nascimento que não se expelle do seu ovo em agonia, mas se inicia na expressão do mundo benignamente, com o fio de plasma preso ao outro, gerador, alheio, porém tangível. A sua vida, de alpinista, é a tua relação contigo, ou seja, és humilde enquanto sábio; não transmigras, como depois o solitário dos Drus — sua última ascensão —; antes, à semelhança de teu semelhante te entregas ao precipício, porque, transposto, é essa a tua Natureza que dominas e, nessa relação, o teu distante é o teu mais próximo. Amá-lo-ás a quinze metros da cicatriz, umbilicus. Contudo, assim como no Valongo se viu chuva como a do Vince, leite, leite, Bonatti, por sua vez nos Drus, na primeira plataforma ainda sentira a tempestade ser algo: premonição. Não se abrigou na reintrância da frágua semelhante ainda à do Valongo, mas a cada relâmpago invocava o seu poder e a sua fraqueza. Caía a chuva em um dos hemisférios sob a forma de um símbolo, era dura e latejava. Se algum alpinista a viu como um leite, é porque não só a designava mas também a exprimia: densa e como obstáculo. Se branca, seria a expressão da espessura; ou um novo sentido de insólito, uma vez que no Valongo, antes, súbitamente, o sol iluminara. Depois escurecia, e clareou portanto com a brancura da água e do faiscar; compacta claridade. Acordada do Valongo e Bonatti nos Drus, em circunstância, aparentemente similar, escolhiam já, na relação com a circunstância a sua visão dispar. Na base da frágua os três alpinistas depois perante o granizo gélido param, unem-se, opõem às forças dos elementos — ventos, condensação de gotículas, congelação de águas, — corpos que sobrevivem juntos pelo elementar calor. Mas Bonatti nos Drus abandona então a plataforma, crava um novo pitão, e entre centelhas e percussões, continua a sua fatal ascensão que ao oitavo dia, depois do êxtase, será uma queda em sentido figurado, transfiguração.

Continuação da página anterior

porâneo para escrever como
foi.

A sua força explosiva combina-se da melhor maneira com um estilo dominador: Wolfe é um daqueles raros eleitos (ou profissionais) que fazem o que querem com as palavras e com as combinações das palavras, que lhes transmitem conta, peso e medida, **côr, serve-e** petulância, q u e deixam morer umas para agigantar outras, que fazem delas mar, rio ou montanha, que as transformam em pomba no esgoto ou tubarão na piscina.

Surf: Na sua primeira reportagem fala-nos da juventude que aborrece romanches (os de papel e os outros), que aborrece roupas, que aborrece pais, que aborrece carros, que aborrece militâncias políticas, que aborrece filmes, que aborrece marijuana e C.^a, que aborrece até ... Homem, veja só! ... hippies. Que tenta, às vezes debruçar-se sobre o mundo mas que logo retira desapontada, Wolfe está a falar doutra gente, doutra religião, doutro mundo,

Se tudo é m... há algo que ainda não é: o mar e as ondas. E nelas deslizam os Ícaros modernos, em calções Jantzen ou mini-bikini e cabelos ao vento, a juventude que faz **surf**, logo existe.

Os **surfers** eram milhares. São milhões. Vão e vêm como as gaivotas. Vomitam a organização, os hábitos ranceiros, o mundo dos negócios, os compromissos, a chatiche que é ir do emprego para casa, da casa para o emprego, o senso de **dejá vu** que exalam as universidades. Há que partir para o mar. A onda é a liberdade. A prancha que desliza no côncavo da vaga tremejante é a existência. Quando o controle do corpo consegue fazer pairar o **surfer** em vales de água e colinas de espuma é a sensação das sensações, o tal bem estar absoluto de que falam os budistas e os yogas.

Wolfe fala dum casal tão entusiasmado que quando à noite

regressou à casa da praia esqueceu a terrível constipação que atacara ambos. O **surf** recompensara tudo. E são ocasionais as saídas deste mundo do seu mundo. Um grupo meteu-se numa carrinha Volkswagen e foi a Los Angeles, aos bairros negros, «ver os distúrbios». Mas aquilo não era com eles. Era com soldados de capacete de aço e baioneta calada e pretos que saíam das lojas assaltadas com televisões debaixo do braço. E a malta voltou para o mar para o ritual sem fim do equilíbrio sobre as ondas.

SUPER-HEFNER: Hefner? Quem não ouviu falar? O mi-mi-mi-milionário da revista («Tem aí o...») «Playboy». O único rival de Walt Disney na dimensão colossal de explorar a ingenuidade humana. Enquanto Disney quer fazer viver as pessoas numa infância boba, Hefner explica-lhes que o sexo faz parte da vida e as

brasas parte do panorama com os relógios de mil dólares e os blazers de Pierre Cardin. Hefner é um personagem que saiu vivo das histórias aos quadradinhos para ter um avião a jacto, uma frota de Mercedes e um rebanho de «coelhinhas» de perna ao léu e sorriso acolhedor e para ser um hedonista ao domicílio, um Casanova do correio-directo.

Ora bem. Acerca do super-Hefner, Wolfe fala-nos da super cama. O milionário tem uma cama imensa gigantesca. A cama tem movimentos e é em forma circular. Hefner carrega num botão e-rrrrrrrrrr! -- o leito alcátifa começa a mover-se. Pode-se escolher a velocidade que se quiser. 78 rotações por minuto, 45 ou 33. Isso mesmo, como nos discos! Outro botão e um sistema de hi-fi começa a encher a sala (e a cama) de música-ambiente. Mais um botão e os aparelhos de TV enchem o retiro de



Mr. Playboy de imagens de mais uma manhã americana. Novo botão e acende-se um quadro de slides onde Hefner pode escolher a dama curvilínea do próximo magazine.

Hefner está de roupão e cachimbo. Na realidade., praticamente **nunca** sai de casa. Melhor, nunca sai da cama. Até lê os artigos, **seleciona** fotografias, dirige os negócios, medita em filosofia, escolhe as coelhinhas, assiste a projeções. Wolfe descobre, no entanto, a verdadeira razão do isolamento de Hefner. A sociedade, o **beautiful people** não o recebe. Nova York fecha-lhe a porta na cara e Washington volta-lhe as costas. Os Kennedy não o conhecem. E a resposta é simples, super-Hefner ficou em Chicago e na cama porque não é demasiado **excêntrico** para

nos-agressivos, tensos, mas ao mesmo tempo razoáveis, tratando as pessoas pelo primeiro nome, David para aqui, Bill para acolá, oh, oh George e dando «briefings» ao pessoal em mangas-de-camisa e café em copo de cartolina na mão — é penetrarem naqueles clubes ingleses tão reservados, tão reservados que nunca se chega a saber se os sócios alguma vez saíram ou ainda estão lá, desde o tempo de Eduardo VII, de casaco cor de vinho e conservados em sherry. Mas essa estratégia tem demoras e astúcias e é preciso distinguir as cores das gravatas, saber quem é que estudou em Cambridge ou Oxford e quem, são os primos, os amigos, as amigas e as cunhas. É preciso brilhantismo na profissão que convém seja brilhante: publicidade (mas criativa não, isso é mais a malta de King's Road), relações industriais, relações públicas, desenho industrial, marketing. E ir a um alfaiate britânico e fazer um jaquetão mais britânico ainda com virados imensos, daqueles em que os mestres abrem «um umbigo na botoeira». E esquecer essa ilusão norte-americana de que o vestuário é para ser prático. Fazer bolsos; muitos bolsos. Quatro bolsos no colete: dois para o relógio que, entre ingleses, convém ser de corrente. Quatro bolsos nas calças: igual a oito bolsos. Bolso de cheques. Bolso de isqueiro. Bolso de *stylo*. Bolsos laterais, do casaco. Tanto bolso — mas onde é que eu meti um papel». E, quanto à pronúncia, o menor deslize é a tragédia para praticarem a discriminação social, os ingleses deixam os outros falar primeiro.

ser recebido na sociedade.
E tão vulgar! Vingança de
Hefner: reclusão.
2ª vingança: sucesso.

SUPER EXECUTIVOS. e Wolfe fala doutras personagens. Uma das suas facetas é estar tão à vontade junto dum menina de Londres que está na berra como um filósofo de **mass media** como Mc Luhan. Falar com o mesmo conhecimento dum restaurante conservador de Mayfair como de um bar para homens de negócio, em S. Francisco. Conhece a linguagem dos chefes de publicidade tão bem como conhece a dos chefes dos blusões negros. E regista o entusiasmo dum artista pop pela sua súbita celebridade: «Calcule que Dean Acheson estava naquela festa e foi ele que me veio falar! Não é grandioso?»

E tem essa peça definitiva em que Natalie Wood, em vestido príncipe-de-gales cor-de-rosa e perseguida pelos fotógrafos, vai a uma galeria de arte e diz «que bonito!» quando o empregado lhe traz um Manet:

Falando dos super executivos, dos homens que são ingleses em Nova Iorque e americanos em Londres e anglo-saxônicos nas suas firmas, Wolfe mostra-se como peixe na água, ao lembrar-nos que o sonho desses dirigentes america-

Wolfe doming a cena. Duma porta a outra. É um tofão com força poética, um gigante da máquina-de-escrever com uma sensibilidade e uma vida que nos mostram um mundo corroído por dentro e cintilante por fora.

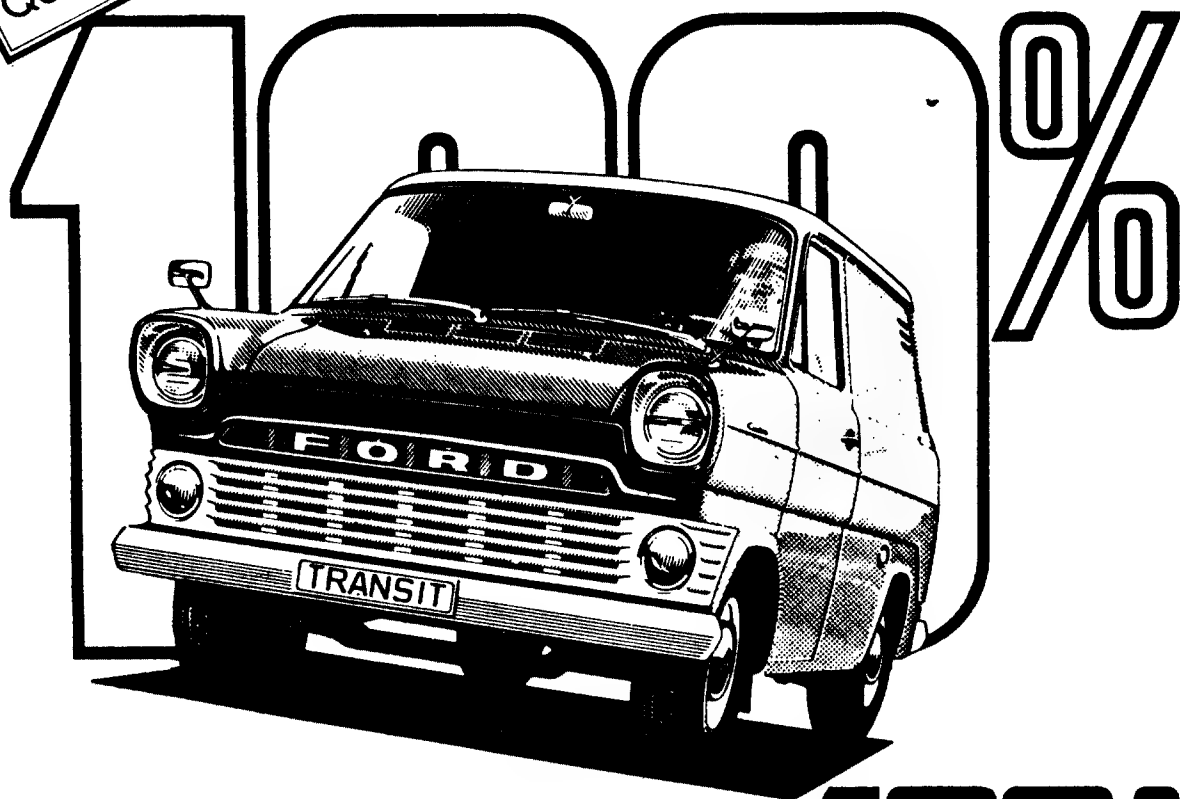
Tubarão na piscina

AUTO-BOAVISTA

O CONCESSIONÁRIO
QUE USA A IMAGINAÇÃO



vende a **Transit***...



o trabalho rende **100%**

*** PARA ENTREGA IMEDIATA!**

**Adquira um FORD de 30/11/71 até 31/1/72,
no nosso DEPARTAMENTO DE VENDAS,
habilita-se assim ao sorteio
de um AUTO-RÁDIO!**

EM EXPOSIÇÃO:

ESCORT·CORTINA·CAPRI·17M·20M

VISITE-NOS — das 9 h. às 13 h. e das 14.30 h. às 24 h.
nos dias 9, 10 e 11 de Dezembro.

R. DA BOAVISTA, 81-B (ao Conde Barão) tel. 671893/669141 (p.p.c. 10 linhas)

De como uma rua se pode transformar num beco ou: carta abertíssima

Escrevo-lhe de um escritório numa aberta do trabalho, sabotando um pouco o rendimento, a produtividade. Você sabe bem como é esta vida que nos querem vestir. Mas, quem não quer ser lobo não lhe veste a pele. Passe o lugar comum.

Com que então rua em Almada? Antes de mandar vir, aproveito para lhe dizer que isto não tem segundos sentidos, nem é para ler nas entrelinhas. Até gosto de si. E até é tio da Conceição. Mas, essa coisa da rua... Eu sei, eu sei, que você me dirá que não mete prego nem estopa para conseguir a placa a lembrar nome aos vindouros. Mas, não acha que é ironia? Darem-lhe uma rua! Já pensou bem na alhada em que se mete? Verdade, verdade, você também tem certas culpas no cartório. A verticalidade é difícil de manter. E que vai você fazer com as casas dessa rua com seu nome que imagino — não fui, não leve a mal, essas coisas cansam-me, para não dizer outra coisa — cheia de luz, as mulheres à soleira, os garotos em correria, um ou outro carro dos acelerados da outra banda, o fim de tarde dos proletas cansados das oficinas, as painéis no gás?

Sabe, Romeu, vi os seus **Vagabundos** no Palácio de Cristal do Porto já lá vão uns anos e penso que percebi o que lá estava e se dizia, e aquilo que não estava mas se percebia que você queria dizer. Eu sei que sou um lamechas mas a coisa tocou-me a sério e é também uma das razões porque lhe escrevo. Mais tarde vi outras coisas. E acabei por ter a sua obra quase completa, através de compras que já tinha feito e de ofertas suas.

Dizem-me que você é um compincha, um tipo porreiro, um pouco ingénuo, mas — cá estão os mas... — a marginalidade tem os seus prós e os seus perigos. E você é um marginal, mesmo representado pela D. Amélia, mesmo editado pela Portugal, mesmo com rua em Almada. E depois? Já lá vamos!

Os perigos da marginalidade (eu que o diga, Romeu!) estão na maldição que às tantas se pretende transformar em trampolim (olióps!). Aparecem sempre uns sujeitos que até são da côr, ou pelo menos aparentam, embora se vejam quase logo as manchas, o tom desbotado, que nos dão o braço, que nos elogiam, ótimo!, toma lá, dá cá, venha daí beber um copo, eu pago o jantar, e, de repente, sem darmos por isso, estamos do lado de lá. Não quer exemplos, pois não? E o tombo, quanto de mais alto (não digo agora em relação a quê) mais fracturas dá. Por vezes a morte. Literária.

As armadilhas para a marginalidade são muitas. A carreira, o curso, a cátedra, a linha de telefone às nossas ordens, um destino avaliado em plástico e já requentado (quem nos mandou pedir dobrada à moda do Porto sabendo que vinha fria e que a dobrada só é boa quente? Quem, tio Pessoa?), mas, mesmo assim, aliciante pois paparoca certa, o cacau a pingar, a crítica assegurada nos mais amplos meios de promoção, tudo isto, digo-lhe, são os atalhos onde pode desembocar a rua da marginalidade.

As ruas, sim. E as praças, alamedas, praias. E os terreiros e as calçadas. Mas, lembre-se: onde estamos? Que gente é esta que mal voltamos as costas nos catapulta para a sarjeta que, segundo dizem, é nosso lugar próprio? As ruas, sim. Como gostava um dia de ir à praia António Maria Lisboa, à Avenida Fernando Pessoa, à praça Herberto Helder, à calçada Luís Pacheco, ao terreiro Soeiro Pereira Gomes, à estrada marginal Vieira da Silva, à travessa Luisa Neto Jorge, às escadinhas Mário Cesariny, ao jardim Carlos de Oliveira. Um dia.

Que diriam os tipos dos bonecos de luz, do Char-ló, o Biganga e o Zé Pardal, ao verem o seu nome todo escarrapachado numa placa de rua? Se calhar

ao Romeu Correia

Por

EDUARDO GUERRA CARNEIRO

O nome de ROMEU CORREIA numa artéria de Almada



ROMEU CORREIA

In «Jornal de Almada» de 11/12/71

Amanhã, domingo, às 12 horas, é descerrada na Rua A, à Rua D. Sancho I, a placa que dá o nome do grande escritor e dramaturgo almadense Romeu Correia àquela artéria.

A Câmara Municipal de Almada pratica um acto de justiça ao consagrar assim o nome do ilustre filho desta terra, ainda, felizmente, vivo, mas é preciso que o povo de Almada e as suas colectividades populares se associem à justa homenagem que se presta a um homem do povo, produto honroso, como homem de teatro, das colectividades de cultura e recreio, comparando à cerimónia do descerramento da lápida.

A concentração dos representantes das colectividades com os respectivos estandartes faz-se até às 11 e 30 horas junto ao Salão de Festas da In-crisal Almadense.

Ao mesmo tempo será descerrada a lápida que dá o nome de João Luís da Cruz, um homem que também muito serviu o nosso concelho, a outra artéria da nossa vila e no domingo, dia 19, será dado o nome do grande industrial Alfredo da Silva à Avenida Marginal Cacilhas-Piedade.

riam-se. Eu não me rio, Romeu Correia. Ouço, cada vez menos e com menor vontade de ouvir, o ruído das máquinas, as ordens aos paquetes, o tagarelar contínuo das meninas, o ruído surdo e contínuo do p.b.x. Lá fora, na rua, ainda há sol. E todos os dias leio nos jornais a descrição de um rapaz ou rapariga, vestia blusa cinzenta, calças de bombazine, olhos castanhos, cabelo preto, cerca de um metro e sessenta de altura, um sinal na face esquerda, pede-se o favor de comunicar com.

Timex diz Boas Festas



Garantido por um ano contra todos os riscos Preços desde 245\$00

TIMEX

o relógio mais vendido no mundo

À venda na sua ourivesaria/relojoaria e também

Hermínio Joalheiros
Av. Comb. G. Guerra, 2
Algés

Eles estão à espera. Os tais. Nas revistas, no cinema, no ensino, na televisão, nos jornais, na publicidade, nas editoras. São mesmo capazes de nos pagar bem, de nos promoverem a directores, encarregados, consultores. E depois? Acabamos na rua, ó Romeu Correia? Ou começamos? Têm programadores, gente para inquéritos, técnicos de controlo, de gestão, de relações públicas. Têm a força das máquinas e do que está por detrás das máquinas. Nós, muitas vezes, nem uma corôa para o telefone. Mas ainda lemos nos últimos parágrafos dos seus «Bonecos de Luz»: **Tudo isto era triste, confuso, mas ao mesmo tempo incutia-me coragem, uma estranha coragem, para enfrentar os meus azares de vagabundo. E só de me lembrar da minha figura solitária a caminhar como os patos, sorri-me; sorri-me com mágoa mas ao mesmo tempo deslumbrado...**

Era de que eu agora ali, na estrada, não era bem o Zé Pardal, mas o Outro que, saindo do lençol, caminhava em busca de mais aventuras.

Pois é! Eles já não vestem de cinzento como os tipos do Sinclair Lewis. Já não são piroso com mangas de alpaça, grandes pastas de três foles, guarda-livros tipo Família Inglesa, meninas genovêas. São garbosos. Espadaúdos. Tecnocratas. São os homens que dominam os **mass media**. Estamos cercados, Romeu! Temos de empurrar algumas portas e sujamos as mãos. Queremos sair da sarjeta. Mas, Romeu Correia: há coisas onde não vale a pena pegar; há portas que não vale a pena empurrar. Certo tipo de sujidade é muito difícil de saír e, tantas vezes!, as ruas para onde dão essas portas não têm saída. São becos.

mais do que um cérebro... um método

rigorosamente cerebral

calculadoras electrónicas

SONY.

Programa de 111 passos
Sete registos de memória e memória total
Simplicidade operacional e de leitura
Circuito integrado e Monolítico
Raiz quadrada automática
Arredondamento automático
Cálculo instantâneo, preciso e silencioso

SO B A X — ICC — 1500 E - simples
SO B A X — ICC — 2500 E - programável

NOGUEIRA INFORMÁTICA
ELECTROLÓGICA E MECANOGRÁFICA APLICADA S. A. R. L.
Av. da República, 41, 3ª - Telef. 77 91 51/5 - LISBOA 1
PORTUGAL

PONTOS
DE
REFERÊNCIA

Ajuste de contas com a poética estrutural

Ainda há pouco tempo, noutro jornal desta cidade, falava de um livro de Galvano della Volpe acabado de vir a público na «Biblioteca das Ciências Humanas», da Editorial Presença. Referia-me então à célebre «Crítica do Gosto», uma das obras fundamentais da moderna cultura de Itália, e de todo o mundo. Um estudo, aliás, de muita difícil penetração, capaz de desorientar, ou mesmo mais ainda, de até impôr a desistência de leitura a todos aqueles que não estejam munidos de um prévio instrumental.

Ler della Volpe não é ler, com a displicência que então se consente e se compreende, as gratuitades estéticas ou as graças críticas de muitos aristarcos de epiderme ou teóricos de superfície. Procurando assentar os alicerces de uma estética materialista, a partir da utilização funcional dos elementos que arrancam do **Curso de Linguística Geral**, de Ferdinand de Saussure, della Volpe (nesse trabalho, como em todos os seus outros) afirma-se numa característica profundamente polémica. Está ele como que sempre a escrever o texto próprio relativamente aos de outrém. E assim, sendo esta uma posição intelectualmente irrecusável, ela implica para o leitor a necessidade constante de apelar para os seus conhecimentos a respeito desse mesmo outrém.

Ao que, porém, agora pretendo referir-me, nestas linhas, é ao volume derradeiro deste pensador complexíssimo que, desde 1942 (ano em que assumiu o materialismo dialético como caminho para o seu trabalho teórico), veio prestando uma sistemática atenção a três temas fundamentais na filosofia: a Lógica, a Política e a Estética. Trata-se da **Crítica da Ideologia Contemporânea** (ainda não traduzida em língua portuguesa), como que a meta final daqueles referidos temas. Cada uma das suas partes remata, por assim dizer, um processo não-breve de investigação materialista-histórica relativamente aos volumes capitais da bibliografia dellavolpiana. **Lógica como ciência positiva** (de 1956), no que respeita à Lógica, **Rousseau e Marx** (de 1957), no que se refere à Política, e a **atrás referida Crítica do Gosto** (de 1960) no que concerne à Estética.

Mas porquê «crítica da ideologia»?... Este termo usa-o del-

Por
Fernando Luso Soares



la Volpe - assim logo nos adverte no respectivo prefácio - na acepção pejorativa, marxiana, de um corpo de ideias que aspira à universalidade, à verdade mais extensa e abstracta, mas que afinal só representa, ainda que inconsciente e dogmáticamente, interesses históricos de natureza parcial ou de uma determinada classe.

A ideologia consome-se, para Galvano della Volpe, num núcleo de ideias que na maioria dos casos constituem autênticas hipóstases idealistas. Precisamente por isso, como não podia deixar de ser, este livro-fecho é de aturada preocupação crítica e insiste no facto que para della Volpe constitui um mal de raiz do ponto de vista científico: a invasão ideológica, que é cega, irracionalista, romântica. Numa palavra, portanto: que é de natureza idealista.

No «ajuste de contas com a poética estrutural» - último capítulo da **Crítica da Ideologia Contemporânea** - dá-se enunciado àquelas posições que para o pensador italiano

constituem as vicissitudes culturais destes anos mais próximos: por um lado as tendências «antihistóricas» e «cientificistas» verificadas nas ciências humanas, e por outro um desmedido interesse pelas formas da comunicação e do discurso comum, com a correlativa indiferença (mal dissimulada) pelos conteúdos humanos e sociais, e pela sua eventual crítica.

Acrescenta mais adiante o autor de **O Verosímil Fílmico e outros Ensaios de Estética**, fazendo agora uma acusação concreta: «Pelo que se refere às tendências anti-historicistas e científicas, em particular, basta recordar a dominante orientação metodológica estrutural, que, apesar de ser uma técnica linguística útil (vejam-se os resultados glossemáticos da escola saussuriana) para comprovar as relações factuais de oposição e de recíproca determinação dos elementos fonéticos e morfológicos, constitutivos da estrutura do signo linguístico dentro desse sistema de paradigmas que é toda a língua (considerada sincronicamente), foi no entanto elevada a critério metodológico de todas as «ciências humanas».

Eis o «vício» para Galvano della Volpe. Nestas palavras de síntese, que acabamos de transcrever, se cifra, de um modo geral, o seu ajuste de contas com a poética estrutural. Tal como já um dia tinha sido a pretensão de Sartre, o estruturalismo aparece-nos, nesta óptica, como uma ideologia. Uma ideologia fundamentalmente (ou mesmo intencionalmente) burguesa. Uma barreira aposta, enfim, ao caminho da História. Porque, segundo della Volpe, com o estruturalismo intenta-se criar uma nova ideologia, tão má ou pior do que as outras, reconduzível (como todas) à fonte idealista. A intelectualidade burguesa - a cujo núcleo os estruturalistas pertenceriam por estigma irremediável - considera a História e concebe a Dialéctica como os únicos transbordos do seu sonho. Com um método meta-histórico de tratamento dos problemas sociais (como o estruturalismo seria), e com uma estrutura-modelo sem carácter real, mas uma espécie de supra-objecto, assim um objecto de tipo platónico, pretendeu o teórico da **Crítica da Ideologia Contemporânea** que os estruturalistas como que levam o «neolítico» a ser um eterno presente.

Eis - repito - o «ajuste de contas» de della Volpe com a poética estruturalista, o qual emparelha (numa edição da série espanhola «Comunicación - Série B», de 1969) com esse outro muito conhecido ataque, «Claude Lévi-Strauss e o novo eleatismo», de Henri Lefebvre. Mas perdoem-me a ousadia da pergunta: - estarão mesmo bem fechadas essas contas?

Parece-me necessário, antes de mais, recordar uma particularidade importante. Galvano

della Volpe representa o sector do pensamento anti-Hegel, e anti-Lukács, enquanto pretende a promoção radical da «inteligibilidade» como fenómeno estético. Querendo fazer um ajuste de contas com a poética estrutural, ele recusa a categoria da «particularidade» para explicar o que é específico do fenómeno estético e, do mesmo passo, o princípio de que na arte a consciência intuitivamente o real. Rejeita, portanto, Lukács. E rejeita igualmente Lévi-Strauss, já que este assenta em que «o estruturalismo é a união íntima do sensível e do intelectual». Para o autor da **Crítica do Gosto** e da **Crítica da Ideologia Contemporânea** tudo é intelectual e só intelectual. Esta constitui a sua tese. Vejamos, porém, até onde semelhante posição teórica nos leva e para onde nos atira.

da técnica. Por isso, como al-gures, lucidamente, anotou Leandro Konder, Volpe foi induzido a considerar que a distinção lukácsiana entre a «forma» e a «técnica» revela uma repugnância por esta última, que é capaz - segundo ele, claro - de ser bem característica do idealismo romântico!

Mas coisa curiosa: querendo ajustar contas com o cientificismo que encontra como dominante na nossa época, della Volpe acaba por aderir neo-positivisticamente (passe a expressão), quer nos domínios da teoria do conhecimento, quer da História, a uma equivalência total e absoluta (logo, a uma identidade não-dialéctica) entre o pensamento, conteúdo da consciência, e o meio pelo qual aquele se forma e se comunica: a linguagem.

Uma crítica como esta já foi feita a della Volpe, mas não



GALVANO DELLA VOLPE

Desenha-se deste modo uma primeira afirmação (veremos que contraditória) do anti-hegelianismo dellavolpiano; o autor da **Crítica da Ideologia Contemporânea** pretende que não existe um conhecimento artístico só por imagens, nem só por intuições. As imagens poéticas, por exemplo, são imagens-conceitos. Porque todo o conhecimento artístico é realizado por conceitos e até as próprias metáforas, tão características do discurso poético, não passam de ser um instrumento intelectual. E daí, a um passo seguinte, della Volpe não hesita: como a «intelectualidade» é comum à arte e à ciência, o problema da forma artística só se coloca ao nível

é demais repeti-la em face do seu referido ajuste de contas. Como observou Konder, em **Os Marxistas e a Arte**, o perigo capital da tese dellavolpiana no campo da estética está em que, eduzindo ele o «conhecimento artístico» e o «conhecimento científico» a uma comum intelectualidade, dá ocasião a um condicionalismo teórico no qual as potencialidades gnoseológicas da arte dificilmente poderão concorrer com a potência descobridora da ciência. A verdade é esta, e só esta: as exigências de um racionalismo anti-lukácsiano (como o de della Volpe) acaba por assumir a natureza de um intelectualismo hostil à arte.

Continua na página seis



Bodas d

A verdade é que estou cumprin «vida artística», contados desde há exactamente um quarto de século que admirei muito sinceramente, eu ia pela primeira vez a Paris. geração na Europa e era «acontecimento e espanto; espanto e um se repete e me faz inveja sempre primeira vez...

O Portinari então conhecido, até pessoalmente falado, os primeiros Picassos comovidamente vistos, num recanto do museu de Luxemburgo - e o entusiasmo desencadeou-se para a vida inteira, creio. Uma vida que entretanto foi passando e agora, com bodas ou sem elas, certamente ultrapassou os seus dois terços úteis...

O artigo sobre o Portinari apareceu num «Jornal das Artes» que então milagrosamente se publicava em Lisboa, pelas mãos dos três Calvets de Magalhães - o **Horizonte**, no ano seguinte desaparecido e que, a certa altura, quase que tive de encher sozinho, nesta falta de mão-de-obra que é problema endémico da crítica de arte, e não só dela, em Portugal. Hoje dirijo outra revista, a braços com idêntica carência, mas, embora os estímulos não estejam provocando respostas suficientes (lei de Malthus ao contrário...) há hoje mais críticos do que havia em 1946 - quando eu me encontrava praticamente sozinho a defender modernidades. Pelo menos, os que por essa altura escreviam sobre arte, todos se foram calando, com o tempo. Desinteresse, cansaço, diluição deste tempo português suave que não dá corda para muitos anos de profissão? Ai de quem não der corda a si próprio - mesmo que seja corda de enforcar! Hoje há mais três ou quatro jovens, alguns já com dez anos desta coisa, ou desta paciência; quando vejo algum deles a querer desistir, empurro-o para a frente, sem ilusões mas também sem desesperos escusados - que, afinal, a vida artística nacional não merece...

Neste correr dos anos, mudavam as artes, mudou a referida vida artística na qual, sobretudo, intervim, procurando trazer para ela o benefício de alguma experiência obtida no meio de outras, mais exigentes.

Da polémica do neo-realismo - surrealismo de 1947-50 e da longa embirração do figurativo contra o abstracto, nos anos 50 (é recordo aqui o meu adversário Nikias...), até à aceitação sempre passiva do que os jovens de hoje vão fazendo; dos quadros vendidos a 500 mil réis e a prestações a amigos, aos quadros vendidos a abstractos compradores por dezenas de contos; dos desenhos

de José-Augu

Folhetim-



ALBERTO FERREIRA

PERSPECTIVA DO ROMANTISMO PORTUGUÊS

O Romantismo português ressurgiu, neste estudo de perspetiva histórica e cultural, numa nova dimensão. Trata-se de recuperar polémicamente para a literatura oitocentista os valores que mais fundo a inquietaram e moveram. Nele se enquadram as linhas de força e tendências ideológicas e artísticas que originaram a famosa polémica **Bom Senso e Bom Gosto** e prepararam o surto da **Geração de 70**.

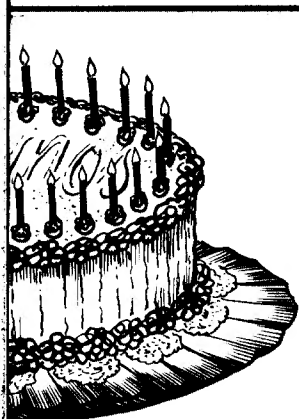
Este livro constitui um trabalho útil para o estudante e para o público interessado pelos grandes problemas da nossa literatura.

Colecção TEXTOS DE CULTURA PORTUGUESA
Volume de 280 páginas * 65\$00

EDIÇÕES 70



DISTRIBUIÇÃO:
LIVRARIA QUADRANTE
Av. Luís Bivar, 85-C
LISBOA



e Prata

Indo vinte e cinco anos desta um primeiro artigo publicado - sobre Portinari. Portinari então. Estava-se em 1946 e s. A guerra cortava a minha cimento tal viagem. Aconteci- na profunda alegria que não re que vejo ir a Paris pela

do Almada que não se vendiam a um conto de reis aos que agora se disputam cento e tantas vezes mais caros; da Gale- ria de Março (de 1952-54), aventura perdida dum crítico que era eu, dum artista que era o Fernando Lemos e emi- grou, e dum comerciante que o não era, às galerias X, Y e Z, de comerciantes que graças a Deus o são - decorreu um quarto de século.

Fui dele testemunha, e, um tanto, actor. Dramaturgo tam- bém, por vezes, e crítico das peças representadas - aprecia- do ou definitivamente antipa- zado, aplaudido ou pateado. Sujeito sabedor por suas andan- ças - ou irremediável caval- gadura, incapaz de apreciar a beleza dum capote de pedra em estátua de heroi (oh, a «es- kultura», com kapa nacionalis- ta!), a lisura dum Malta ou a tristeza duma criancinha pedin- do neo-realisticamente esmola, senão a energia informal ou a profusa habilidade de algum menos jovem confessadamente «à la page». De vários horizon- tes políticos ou de seita vie- ram-me reticências, rancores, secretos vetos e ataques mais danados. Que havia eu de lhes fazer, que posso eu fazer por eles - nesta terra onde, segun- do um quinhentista, «dá-se cá grande apreço a homens que calem», ou «minha terra de mar- inheiros, ai de quem fizer on- das»?

E ondas, valha a verdade, tenho feito, raramente por que- rer. Num mar de palha, qual- quer sopro ondula a su- perfície... Mas sobretudo tenho procurado, por jeito pedagógi- co e consciência cívica (e tam- bém para realização pessoal, como é humano), promover coi- sas, fazer vingar ideias, fomen- tar e abrir novas situações. Del- as, vi resultar umas e falhar outras.

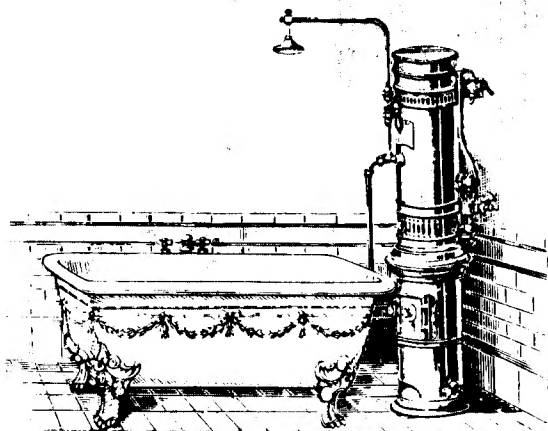
Actor e dramaturgo de várias peças, como disse, dei-me a encenações de antemão malo- gradas que importava, porém, fazer, como importava, não sei bem a quem, pregar no deserto e ao Sísifo empurrar um pedre- gulho pela encosta acima, cer- to de que ele havia de voltar a rolar encosta abaixo. Ques- tão de ironia... Mas não só: tam- bém pecha de sociólogo e de historiador que me leva a expe-

Continua na página seguinte

ustoFrança

-artístico

Os livros (lavados) de um editor na banheira



Diabos na rua a distribuir propaganda do Livro de S. Cipria- no, o editor a receber na banheira os órgãos de informação - eis dois aspectos insólitos publicitários que caracteriza- ram o mais recente lançamento editorial de Fernando Ribeiro de Mello, homem de aguçado senso comercial, aberto a ousadias espectaculares e a processos pouco ortodoxos de desenvolver o seu negócio, mas, paralelamente, um editor arrojado que imprime aos seus livros um cunho muito pessoal de apresentação e qualidade gráfica.

Não temendo o possível ridículo, lançando-se abertamente numa manobra «promocional» um tanto cabotina, sacudindo o letargo de um meio pouco imaginoso e que a si próprio impõe certas regras de conduta, Ribeiro de Mello conseguiu chamar a atenção para os seus novos livros: *Aventuras de Alice no País das Maravi- lhas*, de Lewis Carroll, em tra-

dução de José Vaz Pereira e Manuel João Gomes (este tam- bém autor das notas, que sur- gem manuscritas e se integram perfeitamente no estilo carrol- liano) e enriquecido pelas es- pantosas ilustrações de John Tenniel; *História Trágico- Marítima*, com desenhos inéditos de Cruzeiro Seixas e Eurico e reproduções do frontispício, dedicatória e licenças da 1.ª

edição, impressa em 1753;

Independentemente do seu valor cultural (e, claro, mais ainda da maneira como foram publicitados pelo editor), todos estes livros revelam um cuida- do gráfico e mesmo algumas características técnicas (sobre- tudo de paginação) de atracção visual - pouco usuais nas edições portuguesas. São por- tanto livros-objecto que ape- lam muito agradavelmente pa- ra a leitura. Isto terá que vir a crédito do editor, que, noutro plano, não se coíbe de lançar no mercado livros relativamen- te caros (ainda que não de lu- xo), acompanhando assim uma tendência que não seria de fo- mentar, dado que se dirige apenas a um certo público (ou

classe social) já privilegiado em muitos outros campos.

Mas o Ribeiro de Mello é o Ribeiro de Mello: personali- dade irritante, daliniana, misto de oportunista e comerciante,

ele é também um editor sagaz, ambicioso de qualidade e prestígio e sempre muito aten- to às exigências do seu públi- co. Está certo - porque nada está certo.



SUPLEMENTO LITERÁRIO

Aplausos & Assobios

UMA ATITUDE

Porque «mais vale tarde do que nunca» publicamos hoje, em atenção aos que a não le- ram, a carta feita publicar por Ferreira de Castro no suple- mento «Artes e Letras» do «Diário de Notícias» de 25 do mês passado:

«Senhor Director: Numa en- trevista com o dr. Eduíno de Jesus, publicada hoje no «Diário de Notícias» o meu no- me é citado entre aque- les escritores que já foram en- trevistados pela Televisão portu- guesa. Trata-se duma involun- tária confusão.

Realmente, há dois ou três anos, estando eu nas Caldas das Taipas, recebi do meu co- lega de letras Mário Dias Ramos uma carta muito gentil, pe- dindo-me uma entrevista para aquele organismo. Mas eu decli-nei o convite.

Meses depois, Jorge Amado passou em Lisboa e fui visi- tá-lo a bordo. Estava lá uma equipa da Televisão e o dr. Go- mes Ferreira, nessa época lo- cutor, pediu-me também uma entrevista, desta vez em con- junto com aquele grande ro- mancista brasileiro. Recusei igualmente. E só depois de muitas horas de insistência - e digo «muitas horas» porque a referida equipa passou quase o dia inteiro connosco - eu acedi a aparecer, em homena- gem a Jorge Amado, a conver- sar com ele, durante alguns segundos, como simples no- ta de reportagem, conforme o último pedido que me fez o dr. Gomes Ferreira. E foram, julgo eu, essas ima- gens que levaram o escritor Eduíno de Jesus, por quem te- nho aliás, muito apreço, à con- fusão a que já me referi. Essas ou outras que me disseram ha- ver sido projectadas na Televi- são portuguesa quando me de- ram um prémio em Nice. Pouco tempo depois passan-



FERREIRA DE CASTRO

do eu em frente duma livraria de Lisboa, vi romper, lá de den- tro, um grupo de operadores,

com as máquinas já a filma- rem-me e o microfone direito à minha boca: «Ainda bem que o encontramos! Queríamos saber a sua opinião sobre...». Não os deixei terminar e pe- di-lhes que inutilizassem as imagens já tomadas.

Este ano, telefonaram da Televisão para minha casa, per- guntando a que horas eu sairia para França no dia seguinte, por causa do Prémio da Latini- dade, pois desejavam filmar a minha partida.

Em virtude de tudo isso deci- di telefonar ao próprio director da Televisão, dr. Ramiro Vala- dão. E, explicando-lhe as ra- zões do meu procedimento, disse-lhe que não desejava aparecer na Televisão e pe- di-lhe que fosse atendido esse meu desejo.

Porquê esta atitude que pa- rece tão facciosa? A verdade é que as imagens e os nomes da grande maioria dos escre- tores portugueses, inclusivamen- te o grande Aquilino Ribeiro,

foram, durante anos e anos, sistematicamente suprimidos pela Telvissão de Portugal.

Sem dúvida alguma por or- dens recebidas, os operadores chegavam aos grupos onde nos encontrávamos e as suas máquinas entregavam-se a dis- criminações, por vezes autênti- cos malabarismos, para que as nossas imagens de réprobos não fossem filmadas. Nós sor- riámos-nos. Mas era vexatório, era profundamente humilhante.

Ora eu penso que, junto com a dignidade humana, há a dig- nidade profissional. E que se deve respeitar a dignidade não só dos escritores mas de toda a gente. E que ninguém deve ser excluído pela sua forma de pensar, tanto mais ser lu- gar-comum na História que al- gumas ideias, consideradas péssimas num certo período, foram tidas, no futuro, como excelentes.

É claro que eu entendo ser inteiramente compreensível que os escritores nunca atingi-

dos por tais discriminações concedem entrevistas à Televisão ou que, mesmo um dia atingidos, pensem que assim será melhor para a difusão das suas próprias ideias. Por outro lado, é também absoluta- mente legítimo que outros es- critores não tenham querido ser entrevistados.

trabalham na Televisão. Se ti- vesse, eu seria injusto, pois não lhes pertence a culpa do que sucedeu quando esse or- ganismo votava inexoravelmen- te ao silêncio os escritores considerados oficialmente in- desejáveis.

Com antecipados agradeci- mentos pela publicação destas linhas, saúdo-o, sr. Director, muito cordialmente.

Lisboa, 11 de Novembro de 1971

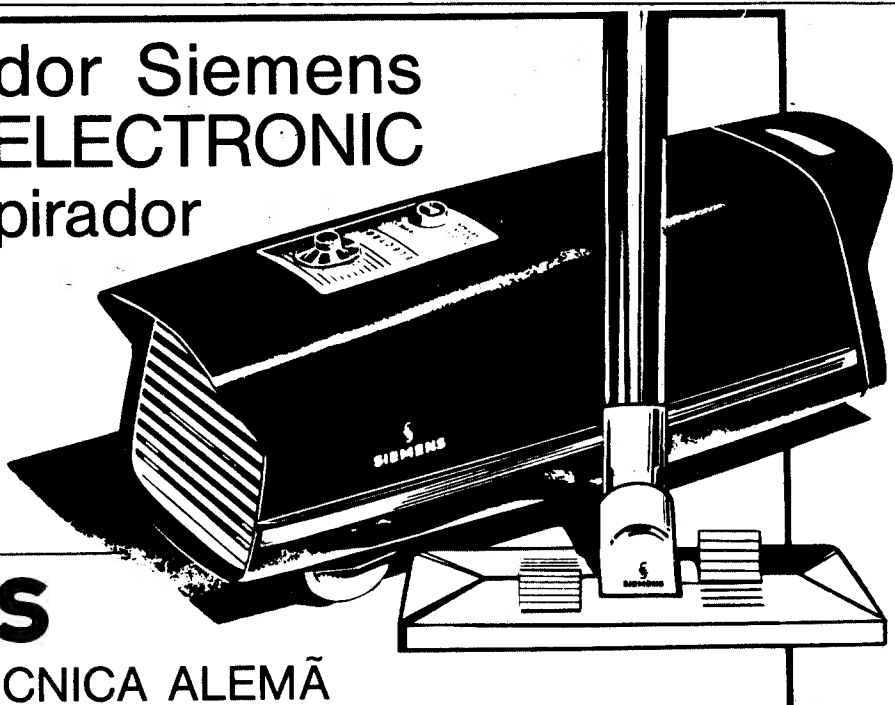
FERREIRA DE CASTRO» A transcrição integral desta carta marca, da nossa parte, o apreço que nos merece a atitu- de vertical tomada pelo escri- tor.

Novo aspirador Siemens SUPER-ELECTRONIC

O primeiro aspirador electrónico do mundo

com comando electrónico de aspiração (650 W), ajustável para cada caso: cortinados, alcatifas de lã, tapetes de fibra, veludos, tapeçarias orientais e soalhos de qualquer tipo.

SIEMENS
PRESTÍGIO DA TÉCNICA ALEMÃ



Folhetim-artístico

Continuação da página cinco

rimentar e a provocar reacções da sociedade portuguesa, para as registar depois, em cronologia elaborada (senão em livro de memórias futuras) - sabendo que aquilo que se faz é tão significativo quanto aquilo que não se faz e podia fazer-se. A história responsabiliza quem faz, quem não fez e quem não quer ou não deixa fazer, sem poder alegar inocência ou ignorância. Quando muito, falta de entendimento...)

Pessoalmente, responsabilizo-me e responsabilizo os outros - e, tenho pago caro uma e outra coisa, ao longo destes vinte e cinco anos que assim, em bodas, comemoro, entre leitores amigos - amigos, decerto, mesmo que o sejam de não sei que onças...

Publiquei aqui e algures umas centenas de artigos (mas só em Paris me ofereceram oportunidade profissional de fazer crítica de arte) e duas dezenas de livros e livrinhos (nunca aliás criticados na imprensa); organizei e apresentei salões e exposições aqui e algures também; tive o gosto de trabalhar alguns anos com P. Francastel e de obter a sua difícil amizade; pude, graças

a uma bolsa francesa (já que portuguesa me fora recusada), fazer estudos em Paris e receber dois a três diplomas de doutor (que se tornaram «in partibus infidelis»); elegeram-me lá fora para comissões e direcções de sociedades profissionais internacionais de historiadores e de críticos de arte; fiz conferências e cursos neste mundo e sobretudo no outro; andei por muitos congressos e por diante de milhares de quadros em centenas de galerias e museus. Que importância tudo isto terá, ou se valeu a pe-

na, não sei nem quero saber. Num quarto de século faz-se muita coisa e vivi, acho eu, como é normal viver, dos vinte e cinco anos aos quase cinquenta, com a sorte de poder fazer o que me apeteceu.

Sorte que em grande parte promovi, sendo individualista por feito e por natureza irónicamente distante ou indiferente às coisas - e, nada tendo para perder, nada querendo ganhar também. Isso (e Santa Apolónia ou não sei que divindade protectora da Portela de Sacavém - até que...) me proíbe qualquer queixa ou azedume contra a pátria e me evita qualquer malcabida ambição de carreira. Além da lição maior, do Almada: de, por realismo, não ter mal entendidos, pessimistas ou optimistas, com a Vida. Ao longo de vinte e cinco anos...

Ajuste de contas com a poética estrutural

PONTOS DE REFERÊNCIA

Continuação da pág. quatro

Na sua sequência - já o disse no outro tal artigo a que aludi no começo deste - um epígono do professor da Crítica do Gosto (Prestipino, autor de L'Arte e la Dialética in Lukács e della Volpe) sustentou que a arte, perante a ciência, está em caducidade tendencial irreversível. Faz lembrar a conhecida posição de Kostas Axelos, para quem a vida acabará por absorver a arte, em proveito da técnica. E isto lembra ainda - eis a contradição a que atrás aludia, verificável no anti-hegelianismo de della Volpe - que, quer ele quer o seu discípulo Prestipino (quer também Axelos) acabam por cair no abominado paraíso idealista. É que ao idealismo de Hegel é essencial o princípio de que a ciência (ou conhecimento racional) há-de superar a ar-

te (ou conhecimento sensível). Uma última observação pode ser aduzida a propósito deste «ajuste de contas» com a poética estrutural. Della Volpe, como vimos, acusou o estruturalismo de querer ser uma metodologia geral, uma ideologia contaminante. No entanto, e em contrapartida, permito-me recordar uma passagem do prefácio do meu livro Literatura, Dialética, Estrutura: «... a análise de tipo estrutural (vista como método, note-se e não como ideologia) tem permitido, em todos os campos e, portanto, no da estética, que nos afastemos das desvirtudes de uma dialéctica às cegas, vulgar e inconsequente. O método estrutural é uma conquista incontestável do pensamento moderno, ao passo que a simples ideologia estruturalista não vai além de representar uma interpretação filosófica mais ou menos arbitrária e, por isso mesmo, recusável».

A incomodidade do não enquadramento

«Não é a primeira vez que me lançam um olhar enviesado a estranheza de eu colaborar nesta revista» - assim começa Natália Correia a crónica «Para os que estranham que eu escreva no Notícia» publicada na revista «Notícia» de 4 do corrente. Para esses (os que estranham) adianta a crónica: «(...) não vejo motivo para que seja mais estranhável a minha colaboração nesta revista do que em qualquer das publicações que com paleio mais ou menos socializante têm na frente administrativa a impressão digital dos altos comandos da pecúnia organizante em sistema».

Ora, segundo Natália Correia, «só por má fé, estultícia ou ingenuidade se pode creditar hoje a qualquer órgão do género a límpida autonomia das empresas gigantes, bancárias ou outras, que gerem a informação, absorvendo-a nas suas finalidades».

«Que resta pois? O estilo. Um estilo que melhor ou pior distarça essas finalidades».

Mas Natália Correia não gosta de disfarces e não está para deixar de escrever. Assim, «do ponto de vista do escrupulo ideológico» tanto se lhe dá que a eminência parda produza sabões ou manipule fundos. Escreve, portanto, na «Notícia». Porém, sem se enquadrar: (...) nada tenho a ver com o estilo que articula a revista pois estou a pensar noutras coisas

ro, o Fernando Dacosta, o Herberto Herder?, não colaboram lá o Rocha de Sousa, o Carlos Porto, o Lauro António? estranhámos que só a Natália Correia venha a terreio explicar porque escreve na revista e afirmar, uma vez mais, o seu «descompromisso» ideológico. Não estará a ser vítima de um complexo de perseguição? Por

Aplausos & assobios

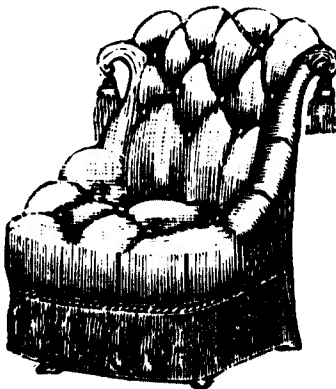
Natália Correia termina a sua crónica com uma profissão de fé sobre o «não enquadramento»: Comédias comigo não. Habituei-me a ser incómoda por não entrar nos jogos de salão de uma literatura falseada por uma politização que é a defesa dos mediocres e dos tachistas de prosa. O que está por debaixo disso é medonho. É a altura de levantar as saias aos beatos da literatura politizada que têm a casa de campo que eu não tenho mas são muito puros porque não confessam que escrevem para os produtores de sabão que financiam as páginas onde só o Marx é bom.

Nós, que lemos a «Notícia» (não trabalham lá a Edite Soei-

outro lado, e porque denuncia sem exemplificar os «beatos da literatura politizada» e «as páginas onde só o Marx é bom», justifica os nossos «comprometidos» assobios.

SEM COMENTÁRIOS

Merece transcrição, sem comentários, a seguinte passagem a um texto de João Fernandes (director-adjunto da revista «Notícia») sobre o Festival de Jazz de Cascais publicado a 4 do corrente naquela revista: Ornette Coleman, Charlie Haden e Ed Blackwell e Dewey Redman ofereceram um excelente «show» que, apesar da frieza do «free jazz», entusiasmou a assistência.



que persistentemente dizem respeito ao não enquadramento do escritor em qualquer espécie de sistema.



Para uma recepção mais calorosa, para um convívio mais íntimo

COINTREAU nas suas festas de Natal e fim de ano

COINTREAU SIMPLES OU COM GELO, É BOM



Representante e distribuidor. ANTÓNIO A. TEIXEIRA, LDA. LISBOA - PORTO



A TODOS OS COMPRADORES DO MODELO PRINZ 4 EM QUALQUER AGENTE AUDI-NSU SERÁ OFERECIDO UM AUTO-RÁDIO TOSHIBA

AUDI NSU

UM PRODUTO AUDI NSU AUTO-UNION AG.

REPRESENTANTES: SOC. LUSOLANDA, SARL - R. LATINO COELHO, 63 - LISBOA - TEL.: 53 70 74

SÓ ATÉ 31 DE DEZEMBRO oferta especial

BICICLETAS «VILAR»

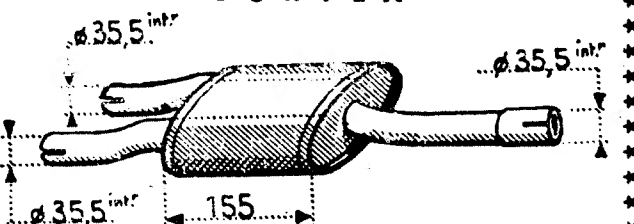


COMPLETO SORTIDO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

DISTRIBUIDOR GERAL: CICLO AREIRO ANTÓNIO CARVALHO & C., LDA.

AVENIDA ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 1-C/3-B TELEF. 72 68 70/71 03 42 LISBOA VENDAS: NO DISTRIBUIDOR E NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE BORTOX



O nosso fabrico está garantido, por processos modernos todos mecanizados assim como a montagem rápida e preços excepcionais

Consulte-nos e verá SEDE: Rua Marquês de Fronteira, 110 P. P. C. 651945-650763-680788

FÁBRICA: Rua Vitor Carlos, 10-12 - PONTINHA - Telef. 990051 SECÇÃO DE MONTAGEM DE ESCAPES: Rua do Arco de Carvalho, 75-A - LISBOA

Prontuário das Letras

ISTO MEXE

«Isto mexe», diz um amigo nosso referindo-se aos últimos acontecimentos da vida literária portuguesa. É claro que tem só parcialmente razão, porque haveríamos sempre de perguntar (em alguns casos) quem mexe, e se mexe por que mexe, e quem fica por que mexe. Mas admitamos que sim, que mexe. Vamos ser agradáveis ao nosso amigo e recapitular para seu goáudio:

— o Ribeiro de Mello mergulha numa banheira para lançar livros (cf. jornais de 16 transacto) com grande cópia de tintóis distribuídos inter pares, os quais (pares) não se fizeram rogados;

— uma pequena nota do *Notícias da Amadora* recensionista a folha mensal *Crítica* com reservas: «embora um tanto académico e muito apertado com os suplementos literários de certos jornais, não podemos deixar de saudar este esforço de crítica...»;

— respondendo a Fernando Luso Soares no *Jornal do Fundão* (12 do corrente), Jorge de Sena esclarece que não faz parte do corpo docente da Universidade de Wisconsin, U.S.A., mas da congénere da Califórnia, Santa Bárbara, U.S.A., e linhas depois, agora mesmo a sério, acrescenta: «Se desde 1965 não tenho tido qualquer participação na política portuguesa, é porque a tal me não dá direito o passaporte brasileiro que é meu documento de identidade — mas o português que sempre fui hei-de continuar a sê-lo, quer queiram, quer não queiram... toma e embrulha»;

— finalmente, e provisoriamente por agora, porque senão não passamos ao material de fundo, o Luiz Pacheco ouve regaladamente da boca de Fernando Luso Soares que é autor de «um livro dolorosamente sério, sem dúvida agitado e incómodo, mas crítico no sentido mais poderoso que reconheço nas exegeses críticas: a dissolução detergente das aparências» (*Jornal do Fundão*, data citada) e deve estar a morder-se todo porque a Eduarda Dionísio chega das tesas na moleirinha pachecal (*Crítica*, n.º

1, Novembro de 1971): «ao contrário do que se poderia supor, *Exercícios de estilo* não é um livro incómodo. Trata-se dum discurso fragmentado (...), fluente e desenvolvido, mais ou menos clássico, mais ou menos tradicional», para acrescentar, suprema demolição, que «o *Libertino* não é, antes de mais, uma pessoa bem disposta». Se calhar depois disto é que não.

Entre parêntesis: um conhecido escritor vóou até aos Açores para fazer a cobertura da chamada «cimeira». Felizmente há aviões.

ALGUMAS ESCOLHAS

Posto isto, algumas escolhas para a leitura do fiel prontuarista:

— um importante livro de poemas, *Obscuro domínio*, de Eugénio de Andrade (Editora Inova), onde o poeta finalmente reorganiza de uma fase anterior de contenção e extrema economia verbal. Algo de *Os amantes sem di-nheiro*, algo de *As mãos e os frutos* está presente neste volume entre júbilo e melancólico, limpidíssimo sempre. Eugénio de Andrade revivificado? Cremos bem que sim. Afinal a grande poesia do ano não se esgotou com *Entre duas memórias*, de Carlos de Oliveira;

— uma colectânea de textos poéticos (e outros) que surpreenderá o leitor pela perseverança experimental (comparado com ele, vário do nosso *soi disant* Experimentalismo é papel de embrulho) e por um terrível, agudíssimo humor que roça, com alguma alegre escatologia à mistura, aquela zona onde talvez já não haja humor, mas um esgar tenebroso. Autor: Albero Pimental. Título: *Os entes e os contraentes*. Edição do próprio, na falta de um emulo poético do Ribeiro de Mello;

— de Teixeira de Pascoas, o primeiro volume das suas prosas recolhido e prefaciado por Jacinto do Prado Coelho. Inclui (edição da Bertrand) *Pascoas: do verso à prosa e Livro de memórias*;

— *Morfologia Literária*, de António Cabral (Porto

Editora), esforço para levar aos alunos do ensino liceal uma série de noções que a leitura crítica já hoje não dispensa que sejam parte integrante da sua bagagem. Por vezes sente-se que o autor (poeta e professor, para quem queira saber) abandona o rigor didáctico para dar aqui e ali uma pincelada polémica. Talvez ainda não possam fazer-se estas coisas de outra forma...

UM POETA EM LISBOA

Um poeta resolve apresentar 42 obras de 26 pintores todos eles interessados em contar a cidade «onde tudo acaba em sol». O resultado chama-se *Lisboa na moderna pintura portuguesa* e o poeta é José Gomes Ferreira, grande deambulador terno desta urbe de 800 mil viventes e morrentes que o Prontuário tem defronte do nariz quando suspende um subtítulo e chega de mansinho à janela.

Não se peça a um poeta que seja crítico de pintura, mas aceite-se que ele a ame e a explique à sua maneira. Peça-se que esse poeta escreva exaustivamente sobre as gentes, os lugares, os gestos (o gesto de pintar também). No fim, que outra lição tem sido a de José Gomes Ferreira senão a de misturar-se connosco e acomodar-nos em palavras? Em tempo: o livro (da Artis) é muito belo. A editora anuncia-o como sendo «o livro deste Natal 1971». Pois seja, que outros sem Lisboa dentro fingem demasiado.

NAMORA: 118 MIL

Domingo à tarde, de Fernando Namora, acaba de atingir os 118 mil exemplares com a reedição nos livros de Bolso Europa-América. Escassos dez anos bastaram para este platônd invulgar. É certo que o romance de Namora foi cinematizado e, mais importante ainda, recebeu o Prémio José Lins do Rego, mas os números agora divulgados são tão surpreendentes que julgáramos estar na pátria do Goncourt ou do Booker Price. Na linguagem crua dos números, *Domingo à tarde* está quase a ser lido por duas vezes a população de Coimbra.

Jorge de Sena ao ataque

Transcrevemos, com a devida vénia, parte da carta enviada ao «Jornal do Fundão» (de 12 do corrente) por Jorge de Sena, em resposta a uma crítica de Fernando Luso Soares publicada naquele jornal e que versava um poema basto rebarbativo feito publicar no «Diário de Notícias» pelo conhecido poeta, ensaísta e professor.

«(...) É uma total mentira que eu não tenha tido sempre uma posição política definida, pela qual durante mais de vinte anos joguei a minha segurança e a dos meus - apenas ela (re-

publicana e socialista) nunca se pautou pela obediência aos ditames de quaisquer partidos ou agrupamentos, a que nunca pertenci nem pertenço, mas com os quais nunca recuei de colaborar por vezes em circunstâncias bem graves. Há mais de trinta anos, todavia, que é parte do jogo de des-



crédito contra intelectuais independentes o apresentá-los como «a políticos», como «anti-lismo» (em literatura de favores literários, sim, que o sou), enquanto outros que notoriamente jamais arriscaram coisa alguma passavam por sacrificados heróis. Tudo isto e mais, porém, faz parte da História a ser escrita um dia, e em que me não consta, pelo conhecimento directo que tive dela, que a maior parte desses senhores tenha sido dramaturgo, encenador, actor ou figurante de peças que não chegaram a subir à cena. Se desde 1965 não tenho tido qualquer participação na política portuguesa, é porque a tal me não dá direito o passaporte brasileiro que é meu documento de identidade - mas o português que sempre fui hei-de continuar a sê-lo, quer queiram, quer não queiram. E mais não é necessário esclarecer, porque o meu poema em causa - como se viu - já dissera certamente o resto. (...)

Assobiamos pelo facto de Jorge de Sena ter como seu documento de identidade um passaporte brasileiro.

E agora um ramalhete de florilégios

Nuno de Sampaio, a propósito dumas histórias de J. Paço d'Arcos publicadas na «Verbo» (supl. «Literatura e Arte» de «A Capital» de 8 de Dezembro):

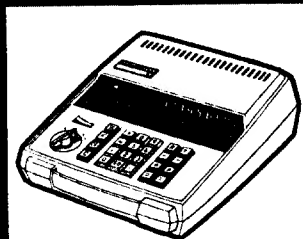
«(...) Não pratico a denegação, essa peste de amargos, fácil e vil. Mas quando examino livro ou estudo autor, procuro re-ferir a imagem dele que entendo verdadeira e que pode (talvez como sou) ser falsa ou deformada. Considero Paço d'Arcos um escritor de mais relevo sociológico que literário ou estilístico; — mas que sabe narrar uma peripécia, interessando, prendendo e até fascinando. «venâncio» confirma (...).

«(...) Da linha horizontal da língua que todos falam e que todos escrevem, levanta-se, às vezes, vertical, o alto ipro de uma grande prosa: recentemente Aquilino Ribeiro, Tomás de Figueiredo, Vitorino Nemésio, Agustina Bessa Luís (...).

«(...) Estou, independente, a criticar, pois não me permito crítica serva de simpatias ou vassala de ideologias; se independência não pudesse, ia plantar vergéis que floríssem odores e soassem sortilégios (...).

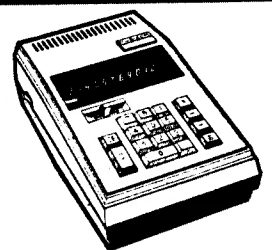
Pois então não querem lá ver que, de pera-e-bigode, punho de renda e pena de pato, aqui estamos a aplaudir? Agora chamem-nos amargos, fáceis e vis...

Três belas máquinas electrónicas BUSICOM



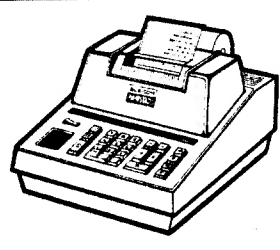
BUSICOM 121 DB:

UMA MÁQUINA PORTÁTIL COM UMA MEMÓRIA DE 12 DÍGITOS FACTOR CONSTANTE E DECIMALIZAÇÃO AUTOMÁTICA



BUSICOM JUNIOR:

A MAIS PEQUENA CALCULADORA ELECTRÓNICA



BUSICOM 121 PA:

CALCULADORA-IMPRESSORA AO PREÇO DE UMA SOMADORA VULGAR

SOC DE REPRESENTAÇÕES

SIDA - SUECA, LDA.

R. DE S. NICOLAU 17 TEL. 261 41 11 LISBOA



Raleigh «CHOPPER»

BICICLETAS

- Raleigh
- MOTOBÉCANE
- Triumph
- e nacionais

O mais fabuloso sortido para crianças e adultos

ARMANDO CRESPO & C.ª LDA

116, Rua do Crucifixo, 124

Telef. 32 70 27

CRESPO & BORGES, LDA.

Rua Cândido dos Reis, 58

Telef. 23 259

PORTO

PARA O SEU LAR O SOL NO INVERNO

IRRADIADORES A GÁS, CATALÍTICOS E INFRAVERMELHOS

- sem perigo
- segurança total
- sem cheiro
- económicos
- beleza de linhas
- temperatura regulável
- alto padrão técnico

A VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS representantes exclusivos:

RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa — R. António Enes, 20-1 — Tel. 56 34 16
Porto — Av. Dr. Alfredo de Matos, 90 — Tel. 26 902

Por ROCHA DE SOUSA

A importância de saber sonhar

Tento transmitir através da minha pintura uma realidade subjectiva, obediente e submissa a uma série de leis próprias que têm bastante mais a ver com o mundo dos sonhos (não só dos meus sonhos, dos de todos nós) do que com a realidade quotidiana, regida implacavelmente pelo tic-tic do relógio, pelos horários dos comboios e dos cinemas, pelos conceitos de dimensão e de lugar, pelos preconceitos de «adulto» de que todos somos vítimas... Pode acontecer num quadro meu que um rapazinho carregado de jornais surja do espaço com um ar atarefadíssimo e se dirija, por exemplo, a uma forma redonda que parece um sol e que deveria estar no céu, mas não, está no mar. Dessas aparentes incongruências surge uma outra dimensão: a do nosso mundo interior. Nada, mas nada, limita a nossa imaginação nem nos impede de tentar criar situações em que a nossa lógica de seres humanos pensantes (como diria o Brases!) é violentamente sacudida... É isso o que tento conseguir através da minha pintura: sacudir o mais possível os que defendem o conceito duma realidade indiscutível, sem problemas e sem dúvidas.

LEONOR PRAÇA
(entrevista no jornal «Beira Baixa»)

A morte prematura de Leonor Praça, numa altura em que para a sua obra se voltavam alguns olhos surpreendidos, veio lançar sobre o destino da



pintora a vibração emocional da consternação. «Leonor Praça tinha uma biografia, seria possível datar a sua existência, historiá-la os 34 anos de uma vida tão rica, citar os testemunhos que a acompanharam desde a sua primeira exposição, ainda criança. Os números, as datas, os comentários não podem traduzir o que nela havia de mais importante: esse dom admirável e raro de ser inteira em cada coisa». Homenagem póstuma, a exposição de pinturas inéditas de Leonor Praça, agora inaugurando uma nova galeria de arte, vem reforçar a emoção dos amigos, descrever um itinerário de amor onde o maravilhoso refaz a poética das coisas simples, e embaraçar o acto crítico.

Mas as próprias palavras da pintora, e o sentimento que encerram, podem ajudar-nos a encontrar a chave essencial para a leitura da sua obra. Se tais palavras não nos libertam por inteiro do peso de uma morte absurda, apesar de reflectirem a consciência de que a vida não se tece apenas na dimensão do concreto, favorecem pelo menos um diálogo mais objectivo com o legado de Leonor Praça: a sua obra ainda viva.

O projecto desta mulher sensível, para quem a infância assumia uma importância fundamental referia a não limitação do acto imaginativo, o

desejo de desacreditar a lógica murada das nossas relações quotidianas e a necessidade de recorrer a uma outra espécie de dimensão, uma dimensão salvadora, a dimensão do sonho. Leonor Praça ligava pouca importância à realidade cultural das correntes artísticas modernas. Ou melhor: não procurava aproximar a sua forma da forma que tais correntes propõem. Era de dentro de si própria que retirava as imagens do seu mundo pictórico, aceitando um estatuto de liberdade que se media apenas pelo movimento interior da sua imaginação. A obra de Leonor Praça escapa assim às identificações que usualmente traçamos no nosso espaço cultural e a um plano crítico esteticamente fechado parecerá carecida de especial significado. No entanto, essa obra revela que a autenticidade de uma paixão, sobretudo de uma paixão, nada tem que ver com os «limites» hoje traçados à investigação plástica. O caso de Leonor Praça (e eis um momento em que a palavra caso nos parece justificada) representa a fidelidade a uma paixão pelas coisas íntimas

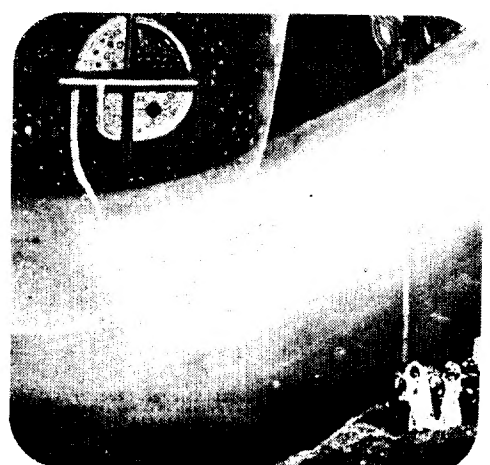
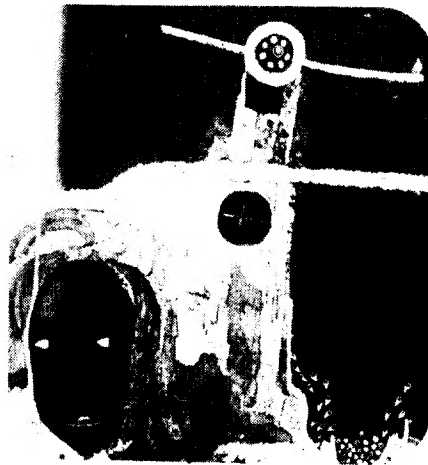
do mundo do artista, a sinceridade em confessá-las e em narrá-las, a certeza de que esse tipo de comunicação, embora sufocada muitas vezes pelo estrangulamento da vida quotidiana, vale bem a pena contra os modos de uma proposição cultural que é simultaneamente mais agressiva e mais alheia ao sentir humano.

A trajectória da pintura de Leonor Praça é regular e perfeitamente coerente com a sua vida de ilustradora, onde chegou a notabilizar-se. O rapazinho carregado de jornais, que salta absurdamente para um sol marítimo, dá-nos uma primeira referência das imagens que podem animar e humanizar as paisagens da autora - paraísos perdidos (ou talvez reencontrados) onde a luz quente emerge de um espaço profundo e onde as coisas se suspendem como gotas de orvalho, regidas por novas forças e por novas leis. As recolhas de Leonor Praça têm assim um sentido particular nas novas relações que imediatamente tecem. Tais recolhas englobam os sinais, ou seres, de um universo metafórico onde o maravilhoso se casa com a memória

ainda reconhecível de uma vida comum já vivida. Crianças, velhos, anões, palhaços, aves, bichos ou seres imaginários, círculos solares, auras misteriosas, colinas agrestes ou povoadas de flores irreais, gotas de uma chuva celeste e nuvens luminosas, astros de papel e casas de bonecas, rostos sem corpo e destros de objectos sem nome, tudo isso se mistura e confronta nesta pintura feita com minuciosa atenção, num jogo permanente organizado entre a colagem isolada e a textura porosa do pastel ou as tintas profundas de um céu nocturno. Esse céu (ou talvez mais propriamente esse fundo) torna-se suporte quase invariável das aparições mágicas que a pintora promove, no gesto laborioso e encantatório. O fundo é o espaço da realidade do sonho, um espaço onde as flores podem ser rostos de crianças, as estrelas uma chuva de orvalho ou de cristais, as nuvens um mundo de seres alados ou a explosão caleidoscópica de maravilhas quotidianamente inacessíveis. Suporte primeiramente pictórico, o fundo contém uma base plástica de natureza abstracta. Mas essa base, trabalhada em contrastes cromáticos, concretiza-se progressivamente, da distância para a superfície, em zonas figurativas, em zonas onde já é possível reconhecer a construção de paisagens que à nossa própria experiência se referem, mas repousando apenas na noção de uma vida imaginária, fóra do nosso espaço e do nosso tempo, e no entanto carregada de apelos que mergulham no mundo maravilhoso da infância ou na memória de

uma antiguidade impossível de objectivar. Passando para a superfície, para um «vidro» que àquele universo se sobrepõe, Leonor Praça tece então a narrativa sensível dos seus próprios sonhos, ilustrando-os no limite da comunicação gráfica através de sucessivas colagens e relacionando de forma inesperada seres e coisas apostas. A colagem não resulta aqui de uma simples multidão de reproduções conhecidas: a tesoura que destaca as figuras do seu contexto próprio é manobrada com ironia do rigor, recorta pacientemente os contornos, confere às imagens assim segregadas uma evidência súbita e um eficaz efeito de provocação. Um efeito de provocação que é portanto, e também, um efeito de surpresa. Toda a pintura de Leonor Praça é narrativa, é ilustrativa, mas isso não a impede de propor um mundo de coisas novas, ou de novas relações, a cada movimento de apropriação que lhe dirigimos. O sol, a lua, os astros, as flores, a terra, as crianças, tudo isso se exprime simbolicamente no quadro das mensagens que a autora procura construir. Mas o imprevisto das relações destrói os vícios das nossas habituais pre-disposições: percorrendo aquele itinerário de nostalgia e de amor, a narrativa de uma crença na força dos mundos imaginários, somos forçados a reflectir sobretudo no valor e no significado da aventura poética - ou (também) na vocação moral de uma pintura que se enche a cada instante de uma enorme vontade de paz, sonho e fábula em torno das nossas pequenas relíquias e das nossas fraquezas secretas.

Artes Visuais



Artes Visuais

PRONTO PARA LER

PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE: O direito à preguiça, de Paul Lafargue, col. Diálogo; A lógica da vida, do «Nobel» François Jacob, e O fim da História, de Henri Lefèvre, ambos na col. Universidade Moderna; Vietname antes da paz, de Ngo Cong Duc, Mai Van Bo, Cao Huy Thuan, Jean Lacouture e outros, Cadernos D. Quixote.

BERTRAND: Quando

nasci na minha morte, romance de José da Câmara Leme. O livro ficou pronto no dia em que o autor morreu num desastre de viação.

EDITORIAL VERBO: A alimentação na Antiguidade, de Don e Patrícia Brothwell, e Roma republicana, de A. H. McDonald, ambos na col. História Mundi.

MANUEL DUARTE (distribuição da Livraria Júlio Brandão, de V. N. de Fa-

malicão): Memórias de um operário, 2.º volume, de José Silva.

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO: O vale da Lua e Aventura, de Jack London, na série das obras do escritor; Eu e a General Motors, de Alfred P. Sloan Junior; Aconteceu em Arles, de Mabel E. Allan, e Quatro crianças e um cão, de Hilda Van Stockum, ambos na Série Juvenil Civilização.

MULTINOVA: Participação na empresa, actas

do IV Encontro Anual da ACDP (Lisboa, 5 a 7 de Novembro de 1970).

PUBLICAÇÕES EURO-PA-AMERICA: Curso de Sexologia, de Serge Monjeau, col. Biblioteca do Homem e da Mulher; Amor numa rua escura, de Irwin Shaw, col. Século XX.

CLÁSSICA EDITORA: Psicossociologia das empresas, de André Le Gall, na série dos Cadernos de Organização do Trabalho.

EDIÇÃO DO AUTOR: A minha experiência russa, de Eurico Gama (Braga).

Noticiário

CASA MAX

Electrodomésticos

TUDO PARA VOSSA CASA

APARELHOS PARA SOM, MÚSICA E GRAVAÇÃO NA

CASA MAX

COMPRA MAIS COM

MENOS DINHEIRO

MAIOR PRAZO

VISITE OS NOSSOS 4 ESTABELECIMENTOS

2. Av. Praia da Vitória, 2-C

GRAVADORES · RÁDIOS · AUTO-RÁDIOS
ELECTROFONES · ALTA FIDELIDADE
TELEVISÃO · EMISSORES-RECEPTORES
ASPIRADORES · FORNOS ELETRÓNICOS

SHARP
está onde está a alegria

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PAPELARIA

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião, 64-66.

COMO PRESENTE DE NATAL OFEREÇA COIARIS DE PEROLAS

MAJORICA
HEUSCH

FAMOSAS EM TODO O MUNDO
À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

